



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**JÉSSICA JAMILLE FERREIRA DA COSTA**

**CRESPO E CACHO PERFEITO?** Os sentidos atribuídos à transição capilar por  
influenciadoras digitais

**Recife,**

**2022**

JÉSSICA JAMILLE FERREIRA DA COSTA

**CRESPO E CACHO PERFEITO? Os sentidos atribuídos à transição capilar por  
influenciadoras digitais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Sociologia. Área de concentração: Mudança social.

Orientador: Prof. Drº Gustavo Gomes da Costa Santos

RECIFE

2022



.Catalogação de Publicação na Fonte. UFPE - Biblioteca Central

Costa, Jessica Jamille Ferreira da.  
Crespo e cache perfeito? Os sentidos atribuídos à transição capilar por influenciadoras digitais/Jessica Jamille Ferreira da Costa. - Recife, 2022.  
134f.: il.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2022.  
Orientação: Gustavo Gomes da Costa Santos.  
Inclui referências.

1. Transição capilar; 2. Identidade negra; 3. Reconhecimento; 4. Empoderamento; 5. Influenciadoras digitais. I. Santos, Gustavo Gomes da Costa. II. Título.

UFPE-Biblioteca Central

## AGRADECIMENTOS

O processo de escrita dessa dissertação acabou sendo mais desgastante do que eu imaginei a princípio. Na verdade, acreditei durante muito tempo que não conseguiria sequer passar da fase de seleção do mestrado por achar que isso era algo inatingível, sensação que piorava ainda mais devido ao ambiente de incertezas e hostilidades que nós pesquisadores vivenciamos nos últimos anos. Agora, findado esse processo, pareço não acreditar que consegui concluir essa etapa. Os últimos três anos foram bastante desafiadores, onde precisei mais do que nunca me redescobrir e reinventar diante de obstáculos pessoais e dificuldades que todos passamos nesse período pandêmico.

Primeiramente, agradeço aos meus pais Miriam e Ismael por toda a dedicação e esforços durante toda a minha vida. À minha mãe pelo apoio imprescindível nos inúmeros momentos em que a ansiedade, o medo e a incerteza pareciam me dominar. Seu amor e carinho nas situações mais complicadas me fortaleceram e me fez acreditar na minha capacidade poder chegar até aqui. Ao meu pai pelo suporte e incentivo aos estudos desde sempre.

Aos meus irmãos Felipe e Mayara pelo carinho durante esse caminhar. A Felipe por, desde a minha infância, ser uma grande referência pra mim e fonte de inspiração pela sua resiliência e esforço, além de me apoiar muito em todos os meus objetivos. O mesmo ocorre com Mayara, irmã com quem compartilho grandes aprendizados e apoio mútuo no decorrer de nossas jornadas. Ao meu cunhado Felipe Karnakis pelo afeto e gentileza que tem demonstrado nesses últimos anos que passou a ser parte de nossa família.

Às minhas amigas por todo apoio durante todo esse período. À Rayanne agradeço pelo companheirismo nos mais de vinte anos de convivência próxima, compartilhando os momentos incríveis desde a infância. À Bruna pela amizade desde o ensino médio, onde de lá até aqui pudemos crescer e compartilhar conquistas e momentos felizes e desafiadores. À Thainná por ter sido uma grande parceira durante os anos de graduação na UFRPE, pelo suporte dado em vários momentos difíceis para nós duas.

Agradeço aos meus familiares, tios e primos, especialmente na figura da minha tia Sônia que sempre desejou tudo de melhor pra todos nós, seus sobrinhos. Obrigada pela dedicação e exemplo que exerce na nossa família.

Agradeço a minha terapeuta Luciana pelo amparo dado durante os últimos dois anos, ajudando a me compreender melhor e no aprendizado ao lidar com minhas limitações.

Aos colegas da PPGS pelo acolhimento e apoio mútuo durante o período do mestrado, mesmo sendo curto o tempo em que tivemos convivência. À própria PPGS e a UFPE pelo apoio aos alunos durante a pandemia e pelo bom senso na flexibilidade dos prazos para a conclusão das atividades. Ao meu orientador, Prof. Gustavo, pela compreensão, paciência e dedicação junto a mim para desenvolver essa dissertação.

À Facepe e a Capes pelo fornecimento de bolsa durante esse período, assim como a sua prorrogação.

Por fim, dedico este trabalho a duas mulheres de extrema importância na minha vida e que partiram junto ao plano espiritual durante o desenvolvimento deste trabalho. Para tia Ana Maria a quem eu sempre agradeço todo o amor, afeto e carinho que dirigiu a mim por toda a minha trajetória, assim como aos meus irmãos. E para minha avó Maria de Lourdes, vovó Nega. Em inúmeros momentos enquanto escrevi essa pesquisa, eu a tive como referência já que, como uma mulher negra que passou ao longo da vida por várias situações de racismo, acabou aprendendo a não gostar do seu cabelo crespo.

Esse trabalho foi uma forma de expressar o quanto eu desejo que a realidade vivenciada pela minha avó não seja a mesma para outras mulheres, que o racismo e a opressão de gênero não prosperem ao ponto de criar dentro de nós um sentimento de rejeição às nossas características físicas, de inferiorização. E, dessa forma, me orgulho em ser a primeira neta pós-graduada de uma mulher de pouco estudo, mas de uma sabedoria gigantesca. Alguém que me ensinou a sempre buscar minha independência, a ser livre. Mesmo que ela não entendesse muito bem minha profissão, me apoiava muito e eu gostaria tanto de poder mostrar esse trabalho pra ela. Pena que não deu tempo, mas sei que de onde estiver estará sempre torcendo por mim. Gratidão por tudo vovó Nega!

## RESUMO

A presente dissertação tem como propósito compreender os sentidos atribuídos à transição capilar por parte de cinco influenciadoras digitais negras brasileiras que dedicam boa parte da produção de seus conteúdos a esta temática. Buscou-se levantar os aspectos limitantes e as possibilidades da transição capilar na luta contra o racismo contidas nos discursos destas influenciadoras. A maior visibilidade que crespas e cacheadas ganharam por parte do mercado de cosméticos nos últimos anos, devido à popularização da transição capilar principalmente no ambiente virtual, possibilitou a ampliação dos conteúdos relacionados ao tema, assim como a associação entre empresas de cosméticos e influenciadoras digitais na promoção de linhas e produtos específicos para o público crespo/cacheado. Algo que, anteriormente, não se verificava uma vez que predominava o padrão de beleza voltado para os cabelos alisados. Dessa forma, esta investigação buscou retomar as origens históricas e sociológicas a respeito da adjetivação negativa dada aos traços negros (resultado do racismo estrutural), trazendo as contribuições de autores como Florestan Fernandes e Lélia González. Também são apresentadas algumas iniciativas que buscaram quebrar com este paradigma no decorrer do século passado, dentro do contexto brasileiro. Além disso, são expostos os elementos e significados em disputa relacionados à transição capilar no que se refere às questões interseccionais entre gênero e raça, reconhecimento da identidade negra, noções de empoderamento, a relação entre o processo de transição com o consumo, a possível reprodução de padrões de beleza, entre outros elementos estes vinculados com aspectos presentes nas falas das influenciadoras digitais analisadas. Utilizando da metodologia de análise crítica do discurso, foram analisados os conteúdos de vídeos produzidos pelas influenciadoras selecionadas na plataforma Youtube entre os anos de 2014 a 2019 sobre transição capilar.

**Palavras-chave:** Transição capilar; identidade negra; reconhecimento; empoderamento; crespo; cacheado; influenciadoras digitais.

## ABSTRACT

The purpose of this dissertation is to understand the meanings attributed to the hair transition transitioning by five black Brazilian digital influencers who dedicate a good part of their content's production on this topic. The work sought to raise the limiting aspects and possibilities of hair transitioning in the struggle against racism contained in the speeches of these influencers. The greater visibility that Afro kinky and curly hairs have gained from the cosmetics market in recent years, due to the popularization of hair transitioning, mainly in the virtual environment, made it possible to expand the contents related to the topic, as well as the association between cosmetics companies and digital influencers in the promotion of specific lines and products for the public with Afro kinky/curly hair. This was not previously verified since beauty standards focused mainly on straightened hair. Thus, this investigation sought to retake the historical and sociological origins regarding the negative adjective given to black traits (result of structural racism), bringing the contributions of authors such as Florestan Fernandes and Lélia González. The research has also presented some initiatives that sought to break with this paradigm during the last century, within the Brazilian context. In addition, the elements and meanings in dispute related to the hair transitioning are analyzed with regard to intersectionality between gender and race, the recognition of black identity, notions of empowerment, the relationship between the transition process with consumption, the possible reproduction of beauty standards, among other elements linked to aspects present in the speeches of the analyzed digital influencers. By using the methodology of critical discourse analysis, the research analyzed of videos contents produced by the selected influencers on the Youtube platform between 2014 and 2019 on hair transitioning.

**Keywords:** Hair transitioning; black identity; recognition; empowerment; Afro kinky; curly; digital influencers.

## **LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - Ana Lídia Lopes.....	80
Figura 2 - Rayza Nicácio .....	80
Figura 3 - Steffany Borges.....	81
Figura 4 - Nátaly Neri.....	81
Figura 5 - Amanda Mendes .....	82
Figura 6 – Tipos de Cachos .....	112
Tabela 1 - Canais do Youtube .....	79

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>CAPÍTULO 1- RACISMO ESTRUTURAL E MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL.....</b>	<b>19</b>
1.1	Faces do racismo estrutural no Brasil: a invisibilidade da mulher negra e os estereótipos relacionados à sua imagem.....	19
1.2	“Ô preta, não se esqueça! Seu cabelo não é ruim, seu cabelo é uma beleza!”- Os processos de quebra de padrões estéticos racistas.....	33
<b>3</b>	<b>CAPÍTULO 2- TRANSIÇÃO CAPILAR: ELEMENTOS E SIGNIFICADOS EM DISPUTA .....</b>	<b>44</b>
2.1	A transição capilar: instrumento de afirmação e reconhecimento da identidade?.....	44
2.2	A transição capilar em diálogo com o conceito e empoderamento e interseccionalidade .....	54
2.3	O cabelo crespo/cacheado está na “moda”? A transição capilar na perspectiva do consumo e das redes sociais .....	65
<b>4</b>	<b>CAPÍTULO 3- METODOLOGIA: CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS .....</b>	<b>72</b>
3.1	Construção do <i>Corpus</i> .....	75
3.2	Metodologia de Análise do <i>Corpus</i> .....	82
<b>5</b>	<b>CAPÍTULO 4- TRANSIÇÃO CAPILAR E TRANSIÇÕES “SECUNDÁRIAS”.....</b>	<b>84</b>
4.1	Racismo e transição capilar.....	84
4.2	O reconhecimento enquanto pessoa negra .....	93
4.3	Compreensão do Racismo.....	99
4.4	Transição Capilar e a feminilidade .....	103
4.5	Dimensões sobre Empoderamento.....	107
<b>6</b>	<b>CAPÍTULO 5- AS RELAÇÕES TRANSVERSAIS À TRANSIÇÃO CAPILAR .....</b>	<b>111</b>

5.1	Hierarquização de cachos e “transição capilar obrigatória”.	111
5.2	Vinculação com empresas de cosméticos e compreensão sobre consumo	116
5.3	“Você tá assumindo o cabelo que Deus te deu!”: Transição Capilar na perspectiva da fé	119
<b>7</b>	<b>CONCLUSÃO</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>		<b>130</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou analisar os significados atrelados à transição capilar, por parte de influenciadoras digitais brasileiras que abordam essa temática na produção de seus vídeos na plataforma Youtube. A compreensão a respeito deste tema se justifica pela ampla popularização que a transição capilar tem ganhado no ambiente virtual nos últimos anos, gerando também uma maior visibilidade para o público crespo e cacheado dentro do mercado de cosméticos.

O aumento dessa visibilidade também se refletiu no âmbito das redes sociais, com o surgimento de vários perfis, canais, blogs, páginas na web, entre outros que passaram a se dedicar aos variados aspectos da transição capilar, entendida enquanto o processo de retorno do uso do cabelo natural após a utilização prolongada de químicas que alteram a estrutura capilar.

Nesse sentido, observa-se que a interação gerada pela transição capilar no ambiente virtual reflete o crescimento de criadores de conteúdo digital sobre esta temática. Outro aspecto relevante desse cenário refere-se ao interesse que marcas de cosméticos passaram a ter no nicho de pessoas crespos/cacheadas ao se associarem à imagem de influenciadoras digitais na divulgação de seus produtos, aspecto este que associado à ampla visibilidade alcançada nas redes sociais, acaba consolidando um caráter profissional para estas criadoras de conteúdo.

Pelo fato de ter passado pela transição capilar e vivenciar todas as nuances envolvidas durante este processo, a concepção desta pesquisa surgiu no sentido de investigar os aspectos limitantes e as possibilidades construtivas, no que concerne à luta contra o racismo no Brasil, dos discursos empregados por influenciadoras digitais negras sobre os sentidos atribuídos à transição capilar antes, durante e depois de seu término. É dessa forma que se apresenta o objetivo geral desta investigação.

A transição capilar vem ganhando espaço nos últimos anos no âmbito das pesquisas acadêmicas. Como afirma Gomes (2006) o cabelo se caracteriza por ser um dos elementos de relevante visibilidade e destaque do corpo, algo que se reflete em todo e qualquer grupo étnico estando passível de novas formas sua manipulação, de como é enxergado nos mais variados contextos e épocas. Gomes (2006) também ressalta sobre o tratamento dado ao cabelo em seu aspecto simbólico aonde a presença de uma relação que vai do particular ao universal transforma esse elemento corporal como importante ícone identitário.

A transição capilar insere-se nesse universo por se tratar de um mecanismo que busca, entre outras motivações, ressignificar a relação que um determinado indivíduo possui com os cabelos naturalmente crespos ou cacheados e que esteve sujeito à ação de tratamentos químicos

que alteraram seu aspecto original. Além disso, sua ampla popularização dentro do ambiente virtual e popularização ajuda a explicar o aumento do interesse que empresas de cosméticos passaram a ter voltado para o público consumidor crespo e cacheado, algo que não era tão perceptível. Esse público consumidor esteve durante muito tempo, no contexto brasileiro, bastante à margem na promoção de produtos voltados para seu tipo de cabelo, ou até mesmo completamente invisibilizado por esse mercado.

Nesse sentido, a adesão por parte de empresas de cosméticos as pautas relacionadas à transição capilar e da valorização do cabelo crespo e cacheado se mostra pertinente para este segmento do mercado, promovendo um discurso pautado pela diversidade e respeito às diferenças étnicas, uma vez que, historicamente no Brasil, o cabelo crespo e cacheado frequentemente foi associado a termos pejorativos e preconceituosos, sendo alvos de constantes adjetivos negativos.

Embora a ampla visibilidade trazida pela transição capilar para o público crespo e cacheado seja inicialmente positiva, pode-se perceber que ainda há a persistência de discursos que evidenciam os efeitos do racismo estrutural presentes no contexto brasileiro, inclusive em circunstâncias que afirmam propagar a pluralidade e o enaltecimento dos traços negros. Como aborda hooks (2019), há o perigo de certo mascaramento do racismo na sociedade contemporânea quando se substitui o reconhecimento de sua existência pela evocação do discurso da diversidade, quando realizado de forma vazia.

Denominado “Racismo Estrutural e movimentos de resistência da população negra no Brasil”, o capítulo 1 se dividiu entre os subtítulos “Faces do racismo estrutural no Brasil: a invisibilidade da mulher negra e os estereótipos relacionados à sua imagem” e “Ô preta, não se esqueça! Seu cabelo não é ruim, seu cabelo é uma beleza<sup>1</sup>!”. Os processos de quebra de padrões estéticos racistas”. Na primeira parte buscou-se retomar as origens da associação negativa dada aos traços negros, como o cabelo, por exemplo, no contexto brasileiro. Trazendo reflexões de Florestan Fernandes (2008), Neuza Santos Sousa (1983), Lélia Gonzalez (2020), entre outros autores, nesta parte foi descrita como a dimensão estrutural das variadas formas de desigualdades relacionadas à raça auxiliam na explicação dessa adjetivação negativa.

A defesa da percepção de que o contexto social brasileiro é pautado por uma espécie de “democracia racial” (Freyre, 2003) é vista com criticidade por esses autores, pois ajuda de certa maneira a camuflar aspectos relevantes do racismo estrutural presente no Brasil. Um desses aspectos se relaciona justamente com relação à rejeição dos traços negros, fator que possui

---

<sup>1</sup> Trecho da música “Ô preta” do grupo pernambucano Côco dos Pretos.

consequências em dimensões sociais, econômicas, entre outras, principalmente para a mulher negra. Nesse sentido, foram trazidas as contribuições de Gonzalez (2020) sobre as opressões nas quais a mulher negra brasileira está historicamente sujeita, complementada pelas ideias de Fernandes (2008) sobre a situação de marginalização na qual a população negra foi relegada após a abolição da escravatura, onde descreve a preservação de uma ideia de superioridade da raça branca. Ainda sob esse aspecto, foram expostas também as contribuições de Sousa (1983) e Costa (1983) sobre a presença de uma negação da identidade negra, algo que potencializa o cenário de prevalência dos traços brancos como o padrão de beleza ideal a ser atingido. Dentro dessa perspectiva, também se faz presente como a negação da identidade afeta mulheres negras em áreas como o trabalho, por exemplo, onde a ideia de “boa aparência” corresponde a proximidade do padrão estético branco, como aponta González (2020).

Além disso, esta parte da dissertação também trata sobre como a vinculação negativa dada à mulher negra brasileira e aos seus traços físicos produziu uma visibilidade escassa e na muitas vezes ligada a estereótipos que corroboram ainda mais o racismo estrutural, algo que reforça uma imagem distorcida da mulher negra (Collins, 1991).

A segunda parte deste capítulo apresenta algumas iniciativas que buscaram quebrar com os estereótipos e adjetivos negativos vinculados à mulher negra desde os primórdios do século XX no Brasil. Desde a elaboração de concursos de beleza mais pautados pela postura moral em detrimento a aparência com o objetivo de desvincular a mulher negra de uma ideia de sexualização, até eventos promovidos por movimentos sociais de valorização dos traços negros como ato de resistência (Braga, 2015).

Além disso, há certa persistência de uma visão negativa dos cabelos crespos e cacheados dentro de algumas dessas iniciativas, sobretudo naquelas ocorridas nas primeiras décadas do século passado, quando o cabelo, para ser considerado bonito, preferivelmente deveria ser alisado para estar dentro dos padrões impostos à época. Situação diferente de iniciativas como a Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê onde o cabelo crespo/cacheado é extremamente valorizado e motivo de orgulho (Gonzalez, 2020), demonstrando as constantes ressignificações que o cabelo possui na forma como negros e negras o enxergam (Gomes, 2006).

O capítulo 2 se intitula “Transição Capilar: elementos e significados em disputa” e foi dividido em três subitens: “A transição capilar: instrumento de afirmação e reconhecimento da identidade”; “A transição capilar em diálogo com o conceito de empoderamento e interseccionalidade”; “O cabelo crespo/cacheado está na “moda”? A transição capilar na perspectiva do consumo e das redes sociais”. O intuito deste capítulo é conceituar a transição

capilar enquanto fenômeno decorrido de sua disseminação na internet, assim como os principais aspectos que o norteiam.

O primeiro subitem descreve o que caracteriza o período de transição capilar, suas fases e as variadas motivações que levam pessoas a retomarem o uso de seus cabelos naturais. Durante esse período, o cabelo apresenta duas texturas ao passo em que ocorre o crescimento dos fios naturais ao mesmo tempo em que o uso de produtos alisadores é cessado. A transição se finaliza com o corte das partes ainda alisadas dos cabelos. Entre as razões que levam alguém a optar passar pela transição capilar estão aquelas relacionadas a uma busca por um cabelo mais saudável ou do intuito de retomar o cabelo natural por questões relacionadas a autoaceitação.

No contexto em que historicamente o cabelo cacheado e crespo esteve ligado a adjetivos negativos, a transição capilar pode servir de mecanismo para a quebra de padrões estéticos, assim como instrumento para busca de afirmação e reconhecimento da identidade.

Nesse sentido, as contribuições de Fanon (2008) a respeito do conceito de reconhecimento se fazem presentes nesta parte por apresentar proximidades sobre como a transição capilar é articulada entre os indivíduos. Também faz parte deste subitem as concepções de Fraser (2006) e Honneth (2015) sobre reconhecimento e como alguns aspectos levantados por esses autores se ligam com o processo de transição capilar, seja no âmbito das reivindicações por reconhecimento ligadas à busca por justiça, seja pela busca por mudança social a partir de critérios normativos.

Já o segundo segmento deste capítulo teve como propósito relacionar os conceitos de empoderamento e interseccionalidade com a transição capilar. Este debate foi motivado pela recorrência da palavra empoderamento nas falas das influenciadoras analisadas, caracterizando-se como um dos principais adjetivos atribuídos ao processo de transição. Dessa forma, pelo fato de o termo deter diferentes definições, buscou-se resgatar os variados sentidos dados ao conceito de empoderamento através das contribuições de autores como Kabeer (1999), Barqueiro (2012), Horochoski e Meirelles (2007), entre outros, nas quais foram descritos os aspectos individualizantes e coletivos que norteiam este termo e suas aproximações com a vivência da transição capilar.

Já a presença da temática da interseccionalidade se justifica pelo fato de a transição capilar possuir implicações que não se limitam somente às questões raciais, mas também com questões relacionadas ao gênero. Essa relação pode ser observada pelas implicações que o corte dos cabelos, também chamado de *big chop*, na transição capilar produz devido a ligação entre comprimento do cabelo e identificação social com o gênero feminino. Assim, é apresentado as formulações de autoras como Hirata (2013) e Crewshaw (2012; 1994) sobre o conceito de

interseccionalidade, auxiliando na compreensão das conexões entre o conceito e a transição capilar. Outra dimensão abordada dentro desta temática refere-se à associação dos cuidados com os cabelos com ritos de passagem de fases da vida mencionadas por autoras como hooks (2005) e Gomes (2006), onde o significado da manipulação dos cabelos e suas práticas estão intrísecas a formação da identidade feminina, no que se refere ao fim da infância e adolescência para tornar-se mulher.

O terceiro suitem aborda a ampla visibilidade que o tema da transição capilar adquiriu nos últimos anos, principalmente potencializada pela interação gerada nas redes sociais e como isso se reflete num maior interesse da indústria de cosméticos sobre o público crespo e cacheado. Dessa forma, percebe-se uma maior disponibilidade de linhas e produtos voltados para os cabelos cacheados e crespos, assim como a associação entre empresas de cosméticos com influenciadoras digitais na publicidade de produtos. Também identifica-se a utilização de um discurso de enaltecimento dos cachos. Nesse sentido, este subitem discorre sobre a valorização de uma estética negra por parte do mercado, ressaltando seus aspectos positivos e limitantes na desconstrução de estereótipos de beleza que afirmam a branquitude.

No final do capítulo 2, discorre-se sobre o papel das influenciadoras digitais negras como referências de trajetórias, fontes de inspiração e informação na adesão pela transição capilar. Destaca-se como a visibilidade, o alcance e o engajamento obtido em plataformas como o Youtube, por exemplo, possibilitam uma espécie de “profissionalização” da forma como os conteúdos são postados, potencializando as parcerias entre estas influenciadoras e marcas de cosméticos para cabelos. É a partir desses aspectos que se propõe a analisar os sentidos da transição capilar discorridos influenciadoras negras brasileiras através de seus vídeos no Youtube.

O capítulo 3 concentra-se na descrição da construção do corpus da pesquisa, onde são abordados como se determinou a escolha das influenciadoras analisadas e a justificação dos métodos de pesquisa utilizados para categorizar os dados levantados, além da menção sobre as dificuldades encontradas no campo em análise. Dessa forma, discorre-se sobre o método utilizado na análise do corpus desta investigação, tendo por base a utilização da análise crítica do discurso (Iñiguez, 2004; Fairclough 2012) no estudo dos conteúdos produzidos pelas influenciadoras selecionadas.

Por fim, os capítulos 4 e 5 focam-se na apresentação e análise dos dados obtidos. No capítulo 4, intitulado “Transição capilar e transições “secundárias”, é tratado alguns dos desdobramentos que norteiam a transição capilar, mencionados pelas influenciadoras analisadas, que levam a outros tipos de “transições” em aspectos vivenciados durante e após o

processo. Já o capítulo 5, intitulado “As relações transversais à Transição capilar”, retrata algumas das dimensões expressas pelas influenciadoras sobre a associação entre a transição capilar e o consumo de cosméticos, assim como a vinculação de suas imagens a empresas. O capítulo também aborda como as influenciadoras digitais enxergam a possibilidade de serem reflexos da criação de novos padrões de beleza, voltados para a ideia de um cabelo perfeito. Além disso, discorre-se também sobre a relação envolvida entre fé e a transição capilar mencionada por algumas das influenciadoras, como mecanismo de motivação e persistência durante o processo.

Ou seja, ao longo dos dois capítulos finais, serão demonstradas as convergências e diferenças nos discursos empregados das cinco influenciadoras escolhidas no que se refere às atribuições relacionadas à transição capilar baseadas nos conceitos teóricos abordados ao decorrer desta pesquisa. É importante ressaltar que o propósito desta investigação é compreender uma realidade particular, não possuindo a intenção de generalizar os aspectos aqui abordados para outros sujeitos vinculados à transição capilar.

## **2 CAPÍTULO 1- RACISMO ESTRUTURAL E MOVIMENTOS DE RESISTÊNCIA DA POPULAÇÃO NEGRA NO BRASIL**

### **1.1 Faces do racismo estrutural no Brasil: a invisibilidade da mulher negra e os estereótipos relacionados à sua imagem**

Os estudos das relações raciais no Brasil têm se concentrado na análise da dimensão estrutural das desigualdades vinculadas à raça no país. Essas desigualdades estão encontradas em várias esferas, desde a econômica, passando pela cultural, política e social. No contexto da formação social do Brasil, a raiz dessas desigualdades perpassa os três séculos de escravização de negros e negras e seus impactos no contexto pós-abolição em 1888.

Quando analisamos as particularidades desta formação histórica do Brasil com relação à população negra, é frequente nos depararmos com os argumentos descritos por autores considerados “clássicos” dos estudos das relações raciais, que compararam os processos raciais vivenciados no Brasil com os de outros países, principalmente com os EUA, enfatizando que a segregação racial institucionalizada foi muito mais explícita naquele país em comparação com o Brasil. Outros autores, como Gilberto Freyre (2003), vão além e defendem a tese da existência de uma suposta democracia racial no país, argumentando que a inexistência da segregação racial institucionalizada significaria que a população negra teria sido integrada na sociedade brasileira no período pós-escravidão. Essa mesma teoria limita a compreensão dos processos discriminatórios e de desigualdade que persistem no país, identificando-os como meras situações pontuais de preconceitos.

Todavia, muitas produções acadêmicas brasileiras têm se dedicado a desconstruir essa ideia de democracia racial, haja vista que a persistência de profundas desigualdades estruturais no Brasil em nada reflete esse ideal de uma existência pacífica das diferentes raças.

Muito pelo contrário, a situação da população negra no país é marcada fortemente pela subjugação na esfera econômica com relação ao trabalho já que os negros ainda recebem salários mais baixos e ocupam posições inferiores em sua grande maioria no mercado de trabalho em comparação com os brancos. Além disso, quando passamos a enfocar na situação da mulher negra brasileira, esse abismo ainda se mostra bem maior.

As desigualdades profundas que a mulher negra vivencia não se limitam à questão do mercado de trabalho. Elas também estão presentes no imaginário popular em outras dimensões, como as relacionadas às representações que a mulher negra tem com relação ao seu corpo, imagem e estética. Essas dimensões também repercutem dentro da esfera do trabalho, como iremos abordar mais adiante.

O que queremos chamar atenção é que o entendimento de como se caracteriza essa estrutura que coloca a mulher negra em inúmeras situações de desigualdades estão vinculadas com as diferentes dimensões do racismo. Como afirma Lélia Gonzalez (2020), as opressões sofridas pela mulher negra acabam sendo triplas, pois elas sofrem tanto pela sua condição de gênero, raça e classe.

Quando tomamos a perspectiva de Florestan Fernandes (2008) sobre a situação da população negra pós o período de abolição da escravatura, o autor aborda a dimensão econômica e social e os impactos sofridos sob o julgo das desigualdades.

Para o autor, a população negra foi abandonada a própria sorte após a abolição, sendo desprovida de qualquer perspectiva de crescimento ou igualdade, e relegada a uma marginalidade dentro da dimensão do trabalho (onde houve imensas dificuldades de oportunidades para a população negra dentro do sistema capitalista industrial na qual o Brasil estava se desenvolvendo). Ademais, o autor enfatiza a completa ausência de vontade política no que se refere à integração da população negra a essa nova realidade, do trabalho livre e as possíveis oportunidades geradas por este.

Tomando como exemplo a cidade de São Paulo dentro do contexto o auge do processo de industrialização, o Fernandes aborda a absoluta falta de iniciativas por parte dos brancos voltadas para a reparação das violências do período escravocrata, assim como iniciativas de proteção à população negra em geral, algo que teve por consequência a marginalização do povo negro em grandes cidades.

Ou seja, Fernandes enfatiza bem a ausência de um esforço árduo da sociedade brasileira no que se refere à integração da população negra dentro do regime republicano e capitalista, algo que nos auxilia a explicitar as origens das desigualdades de raça no país no âmbito econômico. Todavia este é apenas um dos vieses da desigualdade racial, já que o âmbito econômico também é reflexo de outras perspectivas sociais (como a inferiorização da população negra, por exemplo) que ajudam a explicar o fenômeno da persistência da desigualdade racial.

Outro ponto levantado pelo autor fala também da completa ausência de autonomia social, política e econômica da população negra no pós-abolição. Não houve, na visão do autor, um processo de transição para essa nova realidade jurídica, política e social na qual seria possível criar condições para que a população negra pudesse ser, em suas palavras, “agentes do próprio destino nas transformações em processo”. (FERNANDES, 2008, pág.66)

Nessa perspectiva, Fernandes afirma que a população negra foi completamente excluída do processo de modernização e industrialização que o país estava passando naquele

momento, havendo uma aparência de liberdade junto à população negra meramente superficial e que não atendia as demandas necessárias e mais profundas.

Como já mencionado, esse cenário também teve como contribuição a completa falta do que Fernandes chama de solidariedade universal dos brancos, já que estes não se mobilizaram para que as mudanças estruturais as quais o país estava vivenciando no início do século XX integrassem a população negra.

O autor aborda que a população negra não pôde contar inclusive com a solidariedade de brancos que se declaravam abolicionistas, já que com o objetivo da abolição sendo conquistado, estas pessoas não eram mais movidas por um “interesse moral” que a luta abolicionista gerava entre este grupo.

Nesse sentido, o autor enfatiza que essa ausência de mobilização da população branca em integrar à população negra acabou sendo um dos fatores que geraram a marginalização da população negra quanto aos papéis sociais e econômicos vigentes. O negro era completamente excluído dos avanços gerados pelo crescimento econômico o que gerou, nas palavras de Florestan, um completo isolamento econômico, social e cultural da população negra.

Ou seja, mesmo com um cenário de avanços econômicos e profundas mudanças sociais geradas por estes, a população negra esteve sempre à margem desse panorama. Pessoas negras tinham ocupações de baixos salários em sua grande maioria, raramente detinham cargos de poder influentes ou acesso a postos chaves dentro da elite intelectual brasileira.

Essa marginalização trouxe como consequência um enorme abismo social entre brancos e negros que acabou reverberando não somente no eixo econômico, como também dentro do âmbito cultural como o próprio Florestan enfatiza:

[...] o destino da “população de cor” ficou entregue às potencialidades dinâmicas de um equipamento adaptativo e integrativo basicamente modelado para funcionar na sociedade de castas. Ele era apropriado para promover ajustamentos que resguardavam ao máximo a distância social existente entre o “branco” e o “negro”, como se este ainda vivesse da dominação do senhor. Por isso, operava como um fator de preservação e de reintegração, na ordem social competitiva, do padrão de isolamento sociocultural que se fundava o equilíbrio de relações raciais e o domínio da “raça branca” no regime escravocrata. (FERNANDES, 2008, pág. 302)

Ou seja, segundo o autor, a presença das desigualdades sociais, econômicas e políticas relacionadas à população negra está intimamente ligada a uma estrutura social onde é preservada uma espécie de dominância de uma “raça branca” oriunda do período da escravidão e que acabou por continuar ressoando nas décadas seguintes à abolição da escravatura.

Essa ideia de dominação perpassa inúmeros âmbitos como as questões relacionadas ao trabalho, mas também o aspecto cultural onde há a predominância de elementos associados à estética branca tendo uma maior valorização em detrimento à estética negra, por exemplo.

Para Fernandes, esse panorama não é explicado apenas pelo preconceito relacionado à cor ou da discriminação racial, mas resulta de mecanismos sociais e estruturais que funcionam com a finalidade de perpetuar esse abismo racial entre brancos e negros frutos de estruturas completamente antiquadas geradas pela não superação de muitas das relações sociais extremamente vinculadas ao período escravocrata. Essa estrutura e suas características nos auxiliam a compreender as origens das desigualdades raciais existentes no Brasil.

Seguindo a mesma linha argumentativa de Florestan Fernandes, Neusa Santos Sousa (1983) afirma que essa estrutura chamada por ela de “tradicionalista” atuou fortemente na concepção de que a população negra seria inferior ou submissa, algo que prejudicou sua construção identitária. Sendo assim, a população negra foi obrigada, segundo a autora, “a absorver o ideal branco de identidade se caso quisesse ascender socialmente dentro de uma ordem social competitiva.” (SOUSA, 1983, pág.20)

Para Sousa, a noção de raça parte do pressuposto de uma construção ideológica, sendo assim o critério raça definido no Brasil seria “um atributo compartilhado por determinado grupo social, tendo em comum uma mesma graduação social, um mesmo contingente de prestígio e mesma bagagem de valores culturais” (SOUSA, 1983, pág.20).

Sendo assim, Sousa reforça o argumento de Florestan Fernandes colocando a herança do período escravocrata como fator fundamental para a reprodução das desigualdades raciais que colocaram a população negra marginalizada perante a uma hegemonia branca predominante, preservada e reforçada pelo preconceito de cor.

A negação da identidade negra também é fruto dessa estrutura tradicionalista que, segundo a autora, desvaloriza tudo o que é característico a população negra. No caso, há uma vinculação negativa dos traços físicos, por exemplo, característicos a população negra sejam eles relacionados ao formato de seus rostos ou o jeito de seus cabelos naturalmente constituídos.

Com a predominância branca dentro da estrutura das relações sociais no Brasil, logo podemos afirmar que no que se refere à questão da identidade, as características físicas vinculadas a pessoas brancas acabaram definir no imaginário social os padrões estéticos tomados como ideais, desvalorizando os traços físicos negros.

Isso ocorre, segundo Jurandir Freire Costa (1983), devido a uma tentativa violenta e racista de destruição da identidade do sujeito negro. Esse processo funciona dentro dessa estrutura de desigualdade racial onde há uma internalização compulsória e extremamente frequente de um certo ideal branco.

Esse ideal está fundamentado na absorção de características vinculadas a pessoas brancas e que na visão do autor são incompatíveis com as propriedades biológicas de pessoas negras, ou seja, pessoas negras necessitam “adecuar” seus traços naturais ao padrão hegemônico branco para se sentirem “inclusos” socialmente.

Essa noção discorrida por Costa é aprofundada quando o autor aborda como esse padrão hegemônico branco se impõe, dentro da vinculação da construção de ideal branco que é entendido como tudo o que é mais aceito ou ligado a características superiores de estética, beleza ou mesmo de manifestação do espírito; a tudo o que é vinculado ao puro e a perfeição.

E essa percepção acaba por inferiorizar ainda mais a situação do negro no Brasil, colocando suas características identitárias sob o julgo de um padrão hegemônico onde sua identidade é invisibilizada, como reforça Costa a seguir:

O racismo esconde assim seu verdadeiro rosto. Pela repressão ou persuasão, leva o sujeito negro a desejar, invejar e projetar um futuro identificatório antagônico em relação à realidade de seu corpo e de sua história étnica e pessoal. Todo ideal identificatório do negro converte-se, desta maneira, num ideal de retorno ao passado, onde ele poderia ter sido branco, ou na projeção de um futuro, onde seu corpo e identidade negros deveram desaparecer. (COSTA, 1983, pág. 5)

bell hooks (2019) também faz apontamentos nesse sentido que converge com a ideia de Costa sobre a inferiorização da população negra perante a hegemonia pautada no que a autora menciona da branquitude, como podemos verificar:

Muitos de nós sucumbem a isso. No entanto, negros que imitam os brancos (adotando seus valores, discursos, modos de ser etc.) continuam a observar a branquitude com desconfiança, medo ou mesmo ódio. Esse desejo contraditório de possuir a realidade do Outro, ainda que seja uma realidade que fere e nega, é uma expressão do desejo de entender o mistério, conhecer intimamente através da imitação, como se esse conhecimento, usado como uma máscara, um amuleto, pudesse afastar o mal, o terror. (HOOKS, 2019, pág.250)

É importante ressaltar que a noção de identidade aqui compreendida está relacionada a um conjunto de elementos e características atribuídas a um determinado grupo social. Tanto Costa quanto hooks afirmam a predominância no imaginário social de uma identidade vinculada a pessoas brancas que coloca a construção de uma identidade negra em segundo plano, de maneira desvalorizada perante esse cenário hegemônico.

Maria Aparecida Bento (2003) reforça esse argumento quando menciona que as dimensões relacionadas à ideia de branqueamento no Brasil são sempre ligadas como um problema que parte do próprio negro, que numa situação onde sua condição racial é invisibilizada, acaba por procurar diluir seus traços físicos aproximando-os do padrão hegemônico branco. Quando na verdade este processo foi, segundo a autora, completamente criado e disseminado pela elite branca brasileira.

Sobre a questão da identidade, podemos citar que esse conceito apresenta algumas características. Segundo Stuart Hall (2006), a ideia de identidade pode ser vista como um processo constante e não esgotável que somente pode ser compreendido através da existência da diferença. Dentro disso, é um fenômeno que ocorre a partir do despertar de uma consciência da diferença e do constante convívio com o outro. Isso pode ser explicitado na seguinte passagem:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com as quais poderíamos nos identificar a cada uma delas – ao menos temporariamente. (HALL, 2006, pág.13)

A questão central aqui proposta por Hall se remete à ideia de as noções que constituem a identidade estão vinculadas as construções sociais que são adjetivadas aos mais variados grupos. No caso do contexto brasileiro, apesar da existência de inúmeras representações culturais que norteiam a sociedade brasileira, a presença de padrões hegemônicos de identidade criada para rejeitar ou enaltecer as características de determinados atores sociais, acaba por limitar essa multiplicidade.

Sueli Carneiro (1995) também expõe a noção de uma construção da identidade através do processo de aproximação ou de rejeição que os variados grupos sociais acabam por possuir quando estão em contato entre si, algo que a autora descreve na seguinte passagem:

A construção da identidade é um processo que se dá tanto pela aproximação com o outro (aquele com quem desejamos nos assemelhar e que é qualificado positivamente) como pelo afastamento do outro (de quem nos julgamos diferentes e qualificamos negativamente) Na tentativa de diminuir o medo e a ansiedade causados pela possível semelhança ou dessemelhança entre eu e o outro reproduzo imagens que me aproximem do positivo e me afastem do negativo. (CARNEIRO, 1995, pág.547)

Sousa (1983) enfatiza que numa sociedade como a brasileira em que há a predominância de uma espécie de estratificação social onde pessoas brancas detêm em sua grande maioria os espaços de poder e de tomada de decisão, a identidade negra acaba sendo negada e com isso a população negra lança mão de emblemas brancos como mecanismo para se conseguir ascensão social. A autora reforça a ideia de que à população negra brasileira é negada a construção de uma identidade positiva, no qual se possa afirmar ou negar (SOUSA, 1983, pág.73). Algo que pode ser mais bem explicitado na seguinte passagem:

Ser negro é, além disso, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse dessa consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração. Assim, ser negro não é uma condição dada a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro. (SOUSA, 1983, pág.77)

A assimilação desses emblemas brancos citados pela autora perpassa muito pela questão da aparência física. Um dos efeitos práticos da negação da identidade negra e mais facilmente percebido se caracteriza na questão do trabalho, por exemplo. Nesse cenário, as mulheres negras se configuram como o grupo social que mais acaba por sofrer dessa ideia de negação da própria identidade.

Se tomarmos como exemplo as inúmeras situações em que mulheres negras precisam “adequar” sua aparência ou mesmo são completamente rechaçadas em comparação com mulheres brancas dentro do mercado de trabalho, podemos verificar como na prática a negação da identidade negra acaba ocorrendo.

Essa temática é alvo de diversas investigações de autoras negras brasileiras que demonstram como ocorre a invisibilidade da mulher negra em espaços como o trabalho e as distorções que sua imagem acaba por sofrer. Kia Lily Caldwell (2000), Sueli Carneiro e Thereza Santos (1985), Luiza Barrios (1995), Maria Aparecida Bento (1995), Lélia Gonzalez (2020), entre outras autoras que investiram seus estudos na percepção da desigualdade racial sob o prisma também do gênero mostrando como a negação da identidade afeta mulheres negras em práticas sociais relacionadas ao trabalho.

Como já mencionado, Gonzalez afirma que a mulher negra sofre uma opressão tripla sob o julgo da dominação de raça, classe e gênero. Nesse sentido, a autora aborda como essa opressão tripla acaba agindo dentro do mercado de trabalho, uma vez que na sua visão a opressão racial e a exploração de classe ficariam em segundo plano dentro de uma sociedade onde os sistemas de classificação sociais e econômicos faz da mulher negra o alvo primordial dessa espécie de perversão.

Dentro desse contexto, a autora aborda que no que se refere ao papel da mulher negra no mercado de trabalho, por exemplo, mesmo em um cenário de avanços quanto à educação e escolarização da população brasileira (com foco nas mulheres negras) a mulher negra ainda é repelida em processos seletivos de emprego em detrimento a candidatas brancas.

Sobre essa ideia, Sueli Carneiro e Thereza Santos (1985) mencionam que esse cenário de melhores condições educacionais (as autoras enfatizam, sobretudo mudanças ocorridas entre as décadas de 1960 e 1980) introduziu mais mulheres no mercado de trabalho em empregos de boas condições salariais. Porém, esse contexto acabou beneficiando mais mulheres brancas em detrimento das mulheres negras algo que como menciona Caldwell (1995), resultando em diferenças quantificáveis de status social dentro do mercado de trabalho.

Além disso, mesmo quando a mulher negra tem acesso a melhores níveis educacionais e qualificações profissionais condizentes com o que o mercado de trabalho determina, ainda

assim ela muitas vezes acaba sendo preterida em seleções de emprego. Gonzalez demonstra isso ao citar como anúncios de empregos são colocados em mídias como os jornais onde há a requisição de características as candidatas que muitas vezes não estão associadas as suas capacidades técnicas.

O uso de expressões como “boa aparência” ou “ótima aparência” apresenta-se, segundo a autora, como uma espécie de código onde se deixa nítida que a mulher negra não tem vez neste lugar. Lélia Gonzalez deixa claro que a ideia de “boa aparência” almejada por esses processos seletivos de emprego está vinculada a características ou traços físicos dentro de um padrão estético branco.

Ou seja, em mais uma esfera em que a identidade negra é negada, uma vez que a aparência da mulher negra é completamente rechaçada algo que segundo a autora acaba por diminuir muito as possibilidades de ascensão social de mulheres negras a setores da classe média (GONZALEZ, 2020, pág.41-42).

A autora enfatiza que a conceituação do racismo parte de uma construção ideológica na qual as práticas são concretizadas nos mais variados processos de discriminação racial, sendo este um desses exemplos práticos de perpetuação do preconceito racial. Essa perpetuação, obviamente, privilegia recorrentemente os interesses daqueles que sempre se beneficiaram com esse tipo de segregação, a saber.

Nesse sentido, Lélia Gonzalez afirma que no final das contas a ideia de “boa aparência” empregada em seleções de trabalho significa beneficiar candidatas que pertençam ao grupo racial dominante. (GONZALEZ, 2020, pág.158)

Sueli Carneiro (2003) discorre sobre essa temática problematizando a exigência de “boa aparência” como uma prática que perpetua o processo de segmentação entre mulheres negras e brancas dentro das relações de trabalho, como descreve a seguir:

Em síntese, o quesito “boa aparência”, um eufemismo sistematicamente denunciado pelas mulheres negras como uma forma sutil de barrar as aspirações dos negros, em geral, e das mulheres negras, em particular, revelava em números, no mercado de trabalho, todo o seu potencial discricionário. (CARNEIRO, 2003, pág.121)

Maria Aparecida Silva Bento (1995) também converge com o argumento de Gonzalez e Carneiro reforçando que o grau de instrução não necessariamente eximiria negros e negros das discriminações e das profundas desigualdades nas relações de trabalho. A autora também aponta a existência de uma certa segmentação racial em ocupações que prejudica de forma mais intensa a mulher negra. Uma vez que, ocorre a existência de exigências em muitos cargos quanto a atributos estéticos que segundo a autora também reforçam que a ideia de “boa aparência” acaba por designar o “protótipo de mulher não negra”.

A exigência de atributos físicos apontada por Bento não se restringe a questão da cor da pele. O preconceito racial também está ancorado em outras características que mulheres negras possuem como o formato dos cabelos, por exemplo. Em muitos casos, o cabelo assume um poder de classificação muito maior do que a cor.

Nesse sentido em que ocorre a ideia de negação da identidade perpetuada por essa estrutura que desvaloriza mulheres negras em detrimento a mulheres brancas, onde muitas vezes para se adaptarem aos padrões hegemônicos, negras utilizam práticas que vão desde o uso do cabelo completamente preso ou mesmo a tratamentos químicos que alisam os fios. Ou seja, para se “adequarem” as exigências estéticas que muitas vezes estão subentendidas, mulheres negras acabam por recorrer a essas práticas.

Gonzalez reforça a existência dessa segmentação vinculada à diferenciação dos atributos físicos relacionados às mulheres negras e como essa prática é visibilizada dentro das relações sociais:

É por aí que a gente entende por que dizem certas coisas, pensando que estão xingando a gente. Tem uma música antiga chamada “Nega do cabelo duro” que mostra direitinho por que eles querem que o cabelo da gente fique bom, liso e mole, né? É por isso que dizem que a gente tem beiços em vez de lábios, fornalha em vez de nariz e cabelo ruim (porque é duro). E quando querem te elogiar dizem que a gente tem feições finas (e fino se opõe a grosso, né?). E tem gente que acredita tanto nisso que acaba usando creme pra clarear, esticando os cabelos, virando “leidi” e ficando com vergonha de ser preta. (GONZALEZ, 2020, pág.86)

Fica nítido a partir dessa passagem o quanto as características físicas associadas a mulher negra em muitas situações do imaginário social brasileiro, como o exemplo dado por Lélia a partir de uma música, está vinculado a termos negativos ou mesmos pejorativos. A vinculação a tudo aquilo que é “ruim” demonstra o grau do quanto à violência da negação a identidade negra. Essa negação, como já mencionado, não se dá apenas no âmbito das relações do trabalho e está também presente nas mais variadas esferas sociais.

A percepção negativa vinculada à mulher negra perante suas características físicas e sua perpetuação é notável dentro da construção social de sua imagem no Brasil e como geralmente é representada nos variados âmbitos culturais, sociais, entre outros.

Como já mencionado, a mulher negra dentro das relações de trabalho é extremamente prejudicada devido à existência de um padrão hegemônico branco de atribuições físicas do qual ela é rejeitada. A perpetuação da hegemonia branca e a violência que esta gera perante a mulher negra também podem ser verificadas dentro da esfera das representações culturais onde há a construção de estereótipos formados em cima de sua imagem.

A criação de estereótipos vinculados à mulher negra se caracteriza como um fenômeno amplo e que apresenta algumas especificidades de acordo com o local ao qual se analisa. Por

exemplo, quando comparamos esses estereótipos na realidade estadunidense e brasileira verificamos certos padrões de comportamento, de discurso e de imagem que resumem a mulher negra a certos tipos representativos de personalidade que podem ser encontrados em filmes, novelas, propagandas, literatura, mídias de massa, etc.

Ou seja, a visibilidade da mulher negra além de ser completamente prejudicada nos mais variados contextos sociais, fica sendo extremamente limitada a estereótipos que a reduzem a personalidades que acabam perpetuando e fortalecendo ainda mais o racismo estrutural na sociedade. Como afirma Alessandra Devulsky (2021), durante séculos a visibilidade do corpo negro esteve dentro da estigmatização proporcionada pelo racismo.

Tomemos como exemplo às representações de imagens estereotipadas vinculadas a mulher negra tanto no contexto americano como no brasileiro. Nos cenários dos dois países podemos verificar que a visibilidade da mulher negra e sua representação dentro dos variados âmbitos culturais esteve intimamente vinculada a tipos considerados extremamente problemáticos. Citemos aqui então dois exemplos de estereótipos vinculados a imagem da mulher negra: o da “mulata” e o da mãe preta ou “mammy” no contexto americano.

Com relação ao primeiro estereótipo, tem-se a construção no imaginário popular, da imagem da mulher negra como alguém dotada de um enorme apelo voltado à sensualidade, resumida a seus atributos físicos e de comportamento considerado vulgar ou impróprio dentro dos parâmetros moralmente estabelecidos socialmente quanto a sua sexualidade.

Além disso, o conceito vinculado a imagem da mulata se caracteriza como mais um demonstrativo da violência que o racismo produz sobre a mulher negra, já que a possível origem do termo seja oriunda do vocábulo mula que se caracteriza como um animal híbrido, fruto do cruzamento entre cavalos e jumentos.

Uma vez que a designação mulata provém da ideia de “miscigenação” entre brancos e negros, o termo ficou fortemente vinculado a uma nítida violência simbólica voltada para os negros, dentro de um processo de desumanização onde são equiparados a animais, fato apontado por Schwarcz (1993) ao mencionar as variadas teorias eugenistas e oriundas do racismo científico entre o final do século XIX e início do século XX que criticavam a “mistura de raças” tomado isto como atraso civilizatório.

Mulheres designadas como “mulatas”, além das características acima mencionadas, também geralmente são assim denominadas por apresentarem um tom de pele negro mais claro e cabelos mais cacheados, menos crespos. Também podem apresentar traços físicos mais vinculados ao padrão branco como a ideia de “traços mais finos”. Essas são algumas características que auxiliam na persistência de uma hierarquização racista criada em cima de

mulheres negras. Essa hierarquização muito se aproxima do conceito de colorismo, termo este que segundo Devulsky (2021) se caracteriza pela noção de hierarquia racial fundamentada numa ideia de superioridade branca. Ao qual, há a tentativa de privilegiar traços fenotípicos e culturais vinculadas à um padrão imagético mais próximo ao branco em detrimento ao negro. Nesse sentido, características como um tipo de cabelo menos crespo ou o tom de pele mais claro acaba por ter uma visibilidade menos negativa mas não necessariamente sem ser esteriotipada, como no caso da figura da “mulata”. Com relação à construção social da imagem da mulata, podemos mencionar que a utilização dessa construção frequentemente esteve profundamente envolvida com o mito da democracia racial no Brasil. É nítido ver na obra de Gilberto Freyre (2003), por exemplo, a separação que o autor faz quando descreve as relações de cunho sexual entre escravizadores e escravizadas as separando entre as categorias negras e mulatas.

Sobre estas, sempre estavam vinculadas à iniciação sexual dos brancos onde também há o reforço da ideia da extrema sensualidade e uma noção de que seus corpos sempre estavam em disponibilidade.

Essa construção de uma realidade fundamentada na violência sexual sofrida por mulheres negras definitivamente não é exclusividade do contexto brasileiro. Dentro da realidade norte-americana, Ângela Davis (2016) faz uma abordagem nesse mesmo sentido quando afirma que a persistência de agressões a mulheres negras está intimamente ligada à sanção que intelectuais das mais variadas áreas de conhecimento em retrataram frequentemente as mulheres negras dentro de um papel onde elas são colocadas como promíscuas e imorais.

No contexto brasileiro, a figura da mulata desempenhou ao longo dos tempos um papel de relativo destaque dentro do imaginário social e cultural do país. A construção social da mulher extremamente sensual mencionada por Freyre (2003) foi se ramificando de tal forma que a imagem da figura da “mulata” virou alvo de visibilidade internacional, como se ela figurasse como uma espécie de produto a ser “apreciado” por estrangeiros.

Numa configuração extremamente problemática e preconceituosa quanto às relações de gênero e raça, tal qual Caldwell (2000) menciona onde a mulata passa a ser considerada o único produto brasileiro merecedor de exportação.

Essa mesma relação é aprofundada por Giacomini (1994) que ao analisar um show de danças brasileiras voltado para turistas estrangeiros no Rio de Janeiro, menciona como a figura da mulata é vinculada a esse processo de transformação de sua existência como produto a ser exportado para um público de fora do país, onde há a persistência desse tipo de estereótipo vinculado à mulher negra:

Seu valor é o de exprimir sinteticamente a brasiliade –nacionalidade- através de uma sexualidade exacerbada, posto que não controlada pelos traços de parentesco no interior da família. Assim, suscita/favorece/ estimula a comunicação/aliança com o Outro, o estrangeiro. (GIACOMINI, 1994, pág.220-221)

Essa percepção também é abordada por Dias Filho (1996) quando relata o uso recorrente da imagem da mulata ou da baiana vestida com trajes típicos como produto de propaganda dentro do marketing turístico voltada para o público estrangeiro na cidade de Salvador-Bahia.

O autor aborda o levantamento que fez entre os anos de 1982 e 1996 onde encontrou que “a maior parte dessas peças publicitárias, as mulheres mostradas são negras ou mulatas vestidas com trajes típicos, maiôs, biquínis ou fazendo topless e os textos convidam as pessoas para “desfrutar as delícias” da “terra da felicidade” e da festa”. (DIAS FILHO, 1996, pág.53)

Ainda dentro dessa mesma lógica, Giacomini (1994) faz menção a como esse estereótipo da mulher sensual reforça a invisibilidade da mulher negra e por consequência o racismo estrutural e o machismo ao colocá-la numa posição de desvalor perante outros “papéis” sociais desempenhados por ela. Esse processo de depreciação de sua imagem advindo do reforço dessas noções estereotipadas coloca a mulata como um ser que não inspira referência a contextos como o da maternidade, do afeto ou da vivência familiar, algo que Giacomini explica:

Ao desempenhar este papel mediador, ela [a mulata] o faz acionando seu corpo, sua sensualidade. Como mulher-corpo, mulher sedução, a mulata se engaja em um tipo de mediação/comunicação bastante distante do modelo de mulher que viabiliza, como signo, através do casamento e das identidades de esposa e mãe, a aliança entre duas famílias. A mulata não se apresenta como um valor por referência ao grupo familiar filha-irmã que irá funcionar como valor signo na mediação entre famílias, mas ao contrário, como mulher sem família, exposta, disponível, cujo valor advém exclusivamente da sexualidade. (GIACOMINI, 1994, pág.220)

Ou seja, fica nítida nessa passagem que a desvalorização da figura da mulata se caracteriza como uma construção social que foi alçada a uma espécie de vitrine que age como mediadora entre o estrangeiro e os símbolos nacionais, sendo ela mesma um desses símbolos como está bastante nítido nos escritos de Freyre (2003).

Outro aspecto a ser observado dentro desse panorama é a indicação da existência de uma espécie de divisão sexual dentro dos papéis femininos. Caldwell (2000), Davis (2016) e hooks (2019) chamam a atenção para este ponto, ao verificar que, dentro dessa ideia de construção social racista e machista, há uma separação entre mulheres brancas e negras onde as primeiras têm sua sexualidade alçada de forma legítima, pura, angelical e com honradez em contrapartida da visão de que as mulheres negras (e a figura da mulata por consequência)

estiveram sempre associadas a práticas sexuais consideradas impróprias, ilegítimas e desonrosas.

Outro estereótipo vinculado a imagem da mulher negra está relacionado à figura da mãe preta ou “mammy”, no contexto estadunidense. Essa noção de imagem estereotipada, fruto do período escravocrata, baseia-se na ideia da mulher negra escravizada que “auxilia” na criação dos filhos dos senhores escravocratas ou numa ambientação mais atual, se caracteriza como a empregada doméstica que exerce a função de babá e que também faz parte da criação dos filhos de seus empregadores.

A figura da mãe preta foi bastante mencionada por Freyre (2003) como um dos símbolos de formação social dos brasileiros no período escravocrata. O autor aborda aspectos característicos da relação entre as mães-pretas com as famílias aos quais conviviam, onde atuava como uma espécie de “referência” no decorrer do crescimento dos filhos dos senhores escravocratas.

Essa referência ganhava tanta importância que, segundo Freyre, as mães-pretas acabavam por ocupar um espaço considerado de “honra” dentro do seio familiar, sendo consideradas “senhoras” quando mais velhas dignas de convivência dentro da casa grande em serviços domésticos mais finos, numa ideia de “promoção”.

O autor reforça esse estereótipo ao mencionar que quando estas eram alforriadas, se transformavam quase sempre em “pretalhonas enormes”. E que também sua influência sobre aqueles que a rodeavam deu a elas o acesso a “uma bondade porventura maior que a dos brancos; de uma ternura como não a conhecem igual os europeus. O contágio de um misticismo quente, voluptuoso [...]”. (FREYRE, 2003, pág. 227)

Dessa forma, o autor aborda em sua concepção uma percepção positiva da figura da mãe preta como parte simbólica de integração racial movida por afetos com ela servindo de influência na formação de vida dos filhos de escravocratas.

Essa visão problemática é confrontada por Caldwell (2000) que afirma que tanto as imagens da mulata quanto a figura da mãe-preta são exemplos práticos da existência de formas de desigualdade estrutural fundamentadas na raça e no gênero. Manipuladas de tal forma que são utilizadas como exemplos para manter a ideia de democracia racial no Brasil.

hooks (2019) também aborda a construção racista da figura da mãe-preta citando suas inúmeras representações nos diversos contextos culturais como a literatura ou o cinema. Um dos exemplos clássicos se refere à representação da “mammy” em filmes como o clássico “(...) E o Vento Levou” onde há a existência da personagem de mesmo nome com essas características e que virou referência recorrente nas discussões sobre representações

estereotipadas de mulheres negras e consequentemente do racismo estrutural dentro da indústria cinematográfica estadunidense.<sup>2</sup>

O exemplo do referido filme é apenas um dentre vários onde a problemática das imagens estereotipadas se faz presente e de sua contribuição para a persistência dos preconceitos de raça e gênero sob a mulher negra. Patrícia Hill Collins (1991) argumenta que a existência desse panorama é fruto da ligação entre as representações culturais e aos formatos de desigualdades estruturais e dito isso, cria-se o que a autora chama de “imagens controladoras”.

Dentro desse contexto, Collins afirma que ao se retratar mulheres negras em figuras estereotipadas como as duas citadas (mulata e mãe-preta) existe a criação de um ambiente que propaga a justificação das opressões e violências que estas passam e que o combate a essas representações estereotipadas deve ser uma das temáticas centrais do pensamento feminista negro. Uma vez que há a necessidade urgente de busca constante na desconstrução desses padrões racistas e machistas impostos às mulheres negras.

Ao analisar o contexto americano, Collins menciona que essas representações sobre mulheres afro-americanas fazem parte do que chama de ideologia generalizada de dominação, onde através do poder determinados grupos de elite recorrem a práticas manipuladoras em cima das noções sobre feminilidade negra.

O conceito de imagens controladoras permite trazer com nitidez como a persistência dos estereótipos raciais e de gênero está fortemente vinculada a ideia de visibilidade distorcida da mulher negra e que esse cenário apresenta características bastante próximas tanto no Brasil como nos Estados Unidos. Collins discorre melhor sobre a noção das imagens controladoras no trecho a seguir:

Analisar as imagens de controle específicas aplicadas às mulheres afro-americanas revela os contornos específicos da objetificação das mulheres negras, bem como as maneiras pelas quais as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe se cruzam. Além disso, uma vez que as próprias imagens são dinâmicas e mutáveis, cada uma fornece um ponto de partida para examinar novas formas de controle que surgem em um contexto transnacional, onde a venda de imagens aumentou em importância no mercado global. (COLLINS, 1991, pág.72)

Dentro do conceito de imagens manipuladas, além da citação sobre a visibilidade da mulher negra sob julgo estereotipado, também podemos afirmar que invisibilização da mulher negra também faz parte desse processo. Como já mencionado, a vinculação da figura feminina branca como símbolo padrão de feminilidade ideal em detrimento da figura feminina negra se caracteriza como um dos exemplos desse panorama.

---

<sup>2</sup> Disponível em <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-06-14/quando-o-racismo-e-um-grande-espetaculo.html>  
Acesso em 15/05/2021

Algo que Caldwell (2000) aponta como muito comum e óbvio na mídia brasileira em geral, onde existe nitidamente um enorme contraste entre o que a autora chama de auto-imagem nacional do Brasil como uma democracia racial defendida por Freyre.

Isso é mencionado por Carneiro (2003) quando discorre sobre a existência dentro da lógica racista de uma valorização maior da imagem da mulher branca que “ocorre por meio de privilégios em cima da exploração e exclusão de gêneros considerados subalternos” (CARNEIRO, 2003, pág.119). Nesse sentido, a autora apresenta o exemplo da visibilidade maior que mulheres loiras obtêm dentro dos programas de TV no Brasil e a influência que estes exercem. Essa noção é explicada pela autora na seguinte passagem:

Se partimos do entendimento de que os meios de comunicação não apenas repassam as representações sociais sedimentadas no imaginário social, mas também se instituem como agentes que operam, constroem e reconstroem no interior da sua lógica de produção os sistemas de representação, levamos em conta que eles ocupam posição central na cristalização de imagens e sentidos sobre a mulher negra. Muito tem se falado a respeito das implicações dessas imagens e dos mecanismos capazes de promover deslocamentos para a afirmação positiva desse segmento. A presença minoritária de mulheres negras nas mídias, bem como a fixação dessa presença em categorias específicas (a mulata, a empregada doméstica) foi um dos assuntos mais explorados nesse aspecto. (CARNEIRO, 2003, pág.125)

Carneiro também enfatiza que diante desse cenário, muitas mulheres negras vêm tentando atuar no sentido de quebrar com esses dogmas estereotipados assim como na criação de um ambiente onde a mulher negra tenha maior visibilidade. A autora cita a mudança da lógica dos veículos de comunicação em massa e a habilidade com as novas tecnológicas como ferramentas que podem auxiliar no processo de transformação dessa visibilidade negra.

Ainda assim, podemos afirmar que a existência de movimentos organizados na construção de uma visibilidade positiva não-estereotipada, de valorização da mulher negra não se constitui como “novidade” e sempre estiveram presentes no contexto brasileiro. Aspecto este que veremos em profundidade a seguir.

## **1.2 “Ô preta, não se esqueça! Seu cabelo não é ruim, seu cabelo é uma beleza!”-Os processos de quebra de padrões estéticos racistas.**

Como visto, a persistência de uma estrutura racista dentro do contexto brasileiro tem reproduzido profundas desigualdades entre a população negra e a branca. No enfoque aqui abordado, podemos perceber que sob o prisma da aparência, essa estrutura racista atinge as mulheres negras em muitas dimensões dentre quais historicamente tem se vinculado suas respectivas imagens a aspectos negativos, ao que é percebido como ruim ou mesmo desprovido de beleza.

A atribuição negativa dada aos traços negros, como o cabelo, mas também, a criação de estereótipos de personalidade colocados em cima das mulheres negras, curiosamente não estiveram desassociadas no contexto social do Brasil no período pós-abolição da escravatura.

Já nas primeiras décadas do século XX, emergem movimentos sociais que buscavam um diálogo direto junto à população negra brasileira que, entre outros intuitos, objetivava desvincular o povo negro de adjetivos racistas construídos dentro do imaginário social, a exemplo da inaptidão dos negros eram para o trabalho. No caso da mulher negra, também buscou-se desmistificar o estereótipo da mulher extremamente sexualizada.

Esses movimentos eram, sobretudo, vinculados a publicações (jornais, periódicos) também diretamente voltados para a população negra, nas quais existia a preocupação em mostrar uma imagem positiva desta em várias dimensões, seja no trabalho como também no comportamento social.

Nesse sentido, havia também o incentivo a uma visibilidade da beleza da mulher negra dentro dos parâmetros comportamentais e morais seguidos à época, assim como o cuidado em quebrar a narrativa racista de extrema sexualização da mulher negra.

Isto é descrito por Braga (2015) ao contextualizar as iniciativas que propunham dar maior visibilidade positiva à população negra brasileira dentro de alguns jornais ou revistas, meios de comunicação em geral, desde o início do século XX. Dentro dessas iniciativas, a mulher negra ganhou destaque ao ser alcançada à condição de valorização por meio de sua postura moral associada à ênfase de seus traços físicos.

Dentro desse panorama, Braga aborda que essas iniciativas foram possíveis dada a necessidade de uma espécie de “segunda abolição”, já que a abolição da escravização dos negros não se caracterizou como suficiente para a emancipação social e econômica da população negra, como já mencionado por Fernandes (2008).

Nesse sentido, a ideia de uma segunda abolição pressupunha a abolição de perspectivas negativas vinculadas a população negra como, por exemplo, estar fadado a uma vida de privações, assolados, na maioria das vezes, pelo alcoolismo, pela tuberculose ou por tantas outras doenças. (BRAGA, 2015, pág.87)

Iniciativas como a Frente Negra Brasileira, criada em 1931, e o Teatro Experimental do Negro (TEN) de 1944 se caracterizaram como espaços onde a presença de atividades, eventos e publicações voltadas ao protagonismo da população negra eram marcantes. Algumas publicações desse período são “O Quilombo”, “O Progresso”, “A voz da Raça” (esta publicação ligada à Frente Negra Brasileira), “Movimento Feminino”, entre outros, que também colaboraram com esse processo de construção da valorização de uma imagem positiva

da população negra. Dentre estas iniciativas, estavam os concursos de beleza, que exploraremos a seguir.

Sobre a Frente Negra Brasileira, Braga (2015) destaca que um dos seus objetivos era aglutinar diversas associações afro-brasileiras de forma a criar um grande movimento de massas que promoveria um resgate da população negra dentro dos aspectos econômicos e comerciais, como também dentro dos espaços de ensino e em ambientes voltados para sociabilidade.

Segundo Braga (2015), uma das maiores visibilidades dadas ao papel da mulher dentro da Frente Negra estava relacionado à promoção da sua integração dentro do mercado de trabalho. Esta integração fazia parte do constante trabalho da Frente Negra em manter a imagem da mulher negra de forma positiva no encaminhamento para empregos que estavam, sobretudo, dentro da área de serviços domésticos ou de cuidados. (BRAGA, 2015, pág.109)

Já o Teatro Experimental do Negro (TEN), segundo Braga (2015), tinha como missão a busca por um resgate dos aspectos e traços da cultura negra voltada para a raiz africana. Guimarães (2002) vai além ao afirmar que com o tempo, o TEN “acabou por se transformar em agência de formação profissional, clínica pública de psicodrama para a população negra e movimento de recuperação da imagem da autoestima dos negros brasileiros.” (GUIMARÃES, 2002, pág. 89)

O TEN apresentava também diferenças em relação outras iniciativas de promoção da inclusão da população afrodescendente, na medida em que suas atividades pressupunham um comprometimento maior voltado para questões de classe em detrimento da questão racial. A promoção de eventos voltados para a beleza negra também fazia parte das atividades que o TEN promoveu a partir dos anos 1940.

Antes de qualquer coisa, se faz importante delimitarmos o que conceituamos como beleza e como esse termo se insere no contexto aqui exposto. Braga (2015) argumenta que a noção desenvolvida sobre o conceito de modelos de beleza padece de flutuações, uma vez que podem ser considerados absolutos, relativizados ou mesmo ressignificados.

Os fatores que colaboram para que essas flutuações ocorram estão relacionados aos símbolos culturais que transitam, se absorvem ou se expelem mutuamente, massificam padrões de beleza ao mesmo tempo em que os singularizam. (BRAGA, 2015, pág.18)

Assim, segundo a autora, a noção de beleza que é construída dentro de um determinado momento histórico pode desaparecer logo adiante, podendo sofrer transformações que lhes vinculem a novas percepções, novos entendimentos que são concretizados de formas distintas

ao que eram anteriormente. Por isso, Braga entende o conceito de beleza como fruto do contexto histórico como também produto de uma memória ressignificada. (BRAGA, 2015, 18)

Nesse sentido, o entendimento que Braga atribui ao conceito de beleza se aplica ao cenário dos concursos de beleza voltados para mulheres negras nas primeiras décadas do século XX. Isso se dá pelo fato de que esses concursos objetivavam não somente fazer uma mera competição sobre estética.

O intuito desses concursos era também de construir uma imagem positiva da mulher negra quanto a sua postura moral. Ou seja, a beleza, nesse contexto, se caracterizava por um conjunto de atributos não apenas físicos, mas também morais, isto é, havia uma importante associação entre aparência e comportamento.

Em relação a esse último aspecto, Braga (2015) demonstra como havia, nos concursos de beleza, uma busca de desconstruir a noção sexista da imagem da mulata promíscua oriunda do período escravocrata em total contraposição da descrição argumentada por Freyre (2003) sobre a noção de uma mulher fácil perante os desejos e vontades do senhor. (BRAGA, 2015, pág.21)

Assim sendo, a “beleza” da mulher negra nesses concursos pressupunha a atribuição não focada nos traços físicos, mas sim uma espécie de modelo padrão ditado pela moral e pelos bons costumes, que se contraporia assim a uma noção de beleza física vinculada à objetificação sexual.

Segundo a autora, alguns exemplos desse cenário podem ser encontrados nas descrições dos anúncios de jornais sobre os concursos voltados para mulheres negras nos quais se pode verificar o uso enfático de expressões de cunho bastante respeitoso.

Palavras de tratamento como o termo “senhorinhas” utilizado em um dos anúncios mencionados pela autora reforça o intuito de desconstruir a imagem sexualizada da mulher negra. Outro exemplo pode ser encontrado na promoção<sup>3</sup> do concurso de beleza “Boneca de Pixe” promovido em 1948 pelo Teatro Experimental do Negro, na descrição do concurso é possível identificar o propósito de homenagear mais as virtudes morais e afetivas da mulher negra do que os valores estéticos em si.

Uma questão pode ser destacada se refere a como o cabelo era enxergado no contexto dos concursos de beleza da época. Como mencionado, Braga (2015) discorre sobre como a imagem moral se sobreponha nos concursos de beleza negra à imagem física e corporal. Esses concursos faziam parte de todo um conjunto de atividades voltadas para a promoção de uma

---

<sup>3</sup> Revista Movimento Feminino de 03/11/1948 BRAGA, 2015, pág.158. Figura 50

maior visibilidade da população negra brasileira de que rompesse com os rótulos e estereótipos construídos ao longo de todo o período escravocrata.

A vinculação negativa dada aos traços negros também foi construída dentro desse mesmo contexto. Nesse sentido, podemos perceber que dentro das iniciativas voltadas para à promoção da população negra citadas pela autora trazem algumas características em que ficam nítidas as dificuldades desses grupos em se desvincularem da reprodução do padrão branco predominante. Um exemplo dessa dificuldade está ligado à imagem que o cabelo crespo e cacheado possuía dentro da publicidade desses concursos de beleza e das publicações que as realizavam.

Como aponta Gomes (2006), o cabelo, em diversos contextos sociais, tem o poder dar ao indivíduo identificação e pertencimento ao grupo ao qual está vinculado. No contexto de escravização de negros no Brasil, o cabelo se caracterizava como um dos elementos utilizados pelos exploradores escravistas para despojar a população negra dessa ideia de identificação e pertencimento ao terem seus cabelos cortados, por exemplo.

Soma-se a isso a ideia da estigmatização que o cabelo denominado afro sofreu sendo associado a adjetivos negativos disseminados socialmente de forma bastante frequente e enfática.

Nesse sentido, Braga (2015) faz menção às contribuições de Gomes (2006) sobre a função social que o cabelo exerce dentro desse contexto de violenta negação que o período escravocrata gerou e que teve repercussões relevantes em períodos posteriores.

O significado social do cabelo era uma riqueza para o africano. Dessa forma, os aspectos estéticos assumiam lugar de importância na vida cultural das diferentes etnias. Não por acaso, os negros passavam por uma raspagem, salvaguardada sob o argumento de necessidades higiênicas, tinha o intuito de minar qualquer sentimento de pertencimento étnico que aqueles povos pudesse carregar a partir da relação com o cabelo. A tradição africana no que diz respeito ao cabelo não se perde, no entanto, com o tráfico, mas renasce: “a prática de manipular e enfeitar os cabelos foi sendo, aos poucos, mesmo sob o domínio da escravidão, transformada e ressignificada. Os africanos escravizados não perderam o seu objetivo de enfeitar os cabelos e fazer deles uma assinatura.” (BRAGA, 2015, pág.82)

Dentro dessa realidade, fruto do processo de despojamento e deslegitimação do seu cabelo enquanto produto de pertencimento e identidade, o que se pode observar é que mesmo dentro dos movimentos que priorizavam a público negro como alvo de uma maior visibilidade (como as publicações citadas e os concursos de beleza negra) ainda existia a persistência de uma forte influência da hegemonia branca.

Isso pode ser explicitado quando observamos algumas propagandas de cosméticos voltados ao público consumidor negro. Nessas publicações onde era nítida a presença de produtos que prometiam mudanças na estrutura dos cabelos, é interessante verificar o uso de

expressões que enfatizavam o quanto a figura do cabelo crespo tinha uma conotação negativa, como num anúncio dos anos 1920 de um produto químico que prometia “alisar até o cabelo mais crespo sem dor” <sup>4</sup>.

Segundo Braga (2015) o que se pode verificar é a prática que a publicidade, nesses casos, tinha por objetivo vender uma imagem padrão para a mulher negra que está intimamente ligado a um ideal de beleza denominado pela autora como eugênico, completamente oriundo das relações de poder existentes onde para a mulher negra ser considerada capaz de possuir atribuições como elegância, beleza e ser alguém moderna, precisaria estar adequada dentro desse padrão.

Dentro dessa mesma perspectiva, Lopes (2002) traz indicações sobre como práticas de embelezamento voltadas ao público negro e suas representações poderiam vir a influenciar na forma como estes tinham sua imagem perante a possibilidade de ascensão social. Aspecto este reforçado por Bento (2003) quando conceitua o embraquecimento e a ascensão social enquanto sinônimos dentro do contexto de uma sociedade dividida em classes aos quais os brancos, e tudo a eles relacionados, possuem supremacia na busca por ascenção social em detrimento à população negra. A autora descreve que a partir da aderência de algumas formas de cuidados com o corpo com enfoque na beleza e na ornamentação, foram sendo traçados métodos de resistência, acomodação, de ascensão ou adaptação da população negra frente aos obstáculos impostos pela sociedade. (LOPES, 2002, pág.413)

Ao analisar essas mesmas propagandas das primeiras décadas do século XX, Lopes (2002) demonstra uma espécie de dualidade em relação aos indicadores do que se considerava “boa aparência”. Tanto havia uma aproximação a uma ideia de embranquecimento como também havia, dentro dessas propagandas, discursos voltados para o resgate e da afirmação dos traços africanos.

Ainda assim, a autora registra em propagandas e reportagens dos anos 1920 e 1930 a presença constante do discurso voltado para o cabelo liso, numa espécie de exigência de padrão visual.

Nessa perspectiva, a imagem da mulher negra, para estar de acordo com o que os padrões exigidos a época impunham, deveria estar associada a cabelos alisados e dentro de um comprimento adequado, no caso longo, para ser considerado elegante e moderno.

Esse cenário acabou perpassando o tempo e pode ser observado em propagandas mais recentes de revistas voltados para mulheres negras, como bem observa Braga (2015) ao

---

<sup>4</sup> Propaganda do produto Cabelizidor publicado em O Clarim d' Alvorada, ano VI, n. 16, maio 1929. (Braga, 2015, pág.152. Figura 41)

discorrer sobre a existência de uma oscilação entre o enaltecimento dos traços negros e a persistência de padrões característicos brancos numa mesma publicação.

Essa flutuação de sentidos denuncia a ambivalência do enunciado posto e aponta para o conflito que existe em torno da manipulação do cabelo crespo, principalmente no que diz respeito ao alisamento. Se temos, por um lado, os discursos afirmativos que consagram uma identidade negra- e, por extensão, de uma memória discursiva que propõe, desde o momento escravocrata, a preferência por um cabelo liso em detrimento de um cabelo crespo. À esteira desta última, teríamos uma continuidade em relação às práticas de alisamento incitadas ao negro: primeiramente, durante os séculos em que tivemos regime de escravidão, pela necessidade de submeter-se a uma seleção eugênica no interior do sistema escravocrata; posteriormente, no decorrer do século XX, pela associação feita entre cabelo e elegância. (BRAGA, 2015, pág.238)

Surge, diante desse panorama, um questionamento sobre em que medida esses espaços voltados para o público negro tiveram de fato o propósito de promover uma maior visibilidade positiva da população negra, já que, também reforçaram alguns padrões de imagem que foram largamente reproduzidos sob o julgo do poder hegemônico branco que a sociedade brasileira sempre reproduziu.

É importante enfatizar que esse tipo de questionamento não se caracteriza como uma afirmação taxativa. Na verdade, o cenário exposto por Braga (2015) e Lopes (2002) simplesmente retratam a complexidade que alguns aspectos das relações raciais no Brasil possuem.

Não cabe equiparar as inúmeras práticas violentas que o racismo estrutural construiu ao longo de séculos de exploração em que a população negra foi subtraída de sua própria identidade e pertencimento, com as tentativas aqui expostas de desconstrução de uma imagem negativa que estes possuam tomando como base apenas a questão do incentivo ao alisamento de cabelos crespos.

A existência desse cenário não invalida a luta e os intentos que os grupos organizados responsáveis pelas publicações citadas e por movimentos sociais que já se mobilizavam em construir uma espécie de rede de solidariedade entre os negros, onde se poderia reafirmar o orgulho das raízes afro e a promoção de uma maior autoestima perante a sociedade.

Um aspecto importante apontado por Braga (2015), nesse sentido, refere-se ao fundador do TEN Abdias do Nascimento, que deixava nítida a sua preocupação em não acabar reverberando, nos concursos de beleza promovidos pelo movimento, exigências estéticas que pudessem impulsionar estereótipos que os mesmos combatiam.

As propagandas citadas indicam que por conta da existência do racismo estrutural vigente no país, a população negra e, sobretudo a mulher negra estaria dentro de uma lógica onde muitas vezes precisou absorver o padrão hegemônico branco para poder estar dentro de uma espécie de modelo imposto pela sociedade. Isso se caracteriza como um elemento

persistente dentro das relações sociais, como já mencionado, da associação entre aparência e desigualdade nos mais variados âmbitos.

Esse elemento, parte do processo estrutural do racismo, é justamente questionado por meio desses mesmos movimentos sociais citados onde há a preocupação em indicar o quanto a absorção do padrão de beleza branco implica na reprodução de comportamentos e discursos que invisibilizam a população negra e a marginaliza. Os movimentos organizados aí atuam de maneira a desconstruir toda essa cadeia de atribuições negativas colocadas junto à população negra, como indica Gomes (2006):

Mas quem consegue apontar a falácia desse processo deseducativo? As negras e os negros organizados desde a escravidão, as associações negras, o movimento negro, os de mulheres negras, os de juventude negra contemporâneos, os quilombolas e os mais diversos espaços sociais construídos por pessoas negras com o objetivo de superar o racismo e valorizar a cultura, a religiosidade, a estética e a ancestralidade negras. (GOMES, 2006, pág.19)

As iniciativas de resistência ao racismo estrutural vigente no Brasil trazem consigo o discurso da desmistificação de estereótipos e a construção de iniciativas que promovem o orgulho racial e a construção de uma identidade negra. Sobre este último, Gomes (2006) comprehende a identidade negra como parte de um contínuo processo, construído paulatinamente dentro de um processo histórico em uma sociedade que apresenta um cenário de uma espécie de racismo ambíguo. Essa ideia apontada por Gomes reside na percepção da autora, ao analisar salões de beleza étnicos, onde observou a presença da reprodução de discursos que reforçavam a adjetivos negativos ao cabelo afro, mesmo num ambiente onde este é foco de cuidados especializados.

Essa noção de racismo ambíguo citada por Gomes (2006) nos auxilia a compreender como determinados aspectos do racismo se apresentam. No que se refere a questões corporais, o racismo se caracteriza de diversas formas, já que a discriminação e o preconceito vão além da cor da pele. A reprodução de um discurso negativo vinculado ao cabelo crespo e cacheado, por exemplo, se caracteriza como um dos pontos de destaque que representam essa ideia de um racismo ambíguo.

Como já reforçado, a ideia negativa dada aos traços negros e que influem principalmente nas mulheres caracteriza-se como enquanto padrão de reprodução de desigualdades seja num âmbito mais social como também em âmbito mais subjetivo. Munanga (2006) faz uma reflexão nesse sentido ao discorrer sobre como a construção dessa noção negativa dada aos traços negros dentro da estrutura racista na qual vivemos influencia a vivência da população negra e as consequências que isso acarreta.

Desde a construção da ideologia racista, a cor branca com os seus atributos nunca deixou de ser considerada como referencial da beleza humana com base na qual foram

projetados os cânones da estética humana. Por uma pressão psicológica visando à manutenção e à reprodução dessa ideologia que, sabe-se, subentende a dominação e a hegemonia “racial” de um grupo sobre os outros, os negros introjetaram e internalizaram a feiúra do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada em seu favor. (MUNANGA, 2006, pág.23)

Munanga (2006) afirma então que diante desse contexto desolador se faz ainda cada vez mais necessário a promoção de iniciativas que busquem reforçar uma espécie de libertação da ideia de inferioridade dada à imagem do corpo negro. E que essas iniciativas tenham por objetivo disseminar a construção de “novos cânones de beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro.” (MUNANGA, 2006, pág. 24).

As iniciativas realizadas por movimentos sociais negros das primeiras décadas do século XX buscaram pôr em prática justamente ações que incentivavam a luta por uma construção positiva da imagem da população negra no Brasil. Muito embora grande parte dessas iniciativas estivesse mais focada dentro de uma construção moral da população negra, em detrimento a uma promoção do enaltecimento dos traços físicos, como ficou evidenciado.

Ainda assim, é pertinente destacar que um dos concursos de beleza negra promovido pelo Teatro Experimental do Negro se chamava Boneca de Pixe. Essa designação reforça a busca por uma ressignificação de termos pejorativos dados historicamente a pessoas negras, já que o uso da expressão pixe sempre se apresentou como uma denominação negativa, de reforço ao preconceito.

Outro exemplo nesse mesmo sentido e mais recente pode ser encontrado na Noite do Cabelo Pixaim<sup>5</sup>, evento promovido pelo Afoxé Alafim Oyó da cidade de Olinda-PE desde meados dos anos 1980. Essa iniciativa colocava o cabelo crespo como símbolo de luta e afirmação da estética negra e motivo de orgulho, também ressignificando um termo historicamente negativo dado ao cabelo crespo.

Cabe destacarmos, a partir deste exemplo, o papel que blocos de carnaval afros, afoxés e outras agremiações vinculadas a religiões de matriz africana que sempre estiveram como referências na busca da valorização e da visibilidade da estética negra, colocando-a como um dos elementos de luta e afirmação da beleza negra. Também fazendo parte dos movimentos organizados de luta e resistência do cenário brasileiro que citamos anteriormente.

A utilização do cabelo e do corpo como motivação de orgulho e afirmação da estética negra é visto por Gomes (2006) como uma manifestação e sustento simbólico da identidade negra brasileira. Segundo a autora, esses dois elementos quando associados contribuem para

---

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www.geledes.org.br/entenda-noite-do-cabelo-pixaim/> Acesso em 24/06/2021

uma “construção social, cultural, política e ideológica de uma expressão criada no seio da comunidade negra: a beleza negra.” (GOMES, 2006, pág.28)

Uma das grandes referências dentro desse seguimento é o bloco afro Ilê Aiyê do bairro de Curuzu em Salvador (BA) que se notabilizou ao promover a partir dos anos 1970 a “Noite da Beleza Negra”. Gonzalez (2020) descreve o Ilê Aiyê como um verdadeiro polo irradiador de “uma verdadeira revolução cultural afrobaiana.” (GONZALEZ, 2020, pág, 214)

Na visão da autora, o Ilê Aiyê se destacava por não ser mais um dentre tantos outros blocos do carnaval baiano por promover desde o seu nome o que chama de valores culturais afro-brasileiros. E que dentro de seus adornos, afirmava a arte africana trazendo assim uma espécie de revolução cultural e estética no contexto brasileiro.

Ainda segundo Gonzalez (2020), os eventos voltados para a promoção da estética negra realizados pelo Ilê Aiyê, como o concurso Deusa do Ébano dentro do evento Noite da Beleza Negra, seriam iniciativas que produzem impactos não somente no período carnavalesco, mas sim durante todo o ano ao reafirmar a valorização da mulher negra que, segundo ela, é “tão massacrada e inferiorizada por um machismo racista, assim como por seus valores estéticos eurocêntricos.” (GONZALEZ, 2020, pág.215)

É importante mencionar o destaque que Gonzalez (2020) dá ao descrever o evento promovido pelo Ilê Aiyê ao mencionar que as mulheres participantes se apresentam com seus cabelos naturais, “sem perucas ou cabelos “esticados”, sem bunda de fora ou máscaras de pintura, pareciam a própria encarnação de Oxum, a deusa da beleza negra.” (GONZALEZ, 2020, pág.215)

Ou seja, diferentemente dos eventos das primeiras décadas do século XX que citamos anteriormente, onde a ideia de beleza só era focada na postura moral e os traços físicos não tinham tanto destaque, na Noite da Beleza Negra do Ilê Aiyê os traços físicos não só são valorizados como são ressaltados. Com os cabelos, por exemplo, ganhando destaque como símbolo de orgulho e resistência.

Também cabe destacar que Gonzalez (2020) enfatiza que esse evento não tem por objetivo reproduzir o estilo de concursos de beleza do gênero miss, por exemplo. A autora argumenta que este tipo de concurso reforçaria os padrões de branqueamento e os estereótipos vinculados a estética negra. E que a iniciativa do Ilê Aiyê tem o propósito de se contrapor a esse tipo de evento, buscando uma subversão cultural voltada para o resgate dos valores estéticos vinculados a uma afro-brasilidade.

Vale também ressaltar que Gonzalez (2020) enfatiza que no concurso Deusa do Ébano promovido pela Noite da Beleza Negra não há nenhum elemento que sugira uma sexualização

da mulher negra, pelo contrário. Algo que aproxima esse evento das iniciativas citadas anteriormente.

É importante mencionar que iniciativas como a do Ilê Ayiê acabaram por ser contemporâneas a alguns processos sociais bastante relevantes no contexto histórico na qual se inserem. Algo que Braga (2015) destaca ao mencionar que houve uma intensificação da luta por visibilidade da população negra no Brasil durante os anos 1980 e a partir do processo de reabertura política que o país vivenciou nesse mesmo período.

Um dos marcos nesse sentido foi a fundação do Movimento Negro Unificado em 1979, organização ideologicamente vinculada à esquerda revolucionária e que segundo Guimarães (2002) se caracterizava como completamente diferente de movimentos anteriores por possuir esse perfil.

Esse período também é fortemente marcado pelas influências externas ao Brasil, como a independência de Angola ocorrida em 1975 e o movimento em prol dos direitos civis nos Estados Unidos intensificado pela atuação de organizações como os Panteras Negras e do movimento Black Power. Braga (2015) destaca que nesse mesmo contexto também cresce movimento de mulheres abrindo mais espaço para a militância das mulheres negras que assumem maior destaque.

Mesmo nesse contexto de efervescência política e social que rendeu vários meios e espaços de quebra de paradigma, hooks (2019) argumenta que dentro do cenário estadunidense os valores e pensamentos da supremacia branca ainda continuam a ser internalizados por setores da população negra nos mais variados meios de mídia ou mesmo em sistemas educacionais não comprometidos com a luta antirracista. Algo destacado na seguinte passagem:

Sem uma luta de resistência contínua e movimentos progressistas de libertação dos negros pela autodefinição, massas de pessoas negras (e de todas as outras pessoas) não têm uma visão de mundo alternativa que afirme e celebre a negritude. Rituais de afirmação (celebrando a história dos negros, feriados etc.) não podem intervir na socialização da supremacia branca se existirem fora de uma luta antirracista ativa que busque transformar a sociedade. (HOOKS, 2019, pág.51)

Ou seja, hooks ressalta a importância dos movimentos de resistência ao racismo na busca de um cenário social efetivamente antirracista. No contexto brasileiro isso não é diferente. Gonzalez (2020) enfatiza que o racismo dentro da América Latina se coloca de forma tão sofisticada na manutenção de uma condição subalterna para negros e indígenas. Além disso, o argumento da autora converge com hooks ao enfatizar que os meios de comunicação de massa e os aparatos ideológicos tradicionais reproduzem e perpetuam as crenças e valores relativos à branquitude como únicas e universais. (GONZALEZ, 2020, pág.144)

Nesse sentido, as iniciativas voltadas para a quebra de estereótipos racistas se fazem extremamente importantes numa realidade que demanda cada vez mais uma postura contrahegemônica em relação aos padrões embranquecedores. No que se refere à estética negra, a figura do cabelo crespo e cacheado pode ser traçada como um dos elementos de destaque na luta contra o preconceito. A partir desses tipos de iniciativas, há uma busca constante por espaços onde a afirmação dos traços negros tem destaque.

Como afirma Gomes (2006), o jeito como negros e negras enxergam seus corpos e seus cabelos e como os outros o veem origina um aprendizado relevante dentro das relações raciais. O desenvolvimento de uma espécie de pedagogia da cor e do corpo pode gerar a construção de imagens, sendo estas passíveis de serem distorcidas ou ressignificadas dependendo de onde esse desenvolvimento se origina. Nessa perspectiva, imagens estereotipadas podem ser mantidas ou completamente apagadas, noções hierárquicas raciais podem se manter ou serem rompidas. Tudo isso dentro de uma lógica nas relações sociais que tem a possibilidade de serem estabelecidas de forma desigual ou democrática.

Nesse sentido, pode ser mencionado o fenômeno da transição capilar como um processo e instrumento de ressignificação e afirmação positiva da identidade. Como também, ferramenta que pode auxiliar na busca por reconhecimento desta mesma identidade, algo que exploraremos a seguir.

### **3 CAPÍTULO 2- TRANSIÇÃO CAPILAR: ELEMENTOS E SIGNIFICADOS EM DISPUTA**

#### **2.1 A transição capilar: instrumento de afirmação e reconhecimento da identidade?**

Como mencionado anteriormente, uma das várias formas como o racismo estrutural se expressa no Brasil está vinculado a questão da inferiorização da população negra quanto a sua aparência. A persistência da reprodução desse discurso gera inúmeras consequências que são refletidas nos contextos sociais, econômicos, políticos, etc. No caso da mulher negra, esse cenário tem um peso bastante relevante e que ao longo do último século foram criadas inúmeras iniciativas que objetivavam quebrar com as percepções negativas e preconceituosas voltadas à sua imagem.

Dentro desse universo, podemos considerar que o cabelo tem um grande peso representativo no conjunto dos traços negros que passaram por associações negativas ao longo de boa parte da história recente brasileira e que também persistem na atualidade. A manutenção de adjetivos negativos dados à textura crespa e cacheada se apresenta de forma tão profunda que mesmo dentro de iniciativas que procuraram ampliar a visibilidade de uma imagem mais positiva da população negra brasileira, ainda foi percebido uma espécie de “rejeição” ao cabelo crespo e cacheado considerados como “difíceis de lidar”.

E, diante disso, as soluções encontradas estariam focadas nos cuidados com os fios de forma a “neutralizar” as características naturais que o crespo e o cacheado apresentam como volume, maior facilidade de ressecamento, etc. Nesse sentido, a utilização de métodos químicos e não-químicos que objetivam o alisamento dos cabelos ganharam destaque, como observamos anteriormente nos apontamentos de Braga (2015) ao sinalizar as propagandas de produtos para cabelos crespos e cacheados contidas em publicações voltadas ao público negro nas primeiras décadas do século XX.

Ou seja, mesmo dentro de um ambiente de valorização da estética negra ainda havia a reprodução de algumas características do padrão estético próximo da branquitude, levando a uma consideração na qual o cabelo liso é o mais esteticamente aceito socialmente em detrimento ao cabelo crespo e cacheado, considerados numa espécie hierárquica inferiores ou menos bonitos. Ou de maneira mais grosseira, vinculados à alcunha de “cabelo ruim”.

Métodos usados para o alisamento dos cabelos ou ao relaxamento dos cachos feitos quimicamente frequentemente foram vendidos como verdadeiras soluções no cuidado com os fios resultando assim na alteração da estrutura original dos cabelos. Há também a presença de outros mecanismos de alisamento que não são químicos, mas que alteram o formato, mesmo que momentaneamente, do cabelo crespo e cacheado como aparelhos elétricos secadores, chapinhas, pentes quentes (método antigo e raramente utilizado na atualidade), entre outros. Esses aparelhos reforçariam a imagem do cabelo liso como o ideal a ser exposto e mantido.

Contudo, nos últimos anos percebeu-se a emergência de um “novo” fenômeno ocorrido principalmente por sua grande disseminação na internet, sobretudo nas redes sociais, que acabou ganhando grande adesão entre pessoas que passavam por processos de alisamento e que gostariam de retomar o aspecto natural do cabelo. Esse fenômeno atende pelo nome de transição capilar.

O termo refere-se ao período na qual o cabelo que passou por processos químicos que alteraram sua estrutura original e passa, aos poucos, a recuperar seu formato natural, após a suspensão do uso desses procedimentos. Durante o período de transição capilar, o cabelo apresenta duas texturas já que ao passo em ocorre o crescimento dos fios naturais, também há ainda a presença da textura ainda alisada. O final da transição ocorre com o corte das partes alisadas do cabelo, corte esse que é conhecido popularmente como *Big Chop* (grande corte).

As motivações que levam a uma pessoa a optar por passar pela transição capilar são variadas, mas as que mais comumente são encontradas estão relacionadas a um relacionamento mais saudável com o cabelo, uma vez que o uso constante de químicas e de aparelhos de alisamento que utilizam de altas temperaturas nos fios que podem resultar em sérios danos aos cabelos. Outra motivação bastante frequente se caracteriza pela vontade de saber ou experienciar como é viver com o cabelo natural, já que muitas crespos e cacheados passam por esses procedimentos químicos desde a infância e sequer lembram como eram originalmente seus cabelos.

Essas motivações podem passar simplesmente pelo plano da estética, como também pode adquirir contornos políticos vinculados a processos de resistência a estereótipos racistas e afirmação de uma identidade negra. Em um contexto na qual a presença massiva de padrões estéticos voltados para o uso de cabelo alisado se caracteriza como persistente, a transição capilar apresenta-se como mecanismo de aceitação do cabelo natural crespo e cacheado, colocando-os como motivo de orgulho e rompendo, assim, a visão negativa e preconceituosa que cabelos crespos e cacheados historicamente estiveram vinculados dentro dos padrões estéticos.

Considero a emergência da transição capilar como fenômeno “novo” por não ter sido identificado iniciativas que buscaram maior visibilidade e afirmação do cabelo naturalmente crespo e cacheado ao longo dos anos. Movimentos culturais como o estadunidense *Black is beautiful* nos anos de 1960 chamavam a atenção para a valorização das características naturais aos negros, incluso a isso a defesa enfática do uso dos cabelos naturais.

Contudo, como já afirmado acima, as motivações que levam a uma pessoa a optar pela transição capilar são variadas e nem sempre necessariamente partem pela via da luta política

em defesa da própria identidade. Podemos afirmar, entretanto, que a adesão pela transição capilar pode representar um ponto de partida na busca pela identidade e o reconhecimento racial através da estética, da aparência dos traços naturais anteriormente estigmatizados.

A articulação em torno da transição capilar ganhou bastante força através da internet onde se pode encontrar uma verdadeira infinitude de sites, blogs, e perfis nas redes sociais, entre outros que se dedicam totalmente às explicações em torno de como se dá o processo, como também no compartilhamento de relatos de quem passou ou está passando pela transição com enfoque nos seus benefícios, as dificuldades que norteiam o processo e a troca de informações e experiências sobre os produtos mais adequados para os cuidados com os fios antes e depois desse período.

Dentro do ambiente da internet é possível identificar através de grupos de discussão principalmente oriundos de redes sociais, que o fenômeno da transição capilar acaba originando uma grande rede de solidariedade entre as pessoas que optam em passar pelo período ou que cogitam passar por ele.

É através dessa troca de informações e de experiências que o processo de transição capilar ganha força entre seus adeptos. Nesse sentido, a internet torna-se mecanismo bastante relevante e de certa forma bem democratizante no acesso a informações sobre o processo, se compararmos com um cenário anterior no qual havia escassa visibilidade de crespos e cacheadas nas mídias em geral.

Sendo assim, a internet e as redes sociais, ao oferecerem esse amplo acesso a informações sobre a transição capilar, facilitam a emergência de um número cada vez maior de pessoas que se inspiram umas nas outras criando assim um cenário onde há a presença de uma maior visibilidade entre crespos e cacheadas. Um dos exemplos desse cenário é a vasta quantidade de influenciadoras digitais<sup>6</sup> que dedicam boa parte da produção de seus conteúdos voltados para essa temática, eixo que será melhor abordado posteriormente.

O acesso aos conteúdos sobre a transição capilar e o compartilhamento de vivências da transição também podem originar entre seus adeptos o despertar do reconhecimento da própria identidade. Fato esse que transforma a transição capilar como um processo muito além do simples retorno ao uso do cabelo natural por parte de crespos e cacheadas, caracterizando-se como mecanismo de afirmação e orgulho da própria identidade e dos traços naturais que muitas vezes foram objetos de preconceito e adjetivos pejorativos.

---

<sup>6</sup> Disponível em <https://canaltech.com.br/redes-sociais/digital-influencers-afinal-o-que-e-ser-um-influenciador-nas-redes-162554/> Acesso em 17/06/2020

O cabelo crespo e cacheado torna-se um dos aspectos mais importantes dentro da construção desse processo de afirmação da identidade e de seu reconhecimento junto a si próprio como também perante as outras pessoas, o que torna a transição capilar um processo muito além de um retorno ao cabelo natural, como bem aponta Gomes (2006):

No Brasil, esse padrão ideal é branco, mas o real é negro e mestiço. O tratamento dado ao cabelo pode ser considerado uma das maneiras de expressar essa tensão. A consciência ou o encobrimento desse conflito, vivido na estética do corpo negro, marca a vida e a trajetória dos sujeitos. Por isso, para o negro, a intervenção no cabelo e no corpo é mais do que uma questão de vaidade ou de tratamento estético. É identitária. (GOMES, 2006, pág.29)

Nesse sentido, dentro da perspectiva identitária, o conceito de reconhecimento se faz muito influente dentro das muitas vivências experienciadas dos sujeitos que passam pela transição capilar, algo que não necessariamente se apresenta como surpresa dentro dos estudos inerentes às relações raciais.

Na perspectiva de Frantz Fanon (2008), por exemplo, a construção do processo de reconhecimento está fortemente vinculada à relação do indivíduo com o outro, ou seja, com aquele que é diferente de si. Ao analisar a realidade da população negra antilhana, Fanon afirma que o histórico processo de desvalorização ao qual a população negra é sujeita acaba por desenvolver um cenário de inferiorização dos negros.

Além disso, Fanon argumenta que quando se tenta fazer uma leitura através do olhar do outro buscando uma visibilidade positiva de si e este lhe retribui com uma percepção negativa, o indivíduo procura então desvalorizar sua imagem espelhada que o outro constrói. Ainda assim, Fanon observa que dentro de um cenário onde a ideia de inferioridade e superioridade entre negros e brancos se faz presente, o conceito de reconhecimento através do outro ganha contornos bastante visíveis, como podemos ver na passagem a seguir:

O homem só é humano na medida em que ele quer se impor a um outro homem, a fim de ser reconhecido. Enquanto ele não é efetivamente reconhecido pelo outro, é este outro que permanece o tema de sua ação. É deste outro, do reconhecimento por este outro que dependem seu valor e sua realidade humana. É neste outro que se condensa o sentido de sua vida. (FANON, 2008, pág.180)

É importante mencionar que o contexto analisado por Fanon é marcado fortemente pela presença da colonialidade percebida enquanto um sistema onde a inferiorização da população negra se faz regra, algo que podemos, de certa forma, afirmar que muito dialoga com as passagens de Fernandes (2008) e Sousa (1983) vistos anteriormente onde pudemos perceber como o racismo estrutural no contexto brasileiro persiste nas relações sociais através de uma vinculação negativa aos traços negros, por exemplo.

Fanon indica que uma forma de romper com esse ciclo ocorre por meio da mediação e do reconhecimento feito de forma mútua entre o indivíduo na sua relação com o outro. Pois, a

partir dessa ação é possível que haja a compreensão da realidade humana de cada indivíduo e que se isso ocorresse de forma unilateral não seria efetivo no rompimento desse panorama. A importância da compreensão do outro dentro do processo de construção do reconhecimento é enfatizada pelo autor na seguinte passagem:

Na sua imediaticidade, a consciência de si é simples ser para si. Para obter a certeza de si-mesmo, é preciso a integração do conceito de reconhecimento. O outro, igualmente, espera nosso reconhecimento, a fim de se expandir na consciência de si universal. Cada consciência de si procura o absoluto. (FANON, 2008, pág.181)

No que diz respeito ao processo de transição capilar e a interação gerada por este processo nas mídias digitais, podemos fazer uma aproximação do conceito de reconhecimento indicado por Fanon com a interação que existe nesse ambiente. E na troca de informações e experiências vivenciadas por quem passou pela transição capilar, diferentes crespas e cacheadas passam a se reconhecerem entre si chegando ao ponto de servirem de inspiração umas às outras nessa experiência.

Mesmo que na conjuntura apontada por Fanon a figura do outro possa ser compreendida como aquele que seria o total oposto de um determinado indivíduo (no caso, a branquitude), dentro dessa investigação podemos entender que o conceito de reconhecimento proposto pelo autor também pode ser aplicado no contexto de interação social pela via digital. Uma vez que a partir dessa interação diferentes indivíduos passam a se identificar uns com os outros diante das vivências experienciadas antes, durante e após o processo de transição capilar, gerando dessa forma noções de reconhecimento entre si mesmos.

Além disso, Fanon, ao descrever sua interpretação sobre a população negra antilhana, discorre também sobre os conflitos raciais onde há a presença de uma estrutura que impõe a negação do negro com si próprio e com seus iguais. Um caminho apontado pelo autor, como bem menciona Gomes (2006), está baseado na tomada de consciência do negro da possibilidade de existir e não mais precisar absorver os padrões vinculados à branquitude para ter visibilidade.

Essa percepção de Fanon também pode ser aproximada ao processo de transição capilar por conta da possibilidade que esse mecanismo possui de justamente ser um instrumento de tomada de consciência da própria identidade, como também de uma certa “desaproximação” do padrão branco hegemônico onde somente o cabelo liso é valorizado e digno de beleza.

A partir do momento em que a transição capilar possibilita a valorização do cabelo crespo e cacheado natural e ocorre o distanciamento de um padrão de beleza preestabelecido, podemos afirmar que ela se encaixa com a visão de Fanon no sentido em que se caracteriza

como um fenômeno que, de certa forma, tem um sentido de ruptura da negação dos traços naturais negros.

O conceito de reconhecimento possui aproximações com o fenômeno da transição capilar e das implicações geradas por esse processo na sobre as pessoas que optam passar por ele. Outras percepções sobre o conceito de reconhecimento também nos auxiliam a entender a transição capilar como mecanismo de rompimento de um panorama racista e de invisibilização da população negra.

Nesse sentido, podemos mencionar a concepção de Nancy Fraser (2006) com relação ao cenário de lutas por reconhecimento, descritas pela autora como algo de forte presença dentro dos conflitos políticos nas últimas décadas. A partir das reivindicações voltadas ao reconhecimento da diferença, a autora destaca que este último se caracteriza como ponto de partida para a mobilização de grupos organizados que objetivam levar adiante as bandeiras relacionadas às questões de gênero, de raça, entre outras demandas.

Fraser enfatiza que em um cenário de injustiças dentro do âmbito cultural numa sociedade, há um estabelecimento de padrões sociais que a autora divide em três segmentos: representação, interpretação e comunicação. Dentre os exemplos que Fraser menciona sobre como essa injustiça se apresenta, inclui as variadas formas de dominação cultural, a invisibilidade (falta de representatividade) e o desrespeito relacionado a formas de representação estereotipadas ou desqualificadoras.

Uma das soluções apontadas por Fraser para mudar esse paradigma está relacionado com a busca por mudanças no plano cultural ou simbólico que objetivem a valorização das identidades desrespeitadas e promovendo o reconhecimento positivo da diversidade cultural. Como bem aborda Mattos (2004), Fraser faz um direcionamento voltado às lutas contra as injustiças sociais que estão vinculadas à busca por soluções que objetivem destruir os padrões comportamentais tidos como consensos solidificados e transpassados por preconceitos.

Essa concepção de Fraser pode ser bem observada no destaque a seguir:

Um aspecto central do racismo é o eurocentrismo: a construção autorizada de normas que privilegiam os traços associados com o “ser branco”. Em sua companhia está o racismo cultural: a desqualificação generalizada das coisas codificadas como “negras”, “pardas” e “amarelas”, paradigmaticamente – mas não só – as pessoas de cor. Esta depreciação se expressa numa variedade de danos sofridos pelas pessoas de cor, incluindo representações estereotipadas e humilhantes na mídia, como criminosos, brutais, primitivos, estúpidos etc; violência, assédio e difamação em todas as esferas da vida cotidiana; sujeição às normas eurocêntricas que fazem com que as pessoas de cor pareçam inferiores ou desviantes e que contribuem para mantê-las em desvantagem mesmo na ausência de qualquer intenção de discriminar; (FRASER, 2006, pág.235-236)

Ou seja, fica nítido que para Fraser (2006) a luta por reconhecimento está inclinada a um caráter intrinsecamente ligado ao conceito de justiça. Algo que Mattos (2004) menciona fazer parte de um padrão universal de justiça que tenha aceitação geral a partir da ideia de que o ser humano tem valor igual. Mattos enfatiza que a posição de Fraser sobre a negação do reconhecimento está baseada muito mais nas práticas de discriminação institucionalizadas socialmente do que em detrimento as situações de depreciação que os indivíduos sofrem.

Uma percepção próxima a esta também pode ser encontrada nas ideias de Axel Honneth ao situar seu entendimento de que a luta por reconhecimento está vinculada a questão de justiça, embora possua algumas divergências com Fraser. Como aponta Mattos (2004), Honneth enxerga o conceito de reconhecimento como uma categoria central da Sociologia e Psicologia Moral de George Mead ligado uma noção de auto-realização individual e não se restringindo apenas a uma questão de justiça.

O pensamento de Honneth é fortemente influenciado pela noção hegeliana de “luta por reconhecimento” onde há a presença da concepção de intersubjetividade nas relações do sujeito de si pautada na dependência de três formas de reconhecimento: amor, direito e estima. Essas formas também situam formas de desrespeito que, segundo Sobottka (2016), podem se apresentar como injúria moral e como injustiça, originando variados conflitos sociais. Algo que conceitua a percepção de Honneth sobre o que seria a luta por reconhecimento. A fonte hegeliana ligada ao pensamento de Honneth é bem mencionada por Souza (2000) ao tratar como o conceito de reconhecimento ligado a intersubjetividade é compreendido nesta linha de raciocínio:

Nesse sentido, o sujeito deve ser visto como alguém que, precisamente através da aceitação por parte de outros sujeitos de suas capacidades e qualidades, sente-se reconhecido e consequentemente em comunhão com estes, possibilitando sua disposição de também reconhecer o outro em sua originalidade e singularidade. O argumento hegeliano é construído de tal modo que a dinâmica do reconhecimento mútuo segue um desenvolvimento espiral onde, a cada nova forma de reconhecimento social, o indivíduo aprende a conhecer e realizar novas dimensões de sua própria identidade. (SOUZA, 2000, pág.135)

Souza (2000) discorre que diante dos fundamentos hegelianos sobre reconhecimento, o pensamento de Honneth é desenvolvido a partir da dinâmica de uma luta por reconhecimento que é originada pela busca por mudança social. Souza (2000) também ressalta que, para Honneth, seriam as motivações morais das lutas de grupos sociais que ao se constituírem como núcleos coletivos, permitiriam uma progressiva institucionalização e aceitação cultural das mais variadas dimensões do reconhecimento recíproco.

Ou seja, a ideia de Honneth (2015) está fundamentada numa teoria crítica social onde as mudanças sociais são fenômenos que podem ser descritas a partir de critérios normativos onde

se fundamenta essa ideia de reconhecimento recíproco. Mattos (2004) também menciona que Honneth, a partir desses critérios normativos, descreve uma concepção de boa vida. Isso, segundo o autor, é o que está por detrás das lutas por reconhecimento.

Neves (2005) também discorre sobre a conceituação de reconhecimento em Honneth apontando que o autor entende o reconhecimento não somente como um fundamento ético do ser humano. Também é uma base de compreensão de várias lutas sociais da atualidade ou do passado, conforme já expusemos, que são fatos fundamentais na ampliação da equidade no mundo contemporâneo. Segundo Neves (2005), para Honneth o reconhecimento pode vir a ser uma base para que os indivíduos tenham a possibilidade de construir o que o autor chama de “identidades intactas” fundamentadas no acesso igualitário a direitos e à estima social, tornando-se, assim, base para uma justiça social em expansão.

Ainda que Honneth e Fraser concordem que a dimensão de justiça se caracteriza como uma das bases fundamentais das lutas por reconhecimento, a autora busca fazer uma abordagem ligada à necessidade de discussão das demandas distribuição junto à temática do reconhecimento.

Neves (2005) aponta que Fraser comprehende que as questões de raça e gênero apresentam semelhanças entre si. No caso, a autora explora que os eixos da injustiça que permeiam as relações de raça e gênero têm fundamentos simultâneos que se originam de aspectos culturais e socioeconômicos.

Mattos (2004) também menciona o pensamento de Fraser ao discorrer sobre como se constrói a sua teoria social demonstrando que as injustiças de status estão fortemente vinculados com a estrutura moderna do capitalismo, não desaparecendo na transição da sociedade tradicional para a sociedade moderna. O que ocorre é apenas uma adaptação de padrões que fundamentam o status social.

Por essa razão, Fraser (2006) faz uma diferenciação entre as lutas por reconhecimento e as lutas por redistribuição. Enquanto a primeira reduzir as injustiças de um determinado grupo promovendo sua valorização, como visto anteriormente, o que resulta numa promoção da diferença perante a padrões sociais previamente estabelecidos, a segunda parte da premissa da busca por soluções que objetivam erradicar a diferença econômica que determinados grupos sofrem.

Ou seja, enquanto as demandas por reconhecimento promovem a diferença, as demandas por redistribuição objetivam a busca por igualdade, pela não diferenciação. Nesse sentido, Fraser (2006) desenvolve o argumento sobre como as demandas de reconhecimento e de redistribuição estão presentes nas relações de raça e gênero, mesmo que a princípio os dois

termos se baseiam em objetivos opostos. A autora então chama esse panorama de dilema da redistribuição-reconhecimento, já que as relações de raça e gênero estão marcadas tanto pelas injustiças culturais como também pelas injustiças econômicas.

Dessa forma, a autora argumenta que os indivíduos que estão inseridos dentro desse contexto fazem parte do que chama de coletividades “bivalentes”. O termo é assim chamado por Fraser pelo fato de que os problemas relacionados às questões de gênero e as raciais necessitam de resoluções tanto no âmbito redistributivo como também dentro das demandas por reconhecimento.

Mas como o conceito de reconhecimento tanto na perspectiva de Honneth como na perspectiva de Fraser pode ser aproximado do processo de transição capilar? Podemos identificar alguns elementos que envolvem a transição capilar com possíveis estratégias da luta por reconhecimento, mesmo que as pessoas que passam pelo processo não necessariamente assim identifiquem inicialmente sua experiência.

Semelhante às percepções de Fraser sobre as questões de raça e gênero incluírem tanto demandas por reconhecimento quanto por redistribuição, podemos retomar as menções feitas de Gonzalez (2020) e Sousa (1983) sobre a desvalorização da mulher negra no Brasil no âmbito de sua aparência que também impacta na sua vida no mercado de trabalho, por exemplo. Pode-se perceber a presença de duas formas de injustiça tanto na questão da falta de reconhecimento, como também no contexto econômico.

A mulher negra é desrespeitada pela vinculação negativa dada aos seus traços físicos, como o cabelo, como também em muitas situações nas quais sofre por conta da propagação de estereótipos preconceituosos sobre sua imagem. Esse preconceito interfere também no mundo do trabalho, como bem mencionado por Gonzalez, mulheres negras ocupam baixos postos de trabalho, tem remuneração menor que mulheres brancas ou mesmo são preteridas em seleções de emprego, assim como a utilização de expressões como “boa aparência” em anúncios de emprego nitidamente excluíam a mulher negra, como visto anteriormente. Fica nítido, dessa forma, como as demandas por reconhecimento e por redistribuição são presentes nesse caso.

Quando pensamos no fenômeno da transição capilar e entendemos que esse processo pode servir de mecanismo de reconhecimento da própria identidade e de propagação de uma visibilidade positiva para mulheres negras, reforçando o orgulho de ostentar seus cabelos naturalmente crespos e cacheados, identificamos assim uma proximidade desse fenômeno com o entendimento de Fraser.

Isso se explica pelo fato de que a ampla disseminação de informações e discussões que a transição capilar gera, cria um ambiente onde há a possibilidade de um despertar para as

demandas por reconhecimento. Da mesma forma, a maior visibilidade que crespas e cacheadas passaram a obter por conta do grande interesse pela transição capilar, gerou também maior interesse do mercado de cosméticos para esse público que historicamente tinha pouca visibilidade, como vamos abordar posteriormente. A luta por reconhecimento se vincula com as críticas sobre a pouca representatividade que crespas e cacheadas tiveram nos mais variados contextos sociais.

Já sobre as demandas por redistribuição, há poucas associações que podemos fazer junto ao processo de transição capilar. Podemos identificar, por exemplo, a presença massiva de mulheres negras que a partir da visibilidade que obtiveram falando sobre a transição na internet, se tornaram influenciadoras digitais e produtoras de conteúdo nas redes sociais de forma profissional.

Isso acarretou numa melhoria significativa para elas no âmbito do trabalho, embora deixemos claro que esse cenário é representativamente muito pequeno para justificar uma mudança estrutural de caráter econômico para mulheres negras no Brasil.

No que diz respeito à perspectiva de Honneth, podemos compreender que a transição capilar apresenta elementos que a aproxima da dinâmica das lutas por reconhecimento conceituada pelo autor, já que, como afirma Mattos (2004), Honneth comprehende que toda luta por reconhecimento parte do pressuposto de uma dialética do geral e do particular, ou como bem explica a autora: “Afinal, é sempre uma particularidade relativa, uma “diferença” que não gozava de proteção legal anteriormente que passa a pretender tal status.” (MATTOS, 2004, pág.160)

Podemos entender, nesse sentido, que a transição capilar pode se apresentar como um fenômeno que parte do interesse particular do indivíduo em retornar ao uso do cabelo natural e que pode resultar na criação de um ambiente de reconhecimento e boa estima daqueles que passam pelo processo. A visibilidade maior que a transição capilar proporciona às mulheres crespas e cacheadas pode vir a viabilizar uma maior conscientização da necessidade de reconhecimento mais amplo, demandado historicamente por diversas iniciativas de movimentos sociais.

## **2.2 A transição capilar em diálogo com o conceito e empoderamento e interseccionalidade**

Um outro conceito que recorrentemente tem sido citado por quem passa pela transição capilar, como será mencionado posteriormente na análise dos dados, se refere ao termo empoderamento. Cabe enfatizar que o termo empoderamento possui variadas definições sob o ponto de vista teórico.

Dessa forma, para evitar uma possível compreensão inadequada do termo, é relevante mencionar alguns dos sentidos ligados ao conceito de empoderamento e como este pode ser vinculado ao processo de transição capilar.

Segundo Batliwala (1994) (apud Sardenberg, 2009), a conceituação de empoderamento está vinculada a uma variedade de iniciativas pautadas pela assertividade individual, por mobilizações coletivas e pelo uso da resistência no questionamento aos pilares das relações de poder. A autora condiciona o empoderamento à capacidade de reivindicação dentro de uma estrutura opressora a determinados grupos sociais, como bem descreve a seguir:

No caso de indivíduos e grupos cujo acesso aos recursos e poder são determinados por classe, casta, etnicidade e gênero, o empoderamento começa quando eles não apenas reconhecem as forças sistêmicas que os oprimem, como também atuam no sentido de mudar as relações de poder existentes. Portanto, o empoderamento é um processo dirigido para a transformação da natureza e direção das forças sistêmicas que marginalizam as mulheres e outros setores excluídos em determinados contextos” (BATLIWA, 1994, p. 130). (Apud Sardenberg, pág. 6, 2009)

Sardenberg (2009) reforça a ideia de Batliwala (1994) ao mencionar o movimento feminista no qual o termo empoderamento, faz parte de uma construção em busca de uma autonomia, autodeterminação perante uma estrutura onde a desigualdade e a violência de gênero é presente. Sadenberg também argumenta que para as feministas o processo de empoderamento se constitui como um meio e como um fim na busca pela libertação das mulheres.

Ainda dentro desse contexto, Batliwala (1994) (apud Sardenberg, 2009) aponta que a partir do momento em que acontece o questionamento por parte das mulheres sobre a estrutura que as oprime, também necessitam identificar a persistência da ideologia legitimadora do domínio masculino e como isso faz perdurar a opressão de gênero.

Para isso, a autora aponta que primeiramente é necessário que ocorra uma espécie de conscientização de sua realidade, pois isso se caracteriza como pilar fundamental na busca pelo empoderamento, já que o afloramento da necessidade de transformar o meio em que se vive não é despertado de forma natural, espontaneamente dentro de um contexto de subordinação.

No caso, a autora aponta que o empoderamento não é um processo que somente surge de dentro do indivíduo. Ele se manifesta por meio de condições e fatores externos onde ocorra a adesão, o convencimento de mulheres dos seus direitos à igualdade, dignidade e justiça. O empoderamento surge a partir das lutas coletivas que demandam o fim das opressões que determinados grupos sociais por muito tempo estiveram sujeitos.

Barqueiro (2012) discorre que a noção sobre empoderamento a partir dos anos 1970 é influenciado por movimentos de autoajuda, na década seguinte pela psicologia comunitária e

posteriormente, nos anos 1990, teve a contribuição de movimentos sociais que objetivavam o direito a cidadania nos mais variados âmbitos que este conceito se apresenta (educação, justiça, saúde, etc.)

Outra maneira de se pensar a ideia de empoderamento se caracteriza pela noção de poder, na capacidade de possuir poder para fazer escolhas, algo que é descrito por Kabeer (1999). Na percepção da autora, a capacidade de um indivíduo fazer escolhas está vinculada com a condição de desempoderamento vivenciada por ele e que é reflexo dos processos nos quais esse indivíduo teve sua capacidade de escolha limitada.

Nesse sentido, Kabeer (1999) afirma que o que leva a um indivíduo a obter uma noção de empoderamento sobre si mesmo envolve principalmente a construção de um processo de mudança. Segundo a autora, em contextos na qual indivíduos que nunca tiveram sua capacidade de escolha limitada ou questionada, poderiam ser denominados como detentores de poder. Na visão da autora, neste cenário, os indivíduos não possuem poder de fato pois não passaram por experiências de desempoderamento.

Ou seja, o empoderamento só ocorre se um determinado indivíduo que anteriormente passou por algum processo negação, deslegitimização etc. de sua liberdade de escolha ou de sua existência, por exemplo, desenvolve capacidade de quebrar com paradigmas negativos e passa a assumir uma postura afirmação. Dentro da perspectiva de Kabeer, se tomarmos como exemplo o processo de transição capilar como um mecanismo de empoderamento podemos verificar algumas aproximações com o argumento da autora.

Por exemplo, uma pessoa que possui os cabelos naturalmente lisos muito dificilmente terá questionamentos sobre o formato de seu cabelo ou mesmo vinculação com aspectos negativos sobre a sua estrutura capilar, diferentemente do que ocorre historicamente com o cabelo crespo e cacheado.

No sentido de “poder” que Kabber comprehende como parte do processo de construção do empoderamento, podemos afirmar que uma pessoa que possui os cabelos lisos detém naturalmente uma espécie de “poder” por conta das condições estruturais construídas num imaginário social em que suas respectivas imagens são exemplo de um padrão estabelecido. O cabelo liso raramente foi e é atualmente vinculado a aspectos negativos, não passa ou passou por situações em que sua existência é questionada pelo fato de que seu aspecto jamais foi desvalorizado. Portanto, pessoas de cabelos lisos muito dificilmente passaram por episódios onde houve algum processo de desempoderamento sobre si mesmas.

Diferentemente do que ocorre com crespos e cacheadas que, como visto anteriormente, historicamente tiveram suas capacidades de escolha negadas sendo obrigadas a muitas vezes

ceder a um padrão de beleza e cuidado com os fios baseada na construção social de que seus cabelos naturais eram “feios” e/ou “desarrumados”.

Nesse sentido, a transição capilar se apresenta como uma possibilidade de quebra desse processo de desempoderamento onde há um aumento da estima do indivíduo perante uma estrutura que sempre o oprimiu por conta de seus traços naturais. Não é à toa, que a palavra empoderamento aparece de forma frequente entre mulheres que optam passar pela transição capilar.

Essa experiência é vivenciada como uma espécie de despertar tanto no que se refere ao seu reconhecimento, como visto anteriormente, como também se aproxima da noção de empoderamento que elas constroem de mudança sobre si mesmas, por exemplo, na capacidade de escolher abandonar químicas e processos não-químicos que alisam os fios e retomar o cabelo natural com um olhar diferenciado do que possuíam anteriormente.

A partir desse exemplo, podemos mencionar outra dimensão sobre o conceito de empoderamento: a ideia de empoderamento individual. Essa percepção, segundo Barqueiro (2012), está baseada num nível psicológico de análise, sendo explicada pela habilidade que pessoas podem adquirir ao ganharem conhecimento e controle em cima de forças pessoais, objetivando assim melhorias em suas respectivas vidas. O aumento da capacidade de as pessoas se tornarem influentes e decisivas em situações determinantes em suas vivências.

Se por um lado um dos sentidos atribuídos ao termo empoderamento parte do pressuposto de que este se caracteriza como um movimento de fora para dentro, a partir do engajamento coletivo objetivando a transformação das estruturas que invisibilizam e oprimem determinados grupos, o empoderamento individual se caracteriza por um certo movimento oposto. Nesse caso, o empoderamento é um processo que surge de dentro para fora do indivíduo onde este constrói sua capacidade de exercer escolhas de forma autônoma.

Kabeer (1999) condiciona a noção de empoderamento individual e o exercício da capacidade de fazer escolhas em três condições que se relacionam entre si: primeiramente, a presença de recursos ou pré-condições que possam proporcionar minimamente a necessidade do indivíduo se empoderar; a agência ou o processo no qual a construção desse empoderamento é exercida; as conquistas ou resultados obtidos após essa construção.

Na mesma linha, Barqueiro (2012) retoma o panorama freireano sobre empoderamento individual onde este é compreendido como uma espécie de autoemancipação e, concordando com a visão de Kabeer, fazendo parte de uma dimensão psicossocial. Todavia, a perspectiva freireana vê de forma crítica esse aspecto do empoderamento, argumentando que a visão individualista esvaziaria o sentido original do termo. Freire e Shor (1986) (apud Barqueiro,

2012) afirmam que esta visão pode ser encontrada nas relações sociais promovidas nos Estados Unidos onde é desenvolvida uma cultura de progresso pessoal baseada numa espécie de meritocracia, onde somente através do esforço pessoal é que o indivíduo adquire empoderamento.

O foco nesse cenário está baseado no aumento do poder individual, onde segundo Barqueiro o empoderamento é dimensionado pela noção de autoestima, autoafirmação e de confiança das pessoas. (Barqueiro, pág.177, 2012) Outros pontos levantados pela autora se referem à presença de estratégias ligadas a questões de autoajuda e autoaperfeiçoamento do indivíduo.

Horochoski e Meirelles (2007) também fazem menção ao empoderamento individual onde, primeiramente, procuram discorrer sobre a problemática que envolve o conceito e seus sentidos. Os autores, tratam o empoderamento tanto como uma espécie de atributo que o indivíduo possui como também resultado da capacidade de mobilização em processos políticos e sociais. As várias dimensões sobre o conceito de empoderamento são apontadas na seguinte passagem dos autores:

Empoderamento é uma variável multidimensional, de escopo variável – indo desde os indivíduos até a esfera global. Não pode, portanto, ser generalizada, como algo que se tem ou não de forma absoluta. Entre esses dois extremos há uma miríade de possibilidades, enfim, de graus de empoderamento, na medida em que o mesmo pode ser dito para categorias que lhe são correlatas, como autonomia e emancipação – nunca se é totalmente autônomo ou emancipado (tampouco empoderado), pois todos os que vivem numa sociedade defrontam-se com coerções maiores ou menores. (Horochovski; Meirelles, 2007, pág.494)

Diante dessa concepção de empoderamento, Horochoski e Meirelles deixam nítida a complexidade que o conceito possui demonstrando que o fato de um indivíduo ou determinado grupo se sentir ou não empoderado não acontece de forma taxativa, ou de forma única e exclusiva.

A ideia de empoderamento individual referenciada pelos autores é ligada com as contribuições de Spreitzer (1995) (apud Horochovski e Meirelles, 2007) onde esta forma de percepção sobre empoderamento, também chamada de empoderamento intrapessoal, ocorre a partir do momento em que os indivíduos se autopercebem ou essencialmente possuem os recursos que possibilitam sua influência e controle nos processos e cursos de ação que lhes aos quais são afetados.

Spreitzer enfatiza que muito embora fatores psicológicos, como a autoestima por exemplo, se caracterizam como determinantes neste tipo empoderamento, ele se apresenta de forma relacional. Ou seja, é resultante da percepção que os indivíduos constroem sobre si mesmos e em suas interações com outras pessoas e ambientes.

Segundo Horochovski e Meirelles (2007), a existência do empoderamento individual ou intrapessoal só ocorrerá se as pessoas tiverem um sentimento de competência sobre determinada circunstância e onde sua presença possui relevância, além de um ambiente onde essas pessoas possam obter oportunidades e recursos para agir com veemência contra possíveis constrangimentos e limitações.

Esse ponto abordado pelos autores se faz bastante pertinente quando pensamos o fenômeno da transição capilar e a emergência de páginas na internet dedicados a essa temática. Como já citado, a palavra empoderamento é frequentemente citada por pessoas que optaram passar pela transição capilar. Em grande parte dos relatos, a mudança ocorrida é descrita como algo libertador do ponto de vista psicológico e não somente resumida a uma questão estética. Essa mesma menção é presente nas falas de influenciadoras digitais que tem a transição capilar como uma de suas temáticas principais na internet, como será visto posteriormente.

A influência gerada pela divulgação da transição capilar no meio digital apresenta algumas aproximações com a percepção que Horochovski e Meirelles discorrem sobre o empoderamento interpessoal, pois podemos observar a presença a partir de falas de influenciadoras digitais do sentimento de pertencimento, de estima que a interação gerada neste ambiente proporciona.

A internet acaba tornando-se um recurso onde indivíduos podem compartilhar suas experiências sobre o que passaram antes e depois da transição capilar, como também propicia a oportunidade de geração de conteúdos que possibilitam o compartilhamento de informações que servem de inspiração ou referência a aqueles que se identificam com os elementos que envolvem a transição capilar.

Diante desse panorama, podemos aproximar o apontamento de Horochovski e Meirelles (2007) sobre a noção de poderes identitários com a transição capilar. Já que esse termo está relacionado a justamente aos recursos que são responsáveis pela ampliação da autoestima de determinados indivíduos. Também faz parte dessa concepção as noções de autoconfiança, de proatividade, sentimento de pertencimento, entre outros sentidos.

No caso da emergência da transição capilar nas redes sociais, influenciadoras digitais se caracterizam como agentes que possuem a capacidade de despertar o interesse e a crença perante o público que as acompanham de que são capazes de passar pelo processo, gerando assim justamente esse sentimento de pertencimento, de identificação.

A proximidade do conceito de empoderamento com a transição capilar pode ser, dessa forma, compreendida tanto por meio da ideia de empoderamento individual, como também tem raízes nos sentidos relacionados a ideia de mobilização coletiva que o conceito também possui.

Retomando o histórico de desvalorização de crespas e cacheadas ao longo do tempo na realidade brasileira, podemos afirmar que a interação gerada pela transição capilar na internet possui sim aspectos relacionados à noção de empoderamento via engajamento coletivo, já que, há o surgimento da necessidade de ampliação da visibilidade de crespas e cacheadas num ambiente onde o cabelo liso ou alisado anteriormente predominava.

Crespas e cacheadas tiveram sua existência negada sob várias formas e quando tinham alguma visibilidade, eram relegadas a adjetivos negativos e depreciativos. Como afirma Costa (2012), não é necessário que a prática de discriminação seja aberta e explícita para que seja demonstrado a presença do preconceito estrutural. Costa aponta que dentro do movimento feminista, o empoderamento compreende a alteração radical das estruturas e processos que promovem a desigualdade e violência de gênero.

E, nesse sentido, mulheres podem se tornar empoderadas pela via das decisões coletivas e através de mudanças individuais. A articulação dessas duas dimensões (coletivistas e individualizantes) possui aproximações com a ideia propagada por vertentes do feminismo radical, como mencionam Peters e Hamilin (2018), de que “o pessoal é político”. Ou seja, as demandas emancipatórias da luta feminista coexistem tanto no âmbito coletivo, dentro da esfera institucional, assim como em domínios privados da vida, atravessando o conjunto da sociedade.

No caso das relações raciais, esse mesmo panorama também pode ser encontrado. Barqueiro (2012) e Costa (2012) retomam a presença das demandas por empoderamento dentro dos movimentos por direitos civis nos Estados Unidos nos anos 1970 voltadas a promoção do poder negro sendo o movimento *Black Power* um dos maiores símbolos deste momento.

Crespas e cacheadas podem se empoderar dentro de uma perspectiva organizada coletivamente usando a internet como recurso na disseminação de informações sobre o processo de transição capilar, assim como influenciadoras digitais de forma individual e com pouca proximidade com demandas coletivas, também podem ter capacidade de promover mudanças a partir do alcance que seus discursos e da repercussão de suas experiências.

Como apontam Horochovski e Meirelles (2007), o processo de empoderamento resulta da interação de ideias que indivíduos passam a trocar, já que na visão dos autores, sujeitos e grupos desempoderados muito dificilmente se empoderam de forma espontânea uma vez que se faz necessário a presença de fatores externos que são essenciais na construção do empoderamento. Todavia, os autores deixam claro que o empoderamento não é um processo que ocorre de cima para baixo, onde os sujeitos não são ouvidos ou não atingem seus objetivos. O empoderamento, dentro de todos os sentidos atribuídos a este, seria dependente dos sujeitos.

A ideia de empoderamento baseado na mediação de ideias e na busca pela não imposição ou determinação de ações também ronda o processo de transição capilar. Influenciadoras digitais possuem justamente esse papel de mediação dos inúmeros propósitos que a transição capilar possui, assim como em seus relatos não necessariamente determinam taxativamente o que o público que as acompanha deve fazer durante o processo de transição, ou mesmo se deve passar por ele. Esse é um dos aspectos que será demonstrado posteriormente no decorrer dessa investigação.

Um outro termo que muito dialoga com o objeto desta investigação se refere ao conceito de interseccionalidade. Autoras como Davis (2016), Carneiro (2011), Hooks (2019), Gonzalez (2020), entre outras enfatizam a importância de os estudos sobre raça estarem conectados com as demandas relacionadas ao gênero e à classe. Em relação à transição capilar, o tema da interseccionalidade se faz presente pelo fato desse processo apresentar implicações não somente dentro do aspecto racial, como também nas relações de gênero.

Muitos dos relatos de pessoas que passaram pela transição capilar correlacionam algumas dificuldades encontradas durante o processo com aspectos ligados à identidade de gênero, muito por conta do ato de se cortar os cabelos. Dessa forma, é relevante mencionarmos as formulações que estão ligadas a esse conceito.

Segundo Hirata (2013), a interseccionalidade se apresenta como uma “problemática” que foi amplamente discutida em países anglo-saxônicos com contribuições advindas do feminismo negro. Nesse sentido, Kimberlé W. Crenshaw (2012) traz apontamentos sobre a importância de se discutir o tema da interseccionalidade por conta da inclusão dos debates sobre questões raciais nos debates sobre questões de gênero e vice e versa.

Crenshaw (2012) afirma que o conceito de interseccionalidade pretende unificar diversas instituições e eventos e entre as questões de gênero e raça dentro dos discursos a respeito dos direitos humanos. Segundo a autora, um dos grandes desafios da abordagem que o tema da interseccionalidade carrega, de tratar diferenças dentro da diferença. Crenshaw (1994) também aponta que a interseccionalidade se caracteriza como mecanismo de articulação política diante das questões relacionadas às opressões de gênero e raça sem que essas opressões sejam hierarquizadas. Essa noção também é respaldada por Hirata (2013) por entender o papel que a interseccionalidade possui no combate de opressões múltiplas e imbricadas.

Na perspectiva dessa investigação, o tema da interseccionalidade se apresenta pela ligação que o processo de transição capilar possui com as questões de raça e gênero onde a relação do comprimento dos cabelos e dos cuidados com os fios estão conectados com a construção social de gênero e de identidade, como já mencionado. As raízes da ligação de

gênero e raça no contexto da transição capilar se baseiam nas formas como o corpo é compreendido, algo que é mencionado por Gomes (2002), pela perspectiva biológica e simbólica na cultura e na história. Ou seja, a autora menciona que a ideia de corpo possui caráter natural como também simbólico, algo bem discorrido na seguinte passagem:

As diferentes crenças e sentimentos, que constituem o fundamento da vida social, são aplicadas ao corpo. Temos, então, no corpo, a junção e a sobreposição do mundo das representações ao da natureza e da materialidade. Ambos coexistem de maneira simultânea e separada. Por isso, não podemos apagar do corpo os comportamentos e motivações orgânicas que se fazem presentes em todos os seres humanos, em qualquer tempo e lugar. A fome, o sono, a fadiga do corpo, o sexo são motivações biológicas às quais a cultura atribui uma significação especial e diferente. (GOMES, 2002, pág.41)

Ainda nesse sentido, Gomes (2002) aborda sobre como as modificações que o corpo sofre ao decorrer dos tempos o submete a um processo de humanização e desumanização, no qual a experiência corporal sempre é alterada pela cultura diante de padrões estabelecidos por ela e com relação direta à busca de afirmação de uma identidade ligada a um determinado grupo.

Dentro da abordagem de Gomes, podemos compreender que modificações corporais influenciadas culturalmente, como a manipulação dos cabelos, podem estar ligadas a questões relacionadas à ideia de construção social de gênero, por exemplo. Os tipos de cuidados com os cabelos, em alguns casos, possuem significados conectados com fases da vida.

Sobre isso, Gomes (2002) menciona sobre como as relações da população negra com o cabelo se iniciam muito cedo. Meninas negras desde a infância têm seus cabelos submetidos a inúmeras práticas de manipulação dos fios que geralmente é conduzida por familiares próximos.

bell hooks (2005) faz uma abordagem nesse sentido quando analisa, a partir de sua experiência pessoal, como o ato de cuidar dos cabelos não significava apenas uma ação rotineira. Também havia significados voltados para a formação de construção de uma identidade feminina, ou seja, determinados cuidados com os fios crespos e cacheados voltados para o alisamento faziam parte de uma passagem entre a infância e a adolescência, ou como a própria autora menciona, “estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher.” (hooks, 2005) Segundo hooks, esse fato fazia parte de momento de transição em sua vida.

Como a autora menciona, práticas de alisamento feitas com pente quente não lhe parecia naquele momento da vida uma tentativa de assimilação de um padrão de beleza branco, mas sim um momento de acolhimento e interação social, já que, as mulheres da sua

convivência próxima costumavam se reunir para cuidarem dos cabelos umas das outras uma vez que elas não frequentavam salões de beleza.

Ou seja, hooks (2005) descreve suas primeiras experiências com o alisamento dos cabelos como um momento de trocas com mulheres mais velhas, se percebendo assim como uma pessoa mais madura. Com o surgimento e ampla disseminação de novas técnicas de alisamento, a autora menciona que esses momentos de interação foram se perdendo e o alisamento dos cabelos começou a ser percebido por ela com um viés mais crítico.

Num cenário parecido, Angela Gilliam e Onik'A Gilliam (1995) mencionam a substituição do pente quente pelos produtos químicos alisadores, amplamente disponibilizados, que acabaram provocando um considerável aumento de casos de queimaduras e ferimentos resultante de seu uso. As autoras enxergam a utilização desses produtos químicos de forma crítica, associando-os como uma forma de negação da identidade racial.

O uso de produtos químicos durante a infância, geralmente marcada pelo processo de relaxamento dos fios visando à diminuição do volume do cabelo, e na adolescência por pessoas que passaram pela transição capilar é pouco justificado no sentido citado por hooks, sendo frequentemente mais justificada pela busca de um ideal de beleza e de praticidade no cuidado cotidiano dos fios. Porém, chama a atenção como os procedimentos voltados para o alisamento dos cabelos ganham maior força no período da adolescência, justamente num momento de transição na vida em que a manifestação por mudanças se faz mais presente.

Os cuidados com os cabelos e a maneira como eles são enxergados socialmente também possuem aspectos que podem ser encontrados em questões interseccionais entre raça e gênero dentro do contexto da transição capilar. Como já mencionado, uma das principais etapas da transição capilar consiste no corte das partes do cabelo que ainda estão alisadas. Esse corte também chamado de corte químico ou *big chop* (grande corte) é frequentemente mencionado por pessoas que passaram pela transição capilar como uma fase de maior liberação e ao mesmo tempo de maior desafio, pois se por um lado a pessoa se vê finalmente livre das suas texturas lisas e com ele totalmente natural, por outro em muitos casos há a dificuldade em se enxergar com os cabelos muito curtos.

É importante enfatizar que a vivência dentro do processo de transição capilar é variada de pessoa para pessoa, podendo haver a opção ou não de se cortar os cabelos ao ponto de eles ficarem bem curtos, como também esperar mais um pouco e permanecer com as duas texturas até a parte natural dos fios atingir um comprimento desejado pela pessoa para assim ocorrer o corte químico.

Mesmo assim, frequentemente a preocupação com o comprimento dos cabelos é tema recorrente entre o público que passou ou pretende passar pela transição capilar, já que há uma expressiva associação entre comprimento dos cabelos e identificação com o gênero feminino. Isso pode ser percebido a partir de relatos de mulheres que passaram pela transição capilar e declararam ter sofrido preconceitos ou comentários negativos quando fizeram o corte químico. A associação entre cabelo e feminilidade é um aspecto relevante dentro das discussões sobre gênero e os sentidos atribuídos ao que seria feminino ou masculino.

Como afirma Butler (2017), a ideia de construção de gênero pode sugerir um certo determinismo de significados do gênero em diferentes corpos, “sendo esses corpos comprometidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável.” (BUTLER, 2017, pág.29). Dessa forma, Butler comprehende que o gênero é uma construção baseada em convergências entre o que chama de conjuntos específicos de relações formadas em um ambiente cultural e histórico convergentes. Os significados dados ao cabelo fazem parte das relações construídas historicamente e culturalmente de forma convergente.

Uma aproximação disso pode ser encontrada em Gilliam e Gilliam (1995) quando argumentam que o cabelo se caracteriza como um aspecto do corpo onde há a apreciação de distinção entre homens e mulheres. Nesse sentido, a ligação entre comprimento do cabelo com a noção de feminilidade se caracteriza como um exemplo disso. Como afirma Gomes (2002), as modificações que o indivíduo pode fazer nos cabelos podem significar não apenas uma mudança de estado de um grupo, mas também a forma como as pessoas se enxergam e como são vistas pelo outro.

No caso da transição capilar, Gomes (2006) afirma que o processo de cortar os cabelos alisados se caracteriza como bastante complexo e doloroso, podendo significar, em alguns casos, vivência da rejeição por pessoas próximas como familiares, por exemplo.

Dentro da vinculação entre o comprimento dos cabelos e identidade de gênero, as críticas vivenciadas por mulheres que passaram pela transição capilar chegam ao ponto de uma associação do cabelo curto à falta de feminilidade levando a questionamentos até mesmo de sua orientação sexual, visão claramente de caráter homofóbica.

O *big chop* chega também a interferir nos relacionamentos afetivos em situações na qual parceiros rejeitam a aparência de suas companheiras pelo fato de as acharem masculinizadas com os cabelos curtos. Isso não se caracteriza como novidade, já que apelidos dados a mulheres de cabelos curtos de “estilo Joaozinho” há anos são mencionados de formas pejorativas no contexto brasileiro.

hooks (2005) afirma que para a mulher negra, independentemente de como escolhe usar seu cabelo, ela sofre um relevante grau de opressão e exploração tanto de forma racista como de maneira sexista, afetando sua autoestima e sua aceitação própria. Este é um dos aspectos que demonstra como o processo de transição capilar dialoga com outras problemáticas para além da questão racial já que, como afirma Gomes (2002), o cabelo acaba se caracterizando como um veículo capaz de transmitir diferentes mensagens e a forma como essas mensagens são recebidas podem impactar profundamente as relações sociais dos indivíduos. Gerando assim, diferentes leituras e interpretações.

### **2.3 O cabelo crespo/cacheado está na “moda”? A transição capilar na perspectiva do consumo e das redes sociais**

Como visto até aqui, o processo de transição capilar apresenta diversas nuances que não apenas se resume ao simples fato de uma pessoa parar de aderir a métodos de alisamento e retomar o uso do cabelo natural. A transição capilar perpassa questões de identidade, reconhecimento e a ressignificação da forma como o indivíduo enxerga sua aparência e de seus cuidados com os cabelos.

O grande interesse gerado pela emergência da transição capilar, principalmente na internet, possibilitou uma maior atenção do mercado de cosméticos para o público crespo e cacheado que passou produzir uma maior variedade linhas e produtos voltados especificamente para esse público. A promoção desses produtos é bem segmentada, já que podemos encontrar cremes de tratamento e de pentear, shampoos, condicionadores, entre outros itens que são direcionados para cada tipo de cacho, durante ou após a transição capilar.

É relevante observar esse cenário uma vez que, como mencionamos anteriormente, grande parte dos produtos voltados para crespos e cacheadas eram voltados para o alisamento dos fios ou mesmo o controle de volume do cabelo. A exemplo das propagandas da década de 1930 de produtos como o Cabelizador<sup>7</sup>.

Como enfatiza Gomes (2006), o ambiente que envolve a cosmetologia e a estética tem historicamente investido muito mais em produtos para mulheres brancas, algo que levou a uma espécie de generalização baseado no privilégio dado ao padrão branco e o investimento nesse tipo de consumidor gerou uma noção, segundo Gomes, de que produtos bons para os brancos também serviriam para outros grupos raciais.

Aos poucos, esse cenário apresentou mudanças expressivas. Braga (2015) afirma que assistimos no atual momento processos de ressignificação e multiplicação de discursos e

---

<sup>7</sup> Ver cap I Braga, 2015

práticas oferecidos a discursos anteriormente estabelecidos e passamos a um ambiente onde a população negra deixa, de certa forma, de estar presa a uma identidade branca e busca uma afirmação própria. Braga (2015) defende a percepção de que esse cenário é baseado numa beleza multiplicada pela pós-modernidade onde a mídia, o consumo, a globalização, o mercado, entre outros, assumem um papel fundamental na disseminação de uma multiplicidade de padrões de beleza.

Nesse sentido, no contexto brasileiro podemos verificar maior visibilidade de crespas e cacheadas no mercado de cosméticos desde meados dos anos 1980 e 1990 onde a segmentação de produtos foi ganhando maior força. Ângela Figueiredo (2002) faz alguns apontamentos sobre isso quando indica que até algumas décadas atrás, o Brasil não apresentava mercados segmentados etnicamente de forma robusta tanto no que se refere a venda quanto ao consumo de produtos, denominados pelas empresas de cosméticos e pela mídia como étnicos vinculados à manipulação dos cabelos. A autora aponta que o crescimento desses produtos voltados para o público negro coincidiu com o lançamento de iniciativas como a Revista Raça, voltadas para a promoção da cultura afro-brasileira em meados dos anos 1990, onde o público consumidor negro pode ter acesso à publicidade desses produtos.

Mencionando também sobre o contexto da promoção de produtos estéticos voltados para o público negro no Brasil e o incentivo ao consumo, Santos (2000) cita que houve uma espécie de reação no mundo da moda nos anos 1980 a partir da criação de linhas de cosméticos que objetivavam o enaltecimento da autoestima e de afirmação étnica de negros e mestiços. Santos afirma que esse contexto, resulta na apropriação simbólica de uma certa noção de etnicidade voltada totalmente ao consumo.

A visibilidade dada ao público consumidor negro, segundo o autor, é vinculada a uma ideia de “beleza exótica”, onde a cor da pele é associada a tons quentes e selvagens (no que diz respeito a linhas de maquiagem) e a aparência o mais natural possível é enaltecida. Isso é refletido principalmente no cabelo, algo que Santos (2000) faz menção ao discorrer sobre como o cabelo assume um papel de destaque no mercado de cosméticos voltado para a reverência do cabelo natural, colocado como exemplo de contraposição ao cabelo liso. Algo que o autor indica estar em harmonia com uma nova mentalidade do “ser negro”, propagado por esse mercado.

Todavia, a utilização de um discurso de valorização da estética negra pelo mercado é vista também por setores do ativismo negro de maneira crítica, pelo receio de se reduzir a luta por uma maior visibilidade em algo meramente comercial. Um exemplo disso é citado por

Davis (1994) relatar o incômodo que sentiu ao ser reconhecida apenas pela aparência dos seus cabelos em algumas situações que presenciou.

A autora também discorre sobre o fato de ter sido mencionada como “ícone fashion” por parte de uma revista por conta de sua aparência e que isso acaba se caracterizando como uma tentativa de esvaziamento do conteúdo político que o uso do cabelo afro adquiriu, principalmente após o movimento de contracultura. hooks (2019) contribui com essa percepção ao enfatizar o esvaziamento político vinculada à imagem de Davis, abordando como a autora foi alçada a uma espécie de *pin-up* negra pelo público estadunidense em detrimento de seu engajamento e capacidade de análise política.

Nesse sentido, a preocupação com a utilização do discurso de valorização dos traços negros por parte do mercado de cosméticos se faz presente. Se outrora esse mesmo mercado invisibilizava a população negra, disponibilizando e divulgando produtos que pudessem aproximar-los do padrão branco, agora modifica sua postura oferecendo inclusão e representatividade em seus produtos e propagandas.

No contexto de popularização da transição capilar no Brasil, podemos verificar a presença de uma maior abrangência do mercado de cosméticos para crespos e cacheadas e a possibilidade de o discurso da aceitação dos traços naturais ser colocado como algo meramente lucrativo para as empresas. O mesmo mercado que cria padrões pode acabar se apropriando do discurso contra-hegemônico para atingir novos nichos consumidores. Isso é mencionado por Ilana Strozenberg (2005) quando menciona o papel da publicidade dentro de um aspecto identitário:

Os publicitários, assim como seus clientes empresários, estariam condenados a se comportar como meros reprodutores de uma ideologia dominante, ou poderiam, em alguns contextos, desempenhar um papel de vanguarda? Em suma: o discurso do mercado é necessariamente conservador ou pode ter um papel transformador dos paradigmas dominantes numa dada configuração cultural? Se for esse o caso, que papel é esse? (STROZENBERG, 2005, p.207)

Dentro desse contexto, Gomes (2006) afirma que esse cenário não se caracteriza como surpresa uma vez que é próprio das sociedades capitalistas a postura de apropriação do mercado de símbolos construídos ideologicamente como marca identitária e do que chama de produção cultural de grupos sem visibilidade ou poder, sendo transformado em mercadoria. Um reforço dessa percepção é mencionado por Hamilin e Peters (2018) ao afirmarem que no contexto de um “capitalismo tardio” tanto o consumo como a publicidade possuem uma postura de interposição entre identidades, direitos, entre outros.

Nesse sentido Canclini (2001), utilizando o conceito de cidadania como categoria de análise, provoca a discussão sobre como a ideia de consumo se apresenta numa realidade

econômica pautada no modelo neoliberal e globalizado. O autor aborda que neste contexto, a cidadania passa a ser voltada para a seguinte ideia: quanto mais o indivíduo puder ter acesso a bens de consumo, melhor será exercida sua cidadania. Entre as ressalvas que faz a respeito desse modelo, Canclini argumenta que "é preciso se analisar como esta área de apropriação de bens e signos intervém em formas mais ativas de participação do que aquelas que habitualmente recebem o rótulo de consumo" (CANCLINI, 2001, p. 55).

A partir dessa passagem, podemos elaborar uma aproximação sobre o aumento da produção de linhas de cosméticos para crespas e cacheadas com a emergência da transição capilar e sua visibilidade dentro desse padrão de apropriação de bens e signos que o mercado acaba adotando visando ampliar sua margem de lucro atingindo ampliando o público consumidor.

Nesta perspectiva, Maria Eduarda Rocha (2009) menciona que dentro do contexto brasileiro, principalmente a partir da década de 1990, o discurso publicitário de vários segmentos comerciais passou a adotar cada vez mais a figura da ideia da responsabilidade social e do bem-estar do consumidor em detrimento das práticas discursivas da década anterior que enfatizavam a busca pelo status e hierarquização social.

Segundo a autora, a adesão a esse discurso mais inclusivo estava focada não somente na venda de seus produtos como também na demonstração ao consumidor que as empresas também se preocupavam com as demandas sociais vigentes, sejam estas de caráter ambiental, de igualdade de gênero, igualdade racial, entre outros. Algo que é reforçado por Peters e Hamilin (2018) quando mencionam a perspectiva discorida por Rocha (2009) descrevendo que a publicidade se propõe a promover narrativas voltadas para a legitimação de concepções sobre viver plenamente em associação com os propósitos do grande capital dentro do cenário neoliberal.

Nesse sentido, a autora discorre como se dá esse panorama:

Como os conceitos de “responsabilidade social” e “qualidade de vida” declaram a supremacia dos valores modernos da igualdade e da dignidade humanas sobre os valores capitalistas da hierarquia, da concorrência e da finalidade absoluta do lucro, numa tentativa de reconciliar a ação sem rédeas do capital com a felicidade em sua dimensão coletiva e individual. (Rocha, 2009, pág.206)

Podemos perceber a adaptação que a publicidade de bens de consumo buscou realizar de forma a aderir em sua retórica dentro de um contexto de mudanças sociais bastante relevantes no país entre as décadas de 1980 e 1990, apontando para uma possível conciliação entre a objetivação do lucro e o bem-estar do público consumidor.

Ainda no debate sobre a apropriação de pautas identitárias e de responsabilidade social pelo mercado, Peters e Hamlin (2018) também enfatizam o papel desempenhado por empresas na apropriação de temas relacionados a questões sociais.

Analizando o feminismo como objeto dessa apropriação, os autores reforçam os argumentos de Rocha (2009) quando discorrem sobre como propagandas de variadas marcas de cosméticos utilizam expressões vinculadas ao discurso neoliberal dentro de uma lógica meritocrática. Exemplos disso podem ser vistos com o uso de expressões como “você merece”, ou mesmo “você vale muito”, entre outros. Segundo os autores é dentro desse processo que ocorre uma certa “individuação” de pautas objetivas com cunho político sendo então transformadas em meras escolhas individuais, fruto de um estilo de vida, algo que é visto de forma mais crítica por organizações sociais vinculadas ao movimento negro.

A partir dessa visão crítica, a ampliação da visibilidade do público negro dentro da lógica do consumo possuiria um caráter limitado. De acordo com Sampaio e Ferreira (2009), a cultura capitalista, ao reduzir os indivíduos a meros consumidores, tem a capacidade de produzir exclusão para vender inclusão.

Isso ocorre pois o capitalismo desempenha o papel de transformar padrões estéticos, por exemplo, em mercadoria e com isso aplica uma lógica em que identidades e papéis sociais são alcançados ou desempenhados de acordo com o que o mercado define como ideal. Algo que as pessoas precisam obter para se sentirem “inclusos” nos mais variados ambientes sociais. Como enfatizam os autores, “é nesse jogo social que pessoas buscam instalar-se em posições que favoreçam uma avaliação positiva de seus papéis e a consequente legitimação de suas identidades como pertencentes ao grupo dos inclusos.” (FERREIRA; SAMPAIO, 2009, p.137)

Se num passado não muito distante havia uma disponibilidade maior de produtos voltados para o padrão estético branco contendo em suas propagandas espécie de rejeição à textura cacheada e crespa, o mercado se adapta e passa a adotar um discurso mais inclusivo e de enaltecimento dos cachos, muito por resultado da adesão de várias crespas e cacheadas pela transição capilar.

Contudo, é relevante mencionar que Hamlin e Peters (2018) defendem a ideia de que possuir uma visão crítica a respeito da apropriação de pautas identitárias por parte do mercado não necessariamente implica numa negação da possibilidade de existência de elementos emancipatórios para o público-alvo desses produtos e propagandas. Os autores acreditam que é possível encontrar uma articulação entre a constatação crítica da reprodução de formas de dominação junto à identificação de dimensões “emancipatórias nas configurações sociais contemporâneas”. (HAMILIN; PETERS, pág. 187, 2018)

Gomes (2006) também apresenta uma visão próxima das dos autores quando argumenta que a apropriação do mercado e a comercialização de emblemas étnicos afro-brasileiros são partes de um processo que possui perdas e ganhos. Dessa forma, Gomes discorre que o movimento de apropriação do mercado pode ajudar a criar formatos de estratégias de resistência dos negros impulsionando o debate acerca de questões atuais que envolvem a população negra contemporânea.

Ou seja, a ampla visibilidade dada ao público crespo e cacheado via transição capilar pode suscitar maiores reflexões sobre os problemas estruturais que o racismo provoca no contexto brasileiro. Gomes também defende a ideia de que por maior que seja o interesse comercial por parte do mercado, este não conseguiu impedir a politização da estética negra já que este teve de se adaptar, dentro de todas as limitações, às demandas de um ambiente de maior afirmação da identidade negra.

Dentro das estratégias de promoção dos produtos voltados para o público crespo e cacheado e vinculados com a transição capilar, o mercado de cosméticos nos últimos anos buscou firmar ligações e parcerias com influenciadoras digitais voltadas para a propaganda desses produtos, como também tem utilizado seus nomes como destaque de linhas específicas para pessoas em transição capilar.

Como mencionado anteriormente, a internet nos últimos anos tornou-se uma importante ferramenta na emergência da transição capilar devido a ampla variedade de informações encontradas em sites, blogs, portais de comunicação, especializados ou não, sobre o processo de transição. Nesse ambiente, as redes sociais se destacam como mecanismos de trocas de experiências, dicas, indicações de produtos, entre outros, entre pessoas que pretendem passar pela transição; as que estão vivenciando o processo; as que já concluíram a fase de transição e mantém os cabelos naturais.

Como apontam Camargo e Medeiros (2019), esse panorama se caracteriza como um fenômeno social bastante recente e vinculado às relações sociais contemporâneas ligado ao uso das ferramentas digitais de comunicação. Dentro disso, Viana e Carrera (2019) argumentam que a criação de perfis em páginas da internet objetivando a produção, o consumo e a disseminação de conteúdos variados possibilitam o aumento do alcance de discussões e problemáticas que não ganhavam muito espaço nos formatos tradicionais de mídia.

Nesse cenário, a figura dos influenciadores digitais emerge como uma das referências para a adesão ao processo de transição capilar. De forma redundante, a ideia de influenciador digital basicamente se refere a pessoas que possuem poder de influência sobre um determinado grupo de pessoas no ambiente das redes sociais. Nesse sentido, produzem conteúdos dos mais

variados temas como sobre estilo vida, opiniões ou hábitos. Dentro desse universo, há um aumento de consumo por informação e produtos na internet. É por essa razão que dezenas de marcas têm se utilizado dos influenciadores digitais na publicidade de seus produtos.

A influência digital no contexto da transição capilar é geralmente exercida por mulheres negras que buscam compartilhar os desafios enfrentados durante o processo como também na exposição de dicas de cuidados com os cabelos, na indicação de produtos e de receitas caseiras. Esses conteúdos são disseminados em diferentes redes sociais, com enfoque maior naquelas que mais trabalham com imagem e vídeo como o Facebook, Instagram, Youtube, entre outros.

Dentre estas, o Youtube ganha destaque nesta investigação por se tratar de uma plataforma de compartilhamento de vídeos onde são encontrados facilmente conteúdos sobre a transição capilar por parte de influenciadoras digitais. Podemos também identificar vídeos antigos e mais recentes, a trajetória de cada uma delas e de seus respectivos canais. Viana e Carrera (2019) entendem que as discussões sobre estética a respeito do cabelo crespo e cacheado dentro do Youtube representam um dos indicativos do aumento do debate sobre as subjetividades das mulheres negras.

A partir desses vídeos, podemos encontrar os sentidos atribuídos à transição capilar que essas influenciadoras ou “youtubers” propagam tanto no início de suas atividades nesta plataforma, como na atualidade. Destacamos esse ponto pelo fato de a maioria dessas influenciadoras terem iniciado suas vivências nas redes de maneira bem pessoal, de apenas compartilhar suas experiências e com o alcance e engajamento gerado na plataforma, acabaram por “profissionalizar” cada vez mais seus conteúdos tornando esse ambiente como seus respectivos trabalhos.

É neste universo que o propósito desta investigação se baseia, ao analisarmos o discurso que influenciadoras negras brasileiras propagam sobre a transição capilar. Buscando identificar se há mudanças no em suas falas no decorrer da profissionalização de seus canais, como também se seus conteúdos passaram por modificações a partir do momento em que vincularam suas imagens junto às empresas de cosméticos e como compreendem a transição: de forma mais engajada numa construção coletiva ou individual, subjetiva? É nesse sentido, a partir dos conceitos aqui trabalhados, que buscaremos identificar os limites e as possibilidades que a visibilidade de crespos e cacheadas gerou a partir da emergência da transição capilar.

#### **4 CAPÍTULO 3- METODOLOGIA: CONSTRUÇÃO E ANÁLISE DO *CORPUS***

Antes de passarmos para a análise aos perfis identificados nesta pesquisa, é preciso mencionar brevemente de onde partiu a ideia desta investigação e as modificações realizadas ao longo de sua elaboração. A partir de uma vivência preliminar em um grupo de discussão na rede social Facebook, voltado para pessoas que estavam em processo de transição capilar, identificou-se algumas postagens que chamaram atenção por destoar um pouco dos conteúdos frequentemente postados neste grupo. Isso se deve pelo fato desse grupo raramente tratar de críticas a respeito de como produtos voltados para cacheadas e crespos se apresentam no âmbito da publicidade.

O grupo de discussão em questão intitulava-se “Cacheadas em transição (Oficial 2012)” criado em meados de outubro de 2012 e tendo como foco o compartilhamento de experiências sobre transição capilar, dicas de cuidados e recomendação de receitas e produtos voltados para

os cabelos crespos e cacheados. As postagens do grupo, em sua grande maioria, tratavam de experiências pessoais sobre a transição capilar e relatos sobre linhas de cosméticos de tratamento para esses tipos de cabelos.

Raramente observava-se discussões sobre a associação entre o processo de transição capilar e algum tipo de engajamento político. Todavia, em meados de 2015 surgiu uma postagem vinculada a um blog chamado Cacheia<sup>8</sup>, que também tinha como intento promover a discussão e troca de informações sobre a transição capilar, que continha uma crítica severa a uma linha de produtos para cabelos cacheados e crespos da marca Lola Cosmetics.

A referida linha atendia pelo nome de Creoula e trazia na descrição de seu rótulo a promessa de “domar os cachos sem chicotes”. A postagem criticava o uso da expressão “domar”, já que historicamente cabelos crespos e cacheados muitas vezes foram vinculados a ideia de que são “desarrumados”, “bagunçados”, algo que “precisa ser dado um jeito”, quando não ligados a ideia de que eram um tipo de cabelo “ruim”. Dificilmente se vê o uso da expressão domar em rótulos de produtos voltados para cabelos lisos como promessa de eficácia da mercadoria.

A outra crítica presente na postagem referia-se ao uso da palavra “chicote”, que simboliza o uso da violência contra a população negra em séculos de opressão escravista, sendo bastante problemático o seu uso em um produto voltado para crespos e cacheadas. O caso demonstrava a reprodução de termos racistas mesmo em uma linha dedicada a um nicho de consumo que em sua maioria é negra, a despeito da maior visibilidade que crespos e cacheadas negras ganharam nos últimos anos dentro do mercado de cosméticos. A expressão desse rótulo deixa nítido que o cabelo naturalmente cacheado ou crespo precisa estar “na linha”, “domado”.

Outro aspecto que suscitou a ideia desta investigação se pautou pela observação de alguns relatos oriundos nesse mesmo grupo de discussão do Facebook que mencionavam as dificuldades durante e após o processo de transição, o uso de cosméticos e a comparação que frequentadoras do grupo faziam de seus cabelos com os de influenciadoras digitais crespos e cacheadas.

Esses relatos recorrentemente mencionavam a frustração de algumas mulheres frequentadoras do grupo por não conseguirem ter os cabelos tão bonitos quanto os das influenciadoras digitais em vídeos e fotos utilizando os mesmos produtos que elas também consumiam. Ou seja, mesmo que a vivência com a transição capilar fosse vista de forma positiva, essas mesmas pessoas ainda não se sentiam plenamente confortáveis com os cabelos

---

<sup>8</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/blogcacheia/photos/a.319688588170042/587886291350269/> Acesso em: 19/01/2020

naturais por entenderem que ainda não possuíam o cabelo que gostariam. Espelhado na imagem dos cabelos de influenciadoras digitais.

Esse cenário pode indicar que mesmo em um contexto em que a valorização do cabelo natural seja um dos temas pilares, como no caso da transição capilar, ainda persiste uma lógica voltada para a busca por um certo padrão de beleza pautado numa ideia de um cabelo uniforme, onde o crespo e o cacheado são aceitos e enaltecidos ao mesmo tempo que devem estar impecáveis, pouco volumosos, entre outras características padronizadoras. Por mais que haja a compreensão dos aspectos positivos da transição capilar, muitas mulheres ainda se sentem insatisfeitas e lamentam não possuírem o mesmo cabelo de pessoas nas quais se inspiram como as influenciadoras digitais que tratam dessa temática.

Foi por conta desses fatos que a necessidade desta investigação começou a surgir e foi sendo lapidada ao passo que se chegou a sua elaboração. A maior visibilidade dada nos últimos anos à transição capilar pelas influenciadoras digitais tem suscitado o interesse da indústria de cosméticos em desenvolver produtos específicos para a transição capilar. A ação destas influenciadoras digitais levantou questionamentos sobre os sentidos que elas atribuem à transição capilar e quais seriam os aspectos positivos e/ou limitantes que seus respectivos discursos possuiriam num contexto em que a visibilidade da mulher negra no Brasil ganhou uma maior projeção por parte desse segmento de consumo.

Por essa razão, no Capítulo 1, buscou-se compreender a associação entre o cabelo crespo e cacheado e adjetivos negativos, assim como a vinculação entre a imagem da mulher negra e os estereótipos negativos demonstrando assim uma das faces do racismo estrutural no país. E dentro desse mesmo cenário, foi visto que mesmo em iniciativas que buscavam uma visibilidade positiva da população negra e da mulher negra, no que concerne à aparência dos cabelos, ainda persistiam aspectos de rejeição ao aspecto natural do crespo e cacheado, como se pode ver na menção feita sobre anúncios de produtos como o “Cabelizador”<sup>9</sup>, citado no capítulo 1, que prometia “lidar” com o cabelo crespo.

É curioso perceber certa aproximação entre a propaganda do “Cabelizador”, oriunda dos anos 1930 com o conteúdo do rótulo da linha Creoula da Lola Cosmetics sobre “domar” o cabelo crespo e cacheado, com a diferença de que a Lola Cosmetics se caracterizou como uma das empresas de cosméticos que mais investiu na produção de linhas para transição capilar e em propagandas voltadas para a valorização do cabelo crespo e cacheado. Ou seja, a visão de um cabelo sob controle persiste sob o crespo e cacheado.

---

<sup>9</sup> Braga, 2015

Da mesma forma, o Capítulo 2 buscou discorrer sobre as conceituações a respeito da transição capilar como mecanismo de afirmação da identidade como também alguns dos elementos que norteiam esse processo. O crescimento da procura por informações sobre a transição, a maior visibilidade dada pelo mercado de cosméticos e sua emergência dentro do ambiente das mídias digitais, muito protagonizado pela figura de influenciadoras, também se fizeram presentes. Nesse sentido, a partir das situações citadas que se chegou ao propósito de analisar os sentidos atribuídos à temática da transição capilar por parte de influenciadoras negras brasileiras que abordam sobre o processo e que possuem vinculações com empresas de cosméticos.

A elaboração desta investigação seguiu as etapas que constituem uma pesquisa acadêmica, como bem apontam Gil (1987) e Minayo (2001), no que se refere à formulação da problemática que envolve o universo aqui analisado, a construção das hipóteses e objetivos, a forma como a pesquisa foi feita no que diz respeito à seleção de influenciadoras a serem analisadas, a coleta dos dados (executada através de vídeos postados na plataforma Youtube), e por fim, a análise dos dados por meio da metodologia da análise crítica do discurso. Buscou-se operacionalizar os conceitos abordados nos dois primeiros capítulos à análise dos dados levantados, uma vez que como aponta Gil (1987) a pesquisa, por se caracterizar como uma atividade racional e sistemática, necessita que as ações desenvolvidas durante o processo de investigação estejam bem alinhadas com os objetivos na qual o pesquisador pretende apresentar.

Por fim, é importante salientar minha posição em relação ao campo de pesquisa. Vivenciei pessoalmente a transição capilar entre os anos de 2013 e 2014, período no qual pude identificar os aspectos positivos e desafiadores deste processo. Desde a infância, vivenciei muitos dos sentimentos de rejeição ao formato natural do meu cabelo, fato que gerou consequências ao longo da minha vida. Durante muito tempo tive a percepção de que meu cabelo jamais “teria jeito”, algo baseado no que vivia ao meu redor onde o cabelo liso era um tipo ideal a ser alcançado. A partir do momento em que iniciei a transição capilar, passei a compreender melhor meus processos de aceitação e de reconhecimento enquanto uma mulher negra. E assim me posicionando, compreendo as dificuldades que ainda persistem mesmo após a transição capilar, dificuldades estas relacionadas à aceitação completa do aspecto natural do cabelo, motivando-me a explorar as possibilidades e limitações que a emergência da transição capilar nos últimos anos ganhou a partir do discurso de influenciadoras digitais.

### **3.1 Construção do *Corpus***

Para se chegar aos propósitos desta investigação sobre as diferentes percepções associadas à transição capilar por parte de influenciadoras digitais, utilizou-se da análise crítica do discurso como método de pesquisa onde o levantamento de dados foi feito a partir de pesquisas online, uma vez que o material coletado se caracteriza por vídeos postados na plataforma Youtube. Como aponta Miskolci (2016), desde os anos 1990 em que a internet passou a ser disseminada comercialmente, iniciamos uma jornada adentro de uma realidade social na qual as relações são crescentemente mediadas por meio de plataformas comunicacionais em rede, cenário esse que ganhou uma ampla centralidade no cotidiano de milhares de pessoas pelo mundo.

A pesquisa online na perspectiva de Flick (2009) concentra-se nas representações do contexto virtual, onde se verifica o comportamento de atores sociais dentro de comunidades virtuais. Também retrata a possibilidade de construção de grupos sociais dentro do ambiente virtual, a identificação de formulações sobre identidade na Web e as ligações entre os aspectos presentes entre o ambiente virtual e o real.

Nesse sentido, Miskolci (2016) argumenta que a sociedade dentro o ambiente digital passa a viver no que chama de contínuo online-offline, onde a conexão em rede via plataformas é pautada no consumo como também na criação e compartilhamento de conteúdos, como no caso do foco desta investigação. Tanto Miskolci (2016) quanto Flick (2009) compreendem que o ocorre dentro do ambiente virtual possui impactos fora dele, algo que na compreensão de Flick transforma a internet enquanto cultura como também um produto cultural.

Esse cenário também é enfatizado por Martino (2014) quando discorre sobre o enfoque dado às análises sobre a internet e as mídias digitais por estas estabelecerem novos formatos de relação entre as pessoas, aspecto que pode gerar transformações sociais e históricas. Segundo o autor, a possibilidade de mudança de um determinado aspecto social ocorre por meio das relações de comunicação entre os seres humanos.

Nesse sentido, as redes sociais e suas plataformas, no contexto de popularização do acesso à internet, são apontadas por Miskolci (2016) como mecanismos que permitem que pessoas comuns possam ser alçadas a uma maior visibilidade, como no caso de influenciadores digitais, situação essa que anteriormente era bastante restrito dentro do contexto da comunicação em massa vertical.

O alcance que as redes sociais permitem a pessoas que produzem conteúdos, como no caso da transição capilar, e a visibilidade ampliada que esses indivíduos acabam ganhando podem gerar impactos relevantes em determinadas relações sociais. Não é à toa que essas pessoas são denominadas como influenciadores já que fazem parte de uma dinâmica voltada

para a exposição de vivências, sugestões, entre outros aspectos no qual o diálogo com os milhares de interlocutores é figura central neste ambiente virtual.

Para a realização da análise crítica do discurso no contexto desta pesquisa, foi necessária a busca por uma amostra minimamente representativa do universo de influenciadoras digitais negras que abordam a temática da transição capilar no Brasil. No processo de definição das influenciadoras a serem analisadas, buscou-se adotar alguns critérios utilizados na amostragem (Bardin, 2016; Minayo, 2001) uma vez que existem centenas de criadoras de conteúdo dentro desse universo.

A realização da filtragem para a determinação da amostra teve inicialmente o auxílio da ferramenta Google Trends. Esse instrumento de pesquisa online tem por objetivo mensurar a quantidade de vezes que determinados termos foram pesquisados na plataforma Google. A ideia da utilização desta ferramenta veio a partir do acesso ao documento produzido pelo Google BrandLand chamado de “A revolução dos Cachos”<sup>10</sup> que apresenta o crescimento expressivo de 309% de pesquisas relacionadas ao cabelo cacheado e crespo entre os anos de 2015 e 2017, superando o número de pesquisas sobre cabelos alisados.

A partir dessa referência, o uso da ferramenta Google Trends auxiliou a investigação por mostrar como se apresentou as maiores altas de vezes que o termo transição capilar foi pesquisado. Nesse sentido, um dos critérios para a escolha das influenciadoras esteve relacionado à frequência de menções que o nome apareceu nesta ferramenta quando se pesquisava sobre transição capilar no período entre os anos de 2014 a 2019.

A opção por essa delimitação temporal se justifica pelo fato do documento do Google BrandLand ter analisado o crescimento das pesquisas relacionadas a cabelos cacheados e crespos entre os anos de 2015 e 2017 e, portanto, para esta investigação optou-se por delimitar um intervalo de cinco anos (2014 e 2019) para a presente pesquisa, englobando não só o período de pesquisa do Google BrandLand assim como um ano anterior e mais dois anos posteriores.

Foi interessante verificar que as buscas pelo termo “transição capilar” no período entre 2014 e 2019, segundo a plataforma Google BrandLand, limitavam-se à procura por dicas, informações sobre o processo e seu passo a passo. A partir do ano de 2016 em diante, nota-se que as buscas se relacionam mais a procura por produtos e marcas específicas para cabelos crespos e cacheados. Também cresce nesse mesmo período, a quantidade de menções sobre influenciadoras digitais e de personalidades midiáticas que passaram pela transição.

---

<sup>10</sup> Disponível em <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-demarketing/video/revolucao-dos-cachos/> Acesso em 20/04/2020

Dessa forma, procurou-se realizar uma categorização dos perfis a serem analisados. Esta etapa é apontada por Bardin (2016) e Minayo (2001) como a atividade de classificação dos elementos a serem estudados de acordo com os critérios estabelecidos. Buscou-se, então, por influenciadoras brasileiras que se identificam enquanto mulheres negras. Isso se justifica pelo fato de que há uma enorme variedade de influenciadoras naturalmente cacheadas e crespas que abordam o tema da transição capilar em suas postagens e se identificam como mulheres brancas, fazendo parte de um público que não constitui alvo desta investigação.

Outro critério utilizado para a seleção das influenciadoras digitais foi o número de menções aos seus nomes em portais de notícias que travam sobre a transição capilar, blogs voltados para o público cacheado e crespo, ou mesmo propagandas de cosméticos no Google também entre o período de 2014 a 2019.

Esse levantamento levou em conta a quantidade de vezes que influenciadoras eram citadas como exemplos de pessoas que falam sobre transição capilar. Os nomes mais recorrentes que apareceram nesse levantamento e durante o recorte de tempo aqui proposto foram sendo selecionados como sujeitos a serem analisados.

Chegou-se aos nomes de dez influenciadoras mais citadas dentro desse levantamento. Para uma melhor delimitação do número de pesquisadas, foi realizado um novo levantamento baseado no alcance de público (quantidade de inscritos no canal) que cada influenciadora apresenta<sup>11</sup> feito na rede social Youtube, ferramenta onde foram coletados os dados como mencionamos anteriormente.

O Youtube se caracteriza como uma plataforma de compartilhamento de vídeos na qual usuários que possuem uma conta de e-mail vinculada ao Google podem fazer o envio de vídeos ao site. Cada conta é nomeada como canal e o público que acompanha o conteúdo postado por cada canal pode personalizar o layout de sua página inicial nesta rede, com vídeos recomendados por base no que o usuário assiste denominado assim como inscrito.

Através do Youtube, é possível verificar o número de pessoas inscritas em cada canal assim como a quantidade de visualizações que cada vídeo possui. Além disso, o site possui ferramentas de feedback para cada vídeo postado, com as opções de “gostei” ou “não gostei” sinalizadas com os símbolos de positivo e negativo. Dessa forma, quanto maior o número de inscritos e de visualizações maiores são as possibilidades de alcance e engajamento no site.

---

<sup>11</sup> O levantamento citado leva em conta o número de seguidores e inscritos por volta de dezembro de 2020, período em que o levantamento foi efetuado. A quantidade de seguidores e inscritos pode ter sofrido modificações até a finalização desta pesquisa.

O Youtube apresenta em sua estrutura a possibilidade de interação entre usuários através da opção “comentários” onde também é possível verificar os feedbacks entre os criadores de conteúdo e o público que acompanha as temáticas postadas. Levando-se em consideração essas características, a escolha pela utilização desta rede social como fonte de levantamento de dados para a análise crítica do discurso de influenciadoras digitais em diálogo com a transição capilar se fez pertinente pela fácil acessibilidade de disponibilização dos conteúdos postados pelos perfis aqui analisados.

Cabe ressaltar que as influenciadoras digitais aqui analisadas também possuem perfis com numerosos seguidores e ampla capacidade de engajamento em outras plataformas sociais tão populares quanto o Youtube. Como já mencionado, a ideia inicial desta investigação nasceu justamente dentro do ambiente de outra rede social, o Facebook.

A escolha por analisar o conteúdo postado no Youtube também se justifica pelo fato de esta plataforma se caracterizar remunerar os criadores de conteúdo de acordo com o engajamento obtido. Dessa forma, é possível perceber a presença de uma espécie de profissionalização no universo das influenciadoras digitais, já que praticamente todas as aqui analisadas passaram a usar seus respectivos perfis nessa rede como fonte de trabalho e não apenas para finalidades estritamente pessoais.

Das dez influenciadoras previamente selecionadas segundo os critérios previamente mencionados, chegamos ao perfil de cinco influenciadoras digitais que tratam sobre a transição capilar e de assuntos correlatos a este tema.

**Tabela 1 -Canais do Youtube**

Influenciadoras Digitais	Número de inscritos
Ana Lídia Lopes	2,33 milhões de inscritos
Rayza Nicácio	1,7 milhões de inscritos
Steffany Borges	1,2 milhões de inscritos
Nátnaly Neri	785 mil de inscritos
Amanda Mendes “Tô de Crespa”	410 mil de inscritos

Fonte: Elaboração própria

Vale ressaltar que os vídeos analisados foram delimitados aos que foram produzidos entre 2014 e 2019 e que exclusivamente tratavam sobre a transição capilar e assuntos correlatos. Uma das dificuldades encontradas durante o processo de levantamento dos dados

correspondeu à filtragem dos vídeos, uma vez que esses canais não se resumem apenas à temática da transição e há uma grande produção de vídeos feitos por essas influenciadoras que abordam outros temas. Chegou-se então a uma média de pouco mais de trinta vídeos analisados de cada canal onde se pode comparar os sentidos atribuídos à transição capilar por parte dos perfis selecionados. Nesse sentido, é importante a descrição prévia do perfil das influenciadoras.

**Figura 1 - Ana Lídia Lopes**



Fonte: Instagram

Ana Lídia Lopes- 22 anos, natural de Minas Gerais, começou a produzir conteúdo na internet aos 13 anos quando criou um blog para compartilhar fotos, textos, dicas de beleza, entre outros temas. Iniciou seu processo de transição capilar em 2014 e na mesma época lançou uma campanha chamada #VoltandoAosCachos onde incentivava outras pessoas a passarem pelo processo de transição. Seu canal conta com a produção 900 vídeos com mais de 144.042.756 visualizações ao total. Descreve seu canal como um espaço que foca em assuntos relacionados à beleza, moda e estilo de vida.

**Figura 2 - Rayza Nicácio**



Fonte: Instagram

Rayza Nicácio tem 29 anos, é natural de Arapiraca-Alagoas e atualmente vive na cidade de São Paulo. Produz conteúdo desde 2009 embora tenha passado a focar em assuntos relacionados aos cabelos a partir de 2012. Possui 611 vídeos produzidos no Youtube. É citada com frequência por outras influenciadoras como uma das referências na temática da transição e de cuidados com os cabelos cacheados. Descreve seu canal como espaço para moda, beleza e comportamento. Possui mais de 113.875.712 visualizações em seus vídeos ao total.

**Figura 3 - Steffany Borges**



Fonte: Instagram

Steffany Borges tem 24 anos e é natural de São Paulo. Iniciou seu canal no Youtube em 2013 por incentivo de seu irmão<sup>12</sup> em que falava sobre as dificuldades e inseguranças relacionadas aos seus cabelos. Atualmente, possui 456 vídeos no Youtube. Descreve seu canal como um espaço com “dicas de cabelo, make, autoestima, moda e mais...” Ao total, seus vídeos possuem mais de 45.823.534 de visualizações.

**Figura 4 - Nátnaly Neri**



Fonte: Instagram

Nátnaly Neri tem 27 anos e é natural de São Paulo. Seu canal no Youtube anteriormente se chamava “Afros e Afins” e fazia parte de um projeto seu de quando iniciou a graduação em

---

<sup>12</sup> Disponível em <https://todateen.uol.com.br/entrevista-com-youtuber-steffany-borges/> Acesso em 04/01/2021

ciências sociais na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Iniciou sua produção de conteúdo motivada pelo desejo de compartilhar com o maior número de pessoas as informações aos quais estava tendo acesso sobre temáticas relacionadas à sociedade, individualidade, estilo de vida, entre outros. Descreve seu canal como espaço de compartilhamento de processos de autonomia intelectual, mental e de consumo. Além de falar sobre temas relacionados à raça, gênero, sociedade, sustentabilidade, amores e beleza. Possui 324 vídeos no Youtube, no qual já acumula mais de 33.552.200 visualizações ao total.

**Figura 5 - Amanda Mendes**



Fonte: Instagram

Amanda Mendes “Tô de crespa” tem 26 anos e é natural de Campinas-SP. Produz conteúdo no Youtube desde 2016, momento em que começou o processo de transição capilar e passou a compartilhar seu dia a dia desde então. Possui cerca de 532 vídeos em seu canal no Youtube. Descreve o canal como um espaço para falar sobre autoestima, aceitação, empoderamento, entre outros temas. Além de ter como objetivo buscar junto aos inscritos fortalecer suas respectivas identidades, escolhas e formar de ver e viver. Seu canal possui mais de 17.609.536 visualizações no total.

### **3.2 Metodologia de Análise do *Corpus***

Para a análise das falas das influenciadoras selecionadas retiradas de vídeos produzidos por estas no Youtube, utilizou-se a Análise Crítica do Discurso (ACD) como mecanismo de análise. Segundo Iñiguez (2004), a ACD não necessariamente se caracteriza como uma modalidade da Análise do Discurso, mas sim uma perspectiva diferente, pautada na maneira como estas duas categorias confrontam a teoria e a análise.

O autor enxerga, dessa forma, a ACD como uma análise mais aprofundada do discurso onde não se leva apenas em consideração os aspectos gramaticais ou da linguagem, mas sim vê o discurso como reflexo do ambiente em que é produzido. Mais especificamente, comprehende esta forma de análise como meio de pôr em prática a função da linguagem como alicerce de compreensão e estudo dos processos sociais. (Iñiguez, 2004)

Nesse mesmo sentido, Iñiguez (2004) menciona a importância do uso da linguagem e seu estudo para a análise dos variados contextos de relações sociais e de comunicação dentro de áreas como a sociologia, já que a linguagem tem poder de influir em inúmeros processos sociais e, por essa razão, se caracteriza como bastante relevante para as ciências humanas. Iñiguez também discorre sobre a importância que os meios de comunicação ganharam ao longo dos tempos, sobretudo, no contexto das novas tecnologias de comunicação que se tornaram um dos centros principais em que podemos verificar, através da linguagem, as mudanças, manutenções de estruturas e o desenvolvimento das relações sociais. Esse aspecto dialoga com esta investigação já que foi utilizada uma rede social como fonte para a aplicação deste tipo de análise.

Por sua vez, Fairclough (2012) defende a percepção de que a ACD se apresenta muito mais en quanto uma perspectiva teórica sobre a língua do que apenas um método. O autor argumenta que ACD inclui elementos que vão além da observação da linguagem verbal e textual, abrangendo também a linguagem visual, corporal, entre outros que são inseridas nas amplas análises sobre os processos sociais.

Fairclough (1989) ainda aponta que uma das áreas da ACD está relacionada com a análise do discurso como fração da prática cultural de uma sociedade e coloca a representação como um elemento que adentra e modela as práticas sociais e os seus processos. (Fairclough, 2012) Dentro dessa perspectiva, Fairclough argumenta que uma ordem de discurso não se caracteriza como algo fechado e com rigidez presente. Pelo contrário, se apresenta como um sistema aberto já que ocorre mediante interações reais. O autor menciona que a ACD pode oscilar entre estar focado em observar uma determinada estrutura ou na ação dos indivíduos que ocorre através de textos e de interações. Este último ponto se aproxima dos propósitos desta investigação, uma vez que o material analisado é fruto de interações através de vídeos produzidos pelas influenciadoras digitais selecionadas com o público que acompanha seus respectivos canais no Youtube.

Nesse sentido, a ACD se fez pertinente como método de análise sobre os sentidos atribuídos à transição capilar por parte dos perfis escolhidos, procurando verificar se há a presença de mudanças no discurso das influenciadoras ao passo em que obtiveram relevante visibilidade no meio digital e tiveram seus nomes vinculados a marcas de cosméticos. Buscou-se também demonstrar as particularidades e equivalências do discurso que cada uma apresenta, tanto em aspectos positivos quanto em aspectos limitantes.

É pertinente deixar claro que esta investigação se propôs, a partir da escolha deste método de análise do corpus, a compreender uma realidade particular e as complexidades que

esta apresenta, já que como aponta Gill (2002), a utilização da análise de discurso não objetiva a identificação de processos universais. Gill (2002), nesse sentido, menciona que há críticas sobre a noção de generalizações dentro deste método uma vez que o discurso se adjetiva como algo circunstancial que é construído através dos recursos interpretativos particulares e em contextos específicos.

## **5 CAPÍTULO 4- TRANSIÇÃO CAPILAR E TRANSIÇÕES “SECUNDÁRIAS”.**

A partir dos dados coletados no processo desta investigação, foi possível identificar nas falas das influenciadoras analisadas a presença tanto de elementos centrais que norteiam o processo de transição capilar vinculado a percepções sobre identidade negra e racismo, como também de elementos transversais relacionadas a questões sobre gênero e a “sensação” de empoderamento. Desta forma, os pontos abordados nesta passagem discorrem sobre a atribuição feita pelas influenciadoras sobre como compreendem suas respectivas vivências durante a transição capilar, as motivações envolvidas neste processo e as reflexões que expressam sobre esta experiência.

### **4.1 Racismo e transição capilar**

Na revisão de literatura realizada no capítulo 1, procurou-se resgatar os aspectos do racismo estrutural no Brasil e como este impactou histórica e socialmente a figura da mulher negra. Nesse sentido, foi visto que a marginalização da população negra brasileira apontada por Fernandes (2008) e Sousa (1983) teve como consequência à ampliação de profundas desigualdades de ordens econômicas, sociais, entre outras esferas. Neste cenário, a mulher negra brasileira tem sido particularmente prejudicada, uma vez sofreu o impacto dessas desigualdades tanto por parte das opressões vinculadas à raça, como também as vinculadas ao seu gênero como bem aponta Gonzalez (2020).

Uma das faces dessas opressões se caracterizou pela desvalorização de sua aparência, de seus traços físicos naturais, tendo o cabelo como um dos símbolos alvo de adjetivos negativos e depreciativos (Gonzalez, 2020; Braga, 2015; Gomes, 2008; Carneiro, 1995) assim como a criação de estereótipos vinculados a sua imagem (Caldwell, 2000) panorama este que desencadeou um ambiente na qual a visibilidade da mulher negra era escassa e pouco positiva. Vimos também que mesmo em iniciativas que buscaram romper com este cenário (Braga, 2015), ainda persistiram adjetivações negativas voltadas para a aparência da mulher negra, sobretudo, relacionado ao cabelo crespo e cacheado vistos como “trabalhosos” ou “sem beleza”. Este aspecto demonstrou que a manipulação do cabelo crespo e cacheado feita de modo a modificar sua estrutura original se aproximando do aspecto alisado, visto como mais aceitável esteticamente, foi uma forma de mulheres negras tentarem se sentir bem com a sua aparência.

A persistência de um discurso voltado para a rejeição do aspecto crespo e cacheado dos cabelos, ao longo de várias décadas, e a pouca visibilidade que a mulher negra possuiu nos vários meios de comunicação se caracterizou como um dos aspectos relevantes que impactaram gerações de meninas que cresceram rodeadas de referências estéticas pautadas por um padrão branco de beleza.

Nesse sentido, as cinco influenciadoras analisadas relataram em seus vídeos como se dava a relação com os cabelos ao longo da infância e início da adolescência e como essa relação foi construída socialmente. Praticamente todas elas discorrem sobre como cresceram nutrindo a rejeição ao aspecto natural de seus cabelos baseados na convivência com pessoas que reproduziam discursos pejorativos e negativos sobre o cabelo crespo e cacheado, assim como pela escassa presença de representações em vários nichos sociais, como na TV. O fato de estarem constantemente sujeitas a comentários negativos sobre o aspecto natural de seus cabelos se tornou uma das motivações para a decisão de modificarem seus fios.

Logo na minha infância, eu comecei a criar complexo com o meu cabelo. Eu achava que ele era volumoso demais, com muito frizz, enfim. Como se meu cabelo fosse errado. Isso porque eu fui crescendo e fui sofrendo os preconceitos contra o cabelo cacheado/crespo e volumoso. Nas mídias, eu não via praticamente nenhuma menina que me representasse, eu enxergava que só o cabelo liso era um cabelo bonito e aí eu sentia que tinha algo de errado comigo. [...] Quando eu tinha uns dez anos eu fui a um salão fazer um relaxamento somente pra “abaixar o volume”, sabem? Aquele papo de cabeleireira. Nas primeiras vezes, ficou até ok, abaixou o volume que era o que eu queria. Só que o tempo foi passando e esse relaxamento foi detonando com o meu cabelo. Foi esticando totalmente, danificando demais. Meu cabelo ficou muito frágil e o couro cabeludo começou a machucar. Foi aí que eu parei de fazer relaxamento, eu tinha uns treze anos. Só que mesmo assim, eu continuava fazendo selagem, passando chapa, querendo esconder o meu cabelo de verdade e viver com um cabelo que não era meu. Eu acho que essa foi uma das piores fases da minha vida porque assim, eu tava na pré-adolescência onde a gente fica com os sentimentos à flor da pele e foi a

época que eu fui mais complexada comigo mesma. Eu queria fazer de tudo pra que parecesse que meu cabelo era liso de verdade e ficava três horas e meia dentro do quarto passando chapa. Se ficasse um fio pra cima eu ficava irritada. Quando eu saia na rua e ia pra alguma festa, eu tinha a impressão que todo mundo falava mal do meu cabelo. (Ana Lídia Lopes, “*A história da minha vida*”<sup>13</sup>)

Eu sofri bullying. Eu sofria por conta dos meus lábios serem carnudos, eu recebi apelidos e eu chorei. E hoje eu não choro mais porque todas essas características se tornaram a minha identidade e não apenas física mas muito mais do que isso.” (Steffany Borges, “*Aceitação, autoestima e transição capilar*”<sup>14</sup>)

Eu sempre tive os cachos mas nunca gostei de usar eles com volume e nem seco. Então, eu nem sempre fui assumida assim, com volume o meu cabelo cacheado. Mas eu gostava dos meus cachos e eu tinha vergonha quando passei a deixar o meu cabelo com mais volume, eu tinha vergonha das pessoas. Quando eu saia, as pessoas ficavam olhando porque é um cabelo que chama mais a atenção, né? Então, as pessoas ficam olhando e eu ficava com muita vergonha. (Steffany Borges, “*NAMORO, ESCOLHI ESPERAR, FAMÍLIA, FACULDADE / #SteffanyResponde*”<sup>15</sup>)

Quando eu era criança, o relacionamento com o meu cabelo era dos piores. Eu tava sempre emburrada, chateada e com raiva porque o meu cabelo era volumoso demais, tinha frizz e eu só vivia com ele preso aqui embaixo. Não porque minha mãe não queria, ela até se esforçava e tentava fazer com que eu usasse o cabelo solto, mas não conseguia. Ela fazia escova, sempre fez e ainda faz e eu não a culpo por isso, mas eu quero explicar mais uma vez que é fundamental a proteção, o auxílio dos pais ou de pessoas aos seu redor, ao redor da criança que expliquem pra ela que o cabelo dela não é uma patologia. Que o cabelo dela é enrolado, pode ser diferente de algumas amiguinhas que tem o cabelo liso na escola. Mas o cabelo dela é especial do jeito que é. [...] quando eu era criança, apesar de não ter sofrido diretamente preconceito, brincadeirinhas que não são brincadeiras principalmente quando você fala de uma criança, em relação ao meu cabelo aconteceram. Pessoas a minha volta que eu amo e amava aqui falavam que se me jogasse da varanda não teria problema porque o meu cabelo ele seguraria. Gente, isso não é pra ter graça. Eu sei que nosso primeiro impulso é dar risada, mas não é pra ter graça, sabe? Vocês fazem ideia, vocês que passaram pela mesma coisa que eu passei, fazem ideia como é difícil você ser criança e não estar adequada a determinados tipos de padrões ou com a linha que seja daquele grupo que você convive e você ser um pouquinho diferente fora daquilo. É extremamente difícil. (Rayza Nicácio, “*Infância cacheada por Rayza Nicácio*”<sup>16</sup>)

“Eu lembro na alfabetização, eu olhando com admiração pra meninas com o cabelo liso, com olhos grandes e coisas assim que na época eu dizia: “imagina, sou muito mais feia do que elas”, “ela é muito bonita, não tem como não ser querida”, “gente bonita é querida” e isso foi sempre muito alimentado dentro de mim. Infância, autoestima péssima. Adolescência, autoestima péssima, mas suprida em outras necessidades. Eu achava que eu deveria expor o meu corpo, que eu deveria alisar o meu cabelo pra poder ser aceita e de fato era o que acontecia.” (Rayza Nicácio, “*Porque amar o seu cabelo*”<sup>17</sup>)

Nunca foi fácil assistir aos comerciais de televisão e aos grandes aparelhos incríveis e revolucionários que “resolveriam” a “rebeldia” do meu cabelo e não ficar constrangida. Ainda mais se tivesse gente por perto, sabe? Assistia a televisão e passava um comercial assim: “resolva o seu cabelo” e era exatamente o meu cabelo que eles estavam tentando resolver. (Rayza Nicácio, “*Quando me reconheci como negra*”<sup>18</sup>)

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zCfCVLRvGgU> Acesso em: 24/09/2021

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GXYeQxqEUYw> Acesso em: 14/09/2021

<sup>15</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=qp\\_S4cEpE58](https://www.youtube.com/watch?v=qp_S4cEpE58) Acesso em: 16/09/2021

<sup>16</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ba77DbrA7Ew> Acesso em: 12/10/2021

<sup>17</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DC48TUWDBLY> Acesso em: 12/10/2021

<sup>18</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY> Acesso em: 15/10/2021

A gente ouviu por muito tempo de que ter o cabelo cacheado é feio, que te deixa desarrumada, que volume não é bom, que parece ressecado, que parece sujo muitas vezes, mas isso tudo é mentira. E desconstruir esses pensamentos na nossa cabeça não é nada fácil. Não foi fácil pra mim e não vai ser fácil pra ninguém, geralmente, como tudo na vida, né? Quando a gente cresce ouvindo muito uma coisa, a gente toma aquilo como verdade absoluta e só em algum momento a gente começa a questionar essas coisas. (Rayza Nicácio, *"Ninguém se mete com o meu cabelo"*<sup>19</sup>)

Quando pequena, as pessoas sempre se referiram ao meu cabelo de uma forma negativa. Elas sempre me davam a entender que o meu cabelo era armado demais, crespo demais, estranho e que eu precisava fazer alguma coisa pra ficar mais “bonitinha”, pra ficar parecida com as outras meninas. E eu cresci achando que isso era verdade, que o que tava em mim era errado e que eu precisava mudar isso. (Amanda Mendes, *“PRENDA ESSE CABELO”*<sup>20</sup>)

Aos 14 anos de idade eu resolvi alisar o cabelo porque a maioria das minhas amigas tinham o cabelo liso, porque eu achava que era mais fácil de cuidar. Aí pedi pra minha mãe de presente de aniversário uma progressiva. [...] Olhando agora, tudo que eu já passei, tudo que eu já vivi durante os meus seis anos e meio de cabelo liso quimicamente tratado, gente eu já deixei de fazer tanta coisa! Tipo, eu já deixei de ir pra alguns lugares, pra passear com meus amigos, pra sair com a família. Por exemplo, chácara. Nossa já recusei várias vezes. Já deixei de entrar na piscina porque eu não queria molhar o cabelo, não queria tirar a chapinha da cabeça. Já fiquei frustrada porque o meu cabelo por ser super cacheado, qualquer dedinho que crescesse já mostrava que eu tinha um cabelo mais crespo, que eu tinha um cabelo mega cacheado. E aí eu tinha que ficar retocando com a chapinha e aquilo me irritava e eu comecei a sentir que eu era escrava da chapinha. Que eu era escrava da progressiva porque eu tava deixando de fazer coisas que eu queria fazer só que eu recusava. Porque eu não queria ficar feia, porque sem a chapinha eu ia ficar estranha e todo mundo ia estar olhando pra mim naquele momento. (Amanda Mendes, *“Transição capilar, minha história/ por Amanda Mendes”*<sup>21</sup>)

Eu queria ter um cabelo liso, eu queria ter um cabelo que batesse lá na bunda e que quando o vento soprasse o cabelo fizesse tchááá, sabe? E eu não tinha aquele cabelo e foi aí que eu entrei nessa coisa de alisar, de querer ter outra textura. E hoje eu entendo que eu me comparei em todos os momentos da minha vida com outras pessoas. E que ao me comparar com outras pessoas, mesmo que por uma fração de segundos, eu sentia raiva delas. (Amanda Mendes, *“Eu não tinha autoestima”*<sup>22</sup>)

Minha infância foi uma infância genérica que todas as pessoas negras experimentam, salvo aquelas famílias que são muito politizadas que desde sempre e a criança nasce naquele ambiente militante de conscientização. Porque hoje em dia, felizmente, eu acho que está sendo mais comum do que foi na minha época. [...] Ser uma criança negra no Brasil é extremamente difícil, é um processo muito penoso, é um processo muito destrutivo que você realmente sofre. Você realmente tem a sua autoestima destruída, devastada em qualquer lugar que você vá e pra qualquer lugar que você olhe. Quando você é uma mulher negra você não tem nenhum tipo de representatividade, você não tem nenhum tipo de autoestima. É destruída, devastada de todas as formas possíveis e todas as formas imagináveis. [...] Quem foi criança nos anos 90? Quem teve a autoestima destruída pelas paquitas? Gente, a sociedade é cruel, extremamente cruel. Que menina negra era convidada para ser par na quadrilha? Eu nunca fui e minhas amigas negras nunca eram, né. Que menina negra entrava na lista, extremamente machista, das mais bonitas da sala? Nunca era a menina negra. Então a gente desde criança, além da televisão, além da mídia, dos jornais, além de tudo que te cerca, você lida com situações reais em todos os ambientes. [...] Com nove ou dez

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=1gRjX\\_ilS6E](https://www.youtube.com/watch?v=1gRjX_ilS6E) Acesso em: 15/10/2021

<sup>20</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4qtUER5YPko> Acesso em: 21/08/2021

<sup>21</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6zvPW7XQhmY&t=307s> Acesso em: 21/08/2021

<sup>22</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=w2C9hk06YeY> Acesso em: 29/08/2021

anos, não me lembro ao certo, comecei a passar as minhas primeiras químicas. A passar muita progressiva. Meu cabelo ficava extremamente machucado por conta dos processos químicos e eu adorava. É muito engraçado porque até hoje se eu passo em frente a um salão de beleza e eu sinto cheiro de formol eu gosto. Eu gosto muito do cheiro de formol apesar de ser muito forte. Porque quando eu era criança eu sempre associei o cheiro do formol a coisas felizes porque pra mim todas as vezes que eu ia alisar o meu cabelo, eu ficava feliz, eu me sentia bonita. Olha que pesado isso, né? O cheiro de uma coisa tão destrutiva me trazer boas lembranças. Eu comecei a alisar o meu cabelo muito cedo, mas meu cabelo nunca foi um cabelo crespo que parecia alisado. Meu cabelo nunca foi bonito alisado. Meu cabelo sempre foi muito fino, então processos químicos sempre estragaram muito ele. (Náty Neri, “*Autoestima, identidade e feminismo negro*”<sup>23</sup>)

Fica nítida nestes relatos como a relação das influenciadoras com o cabelo, assim como outros traços do corpo como mencionou a youtuber Steffany Matos, desde a infância foi marcada por um processo de rejeição ao aspecto natural do cabelo por conta de estarem constantemente diante de discursos que desvalorizavam seus cabelos. Nesse sentido, o alisamento aparece nesses relatos como a solução encontrada para superar essa rejeição e exclusão que sentiam de diferentes âmbitos sociais.

É relevante mencionar também descrições de como as outras pessoas enxergavam negativamente seus cabelos. Isso pode ser notado pela presença da preocupação que algumas influenciadoras tinham sobre o quanto volumoso o cabelo parecia. Outro aspecto que chama a atenção se relaciona à ausência de referências ao qual se espelhassem, já que as existentes reproduziam a lógica de idealização de beleza voltada para o padrão branco. A citação de Náty Neri sobre as paquitas, ajudantes de palco de programas da apresentadora Xuxa entre os anos 1980 e 1990, que se caracterizavam por serem todas loiras é um exemplo claro dessa ausência de referencial na infância.

As violências contidas nos discursos que as influenciadoras acabaram por conviver assim como a falta de representatividade sentida nos diferentes âmbitos sociais demonstram sobre a dimensão estética do preconceito a que estiveram expostas ao longo da vida. A experiência estética se caracteriza como um dos pilares da reprodução do racismo e de sua manifestação. Chama a atenção que esses discursos são muitas vezes reproduzidos por familiares por meio de “brincadeiras” ou mesmo em manifestações explícitas de preconceito racial. Sousa (1983) e Araújo (1996) descrevem esse cenário, no contexto brasileiro, como a tentativa de negação da identidade negra, assim como a sua história e os seus sentimentos. São aspectos profundamente enraizados no imaginário social brasileiro.

Couceiro de Lima (1996) denomina alguns desses aspectos como oriundos de um “racismo à brasileira”. Em concordância com as formulações de Fernandes (2008) numa

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg> Acesso em: 29/07/2021

abordagem crítica a ideia de democracia racial, a autora aborda que dentro do contexto da mídia existe a absorção do racismo socialmente vigente no Brasil, visto como “cordial” e que é reproduzido nesse espaço. Nesse sentido, discorre que crianças negras acabam por construírem suas respectivas identidades dentro de modelos totalmente diferentes da imagem que refletem no espelho, panorama que tem como consequência a vivência de situações dolorosas como as relatadas pelas influenciadoras.

A autora reforça essa noção quando aborda que a formação de uma identidade se caracteriza como um processo de construção em que diversos agentes, nas sociedades complexas, são atuantes e a comunicação se apresenta como um relevante elemento nesse sentido. Courceiro de Lima (1996) ressalta ainda que a presença de estereótipos negativos vinculados à identidade negra e que são inseridas nos diferentes produtos da comunicação social, impacta na construção de novas identidades que reforçam a reprodução de distorções e estereótipos.

Por conta desses aspectos, as influenciadoras destacam a importância da construção de exemplos e discursos positivos desde a infância para que crianças crespas e cacheadas não convivam com o estereótipo negativo sobre seus cabelos, assim como ressaltam que pessoas adultas próximas necessitam de consciência na não reprodução desses tipos de discursos.

“Cabelo crespo não é cabelo ruim! Muita gente coloca essa ideia principalmente na cabeça das crianças. Aí fica chamando a criança de “cabelo duro”, de “cabelo ruim”. Eu já vivi isso e também vejo isso dentro da minha família e eu não concordo, gente! O seu papel como adulto é sempre incentivar e fazer com que a criança goste e ame o cabelo dela.” (Steffany Matos, *“Frases que toda cacheada/crespa precisa ouvir.”*<sup>24</sup>)

Eu entendo que quem não passou por isso ou quem não é crespa e cacheada, quem sempre teve o cabelo liso, quem sempre esteve “dentro dos padrões” teve outros complexos diferentes dos meus. Mas tô gravando esse vídeo especialmente pra conscientizar mulheres adultas e adolescentes que podem perceber e ter mais noção do impacto que você pode causar numa vida desde muito cedo e de que a gente preste mais atenção sobre isso. Respeite a inteligência das crianças, não tome atitudes na frente delas que podem as condicionar a se inferiorizar em relação aos outros ou a darem prioridade a coisas que não são.” (Rayza Nicácio, *“Torturas psicológicas que sofri quando era criança.”*<sup>25</sup>)

“É fácil a gente entender por que a gente se odeia tanto, porque a gente demora tanto pra desenvolver o amor próprio, quando desde uma idade tão pequena assim [(a influenciadora então mostra sua foto criança)] quando você é tipo uma criança, um bebê, você já encontra dificuldades assustadoras. Você já vê seu corpo e a tua realidade, as tuas potencialidades negadas. E aí você cresce um pouco e eu acho que é a pior idade porque é a idade que você passa a realmente a entender as coisas [(a influenciadora agora mostra uma foto da pré-adolescência)] e é muito complicado quando seu único ideal de beleza e a tua referência é uma boneca loira, de cabelo liso e longo, que você carrega de um lado pro outro e aquilo representa o bom, o bonito e o

<sup>24</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=nL8JTFsp\\_Vc&t=200s](https://www.youtube.com/watch?v=nL8JTFsp_Vc&t=200s) Acesso em: 16/09/2021

<sup>25</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=yHKQMXC\\_OFa](https://www.youtube.com/watch?v=yHKQMXC_OFa) Acesso em: 19/10/2021

perfeito. O que você representa? É uma lógica simples, qualquer criança pode fazer e todas as crianças negras fazem.” (Nátaly Neri, “*Como aprendi a me amar.*”<sup>26</sup>)

Um recadinho que eu quero dar aqui muito importante pros pais, pras mães ou pra qualquer ser humano que tenha contato com criança: se você viu ali que a criança tem alguma característica física diferente da outra seja cabelo, altura, peso... Gente isso indefere. Você não deve apontar pra aquela criança e fala pra ela “ô, por isso, por você ser assim, você é errada. Por você ser assim você é estranha e daí a gente precisa arrumar, a gente precisa mudar isso.” Não fale isso pra uma criança porque a criança ela grava essas coisas. Se você olhar pra uma criança e fala pra ela que o cabelo dela é ruim só porque ele tem uma textura diferente da do colega, ela vai gravar isso. (Amanda Mendes, “*PRENDA ESSE CABELO*”<sup>27</sup>)

Para a maioria dessas influenciadoras digitais, a transição capilar apareceu como meio de libertação das adjetivações negativas que passaram com relação aos seus cabelos. Como mencionado no capítulo 2, as motivações iniciais que levam uma pessoa a passar pelo processo de transição capilar são variadas e muitas delas estão relacionadas a uma busca por uma rotina de cuidados mais saudáveis com os fios, uma vez que o uso excessivo de químicas danifica seriamente os cabelos. Assim como relatam a necessidade de se libertarem das práticas de alisamento por não mais se identificarem com o cabelo alisado, construído assim uma percepção mais positiva do cabelo naturalmente crespo e cacheado. Não é à toa que a transição capilar acaba se tornando um relevante referencial para essas mulheres no sentido de passarem a construir a própria identidade tão negada no passado, deixando claro que a mudança experienciada é além da aparência exterior.

Eu comecei a minha transição em fevereiro de 2014, meu *big chop* eu fiz em agosto de 2014 em seis meses de transição. E foi, tipo assim, muito inesperado, foi do nada. Eu achava que ia demorar muito mais, achava que ia demorar mais de um ano pra fazer o *big chop*. Mas aí, um dia eu dei a louca! Eu tava sozinha em casa e pensei: quero cortar meu cabelo, quero fazer meu *big chop*. Não fui em salão, não pedi ajuda de ninguém, eu coloquei a câmera aqui no quarto, peguei a tesoura e fui cortando. Eu ia cortando e cada barulho da tesoura eu ia sentindo uma coisa tão... Não sei explicar. Ia me dando um sentimento tão bom que nossa, foi inexplicável gente. Eu não queria ir ao salão porque eu queria ter o prazer de eu mesma cortar, sabe? Me senti assim: “caraca, tô me libertando de uma coisa que eu fui escrava por muito tempo.” [...] Acima de tudo, das mudanças do cabelo, do crescimento, fora do exterior eu sempre falo pra vocês e repito um milhão de vezes se for preciso: transição capilar não só mudança por fora, do cabelo. É por dentro, você muda muita coisa. Acho que só quem já passou por isso sabe. O que mudou no meu interior foi a minha autoestima, mudou demais. Antes eu era muito insegura, ia pra uma festa e tinha um pouco de receio sempre achando que todas as meninas estavam muito mais bonitas do que eu. E depois que eu assumi o meu cabelo, eu desencanei de tanta coisa, fiquei mais tranquila com tanta coisa. Passei a ver mais beleza nas outras pessoas. Acho que além de ter mudado em mim, mudou a minha forma de ver o mundo, a minha forma de ver as coisas. Não só em relação à beleza e às pessoas, mas a coisas da vida, sentimentos. Eu me apeguei e desapeguei de tanta coisa. Aprendi a desapegar de coisas que se renovam tipo cabelo, unha, coisas materiais e fui tentando me apegar mais as pessoas, tentando abrir mais o meu coração, não me privar de sentir as coisas. Eu amadureci muito e passei a ser mais independente. A gente passa a se sentir mais poderosa como se a gente tivesse realmente poderes. [...] *Big chop*, além de cortar o seu cabelo, de cortar as

<sup>26</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XYDAMHHWwEU> Acesso em: 01/07/2021

<sup>27</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4qtUER5YPko> Acesso em: 21/08/2021

partes alisadas do seu cabelo que você não quer mais, você vai cortando também tanta coisa do seu coração. Tanta coisa que não te faz bem você vai aprendendo a cortar também. Depois que o tempo passa você pensa: caraca! Não era só cabelo, era muito além disso. Eu precisava mudar muito mais. (Ana Lídia Lopes, “*1 ano de Big chop: o que mudou na minha vida!*”<sup>28</sup>)

Porque o sentido da transição capilar vai muito além da aparência. É uma decisão que parte primeiro daqui de dentro. É um processo de aceitação pra devolver a sua autoestima, a identidade. E tem gente que começa pela aparência e no meio do caminho vai entendendo tudo vai se descobrindo. O que eu quero que vocês entendam é que não é só cabelo. (Ana Lídia Lopes, “*10 coisas que te impedem de terminar sua transição capilar.*”<sup>29</sup>)

Eu falei, eu desisto de um cabelo curto, eu não quero mais ter um cabelo quebrado. Já fazia seis meses que não passava nenhuma química no meu cabelo e eu acho que na época, porque meu pai não tinha dinheiro pra pagar pra passar progressiva, não lembro o porquê. [...] Comecei a trabalhar na Embeleze, tinha uns 14 anos. E aí eu ganhei um desconto num curso de dreads e tranças e foi nesse momento que eu comecei a me compreender como uma mulher negra, foi minha primeira referência porque tinha uma apostila e a apostila contava a história dos dreads, a história das tranças, a história daquele povo que tanto era negado e que eu me identificava de uma forma muito grande. Então comecei a ler aquelas apostilas, comecei a ler aquelas coisas e senti uma identificação muito grande com toda aquela narrativa. Eu falei: “é isso que eu sou, eu sou uma mulher negra! Por isso é que as pessoas não me aceitam porque eu não sou igual a eles, eu sou igual a essas pessoas que estão nessa apostila de cabelo. (Náty Neri, “*Autoestima, identidade e feminismo negro.*”<sup>30</sup>)

Eu acho que todo mundo deveria dar uma chance pro seu cabelo natural se quiser, se sentir que isso é o melhor pra você. E eu sou suspeita, sou muito suspeita pra falar sobre isso mas isso deve acontecer de dentro pra fora. Eu já disse isso diversas vezes. Depois que a gente aprende a se valorizar com os nossos defeitos, com as nossas qualidades, com os nossos prós e contras, a gente muda completamente de postura. (Rayza Nicácio, “*Porque amar o seu cabelo.*”<sup>31</sup>)

É muito engraçado porque agora é super comum a gente ouvir que ter cachos está na moda, ter cabelo cacheado está na moda e, de fato, está. Não foi o meu caso assumir por causa da moda, a maioria de vocês não também com certeza, que passaram pelo processo de transição. Mas uma coisa não anula a outra. Só que hoje é muito possível, é muito mais fácil encontrar referências que usam o cabelo cacheado e crespo e que podem inspirar crianças, adultos, adolescentes que tem conflito nesse sentido. (Rayza Nicácio, “*Mãe, por que eu nasci cacheada?*”<sup>32</sup>)

Comecei a pesquisar loucamente coisas de como fazer, de como deixar a progressiva, de como se desapegar dessa vida. E foi aí que eu enxerguei que a internet disponibiliza um leque de informações pra a gente. Tem tanta menina cacheada, tanta menina crespa com tanta história bonita que a gente olha e nossa, chega a arrepiar. Eu acho que eu consigo a ser assim também, eu acho que eu consigo voltar a ser eu mesma, a assumir minha identidade independente do que os outros vão pensar, do que os outros vão dizer. [...] Entrar na transição foi a melhor coisa que já fiz na minha vida de verdade porque eu não descobri só o meu cabelo cacheado. Eu descobri que eu sou uma Amanda diferente capaz de ser e fazer coisas que eu nunca imaginei independente da opinião dos outros eu vou seguir o meu caminho. A gente não precisa da aprovação de todo mundo não é verdade? (Amanda Mendes, “*Transição capilar, minha história/por Amanda Mendes.*”<sup>33</sup>)

<sup>28</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OlgJNK4xIj4&t=3s> Acesso em: 23/09/2021

<sup>29</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ekIT7uFFZ1A> Acesso em: 30/09/2021

<sup>30</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BoXsNfC1WMw> Acesso em: 05/05/2021

<sup>31</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DC48TUWDBLY> Acesso em: 12/10/2021

<sup>32</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=qyHTxapxqk> Acesso em: 14/12/2021

<sup>33</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6zvPW7XQhmY&t=307s> Acesso em: 21/08/2021

Nestas passagens vemos que alguns aspectos relevantes que tornam a transição capilar como um relevante mecanismo de construção ou mesmo de uma retomada de consciência da própria identidade. Um dos pontos que mais está em evidência se caracteriza pelo sentimento que as influenciadoras exprimem sobre uma mudança interior, maior do que qualquer aspecto alheio.

Esse sentimento de mudança as impacta ao ponto de começarem a enxergar os traços naturais de seus cabelos de forma positiva, coisa que, como visto anteriormente, não ocorria já que cresceram em ambientes onde a rejeição ao crespo e cacheado eram dominantes. Outro elemento que aparece em alguns desses relatos é a ideia de autonomia, observada na fala da influenciadora Ana Lídia Lopes quando menciona ter tomado a decisão de executar sozinha o corte das partes alisadas do cabelo.

Outro ponto levantado nestas passagens está relacionado ao contato que estas influenciadoras puderam ter com representações semelhantes a suas próprias imagens, como bem mencionam Nátnaly Neri e Amanda Mendes. A busca por histórias e figuras na qual serviram de inspiração e motivação para o reconhecimento da própria identidade. A importância do contato com referências também é mencionada na fala da influenciadora Rayza Nicácio que destaca sobre uma maior facilidade nos tempos atuais na busca por referências para quem optar passar pela transição capilar. Um elemento facilitador, nesse sentido, é a internet. A própria Rayza é mencionada como figura de inspiração para influenciadoras como Amanda Mendes na decisão de aderir ao processo de transição e conseguir permanecer nele.

Uma inspiração, que nossa! Que me cativa e que me fez olhar o meu lado cacheado com mais amor, com mais carinho foi o canal da Rayza Nicácio. Eu vi tantos vídeos dela, eu engoli os vídeos dela sabe? Eu falei: “cara, é disso que eu preciso! Eu preciso de mais confiança, de mais determinação. Eu preciso viver a minha vida sem me importar com o que os outros vão pensar.” Foi aí que começou aquele processo de “eu vou fazer, eu vou conseguir. (Amanda Mendes, *“Transição capilar, minha história/por Amanda Mendes.”*<sup>34</sup>)

Ou seja, fica nítida nesta passagem como a produção de conteúdo na internet que uma pessoa, no caso Rayza, pode servir de inspiração para que outras mulheres que se identificam com ela também possam investir no compartilhamento de suas histórias, demandas, dificuldades, entre outros que alcançam centenas de outras pessoas que também acabam sentindo refletidas suas buscas por reconhecimento da própria identidade.

Como mencionado no capítulo 2, essa é uma das formas principais do engajamento e interesse que a transição capilar obteve nos últimos anos. Esse tipo de ambiente é entendido por Martino (2014) como uma imagem triunfante da democracia na comunicação onde qualquer

---

<sup>34</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=6zvPW7XQhmY&t=307s> Acesso em 21/08/2021

pessoa pode vir a se tornar, virtualmente, uma espécie de produtor de cultura. Nesse sentido, a disseminação de informações sobre a transição capilar por parte dessas influenciadoras pode possibilitar de forma relevante a construção da identidade delas próprias, assim como do público ao qual se comunicam uma vez que possuem capacidade de produzir cultura.

Esse fato é demonstra o que autoras como Gomes (2006) apontam como dimensão central da identidade: seu caráter historicamente construído a partir de uma série de mediações que vão diferindo de cultura para cultura. Se num passado recente propagava-se o discurso de vinculação negativa ao cabelo crespo e cacheado, vemos que a mediação oriunda do ambiente virtual por parte das influenciadoras aqui analisadas produz uma lógica cultural diferente, de enaltecimento e visibilidade positiva dos cabelos. Contudo, Gomes (2006) também ressalta que uma construção de identidade não ocorre do dia para a noite, sem conflitos. Isso se justifica pelo fato de toda uma bagagem histórica de rejeição ao cabelo natural ter impactos profundos nas vivências dessas influenciadoras e, portanto, mesmo compreendendo que a transição capilar é um mecanismo inicial construção e reconhecimento da identidade, relatam sobre as dificuldades neste processo.

#### 4.2 O reconhecimento enquanto pessoa negra

A transição capilar demonstra, a partir dos relatos das influenciadoras, atuar como um relevante ponto de partida para o abandono de uma visão negativa do cabelo crespo e cacheado que passa a ser visto como motivo de autoestima e orgulho. Porém, nem sempre ocorre uma vinculação do processo de transição com a construção de uma consciência da própria identidade de forma imediata, como cita a influenciadora Náty Neri:

Eu ainda não tinha autoestima porque eu só tinha me reconhecido enquanto negra e eu gostava de mim enquanto negra, mas eu ainda não tinha forças pra lutar contra uma sociedade que dizia que ser negro não era legal. Então, ao mesmo tempo em que eu me encontrei, que encontrei quem eu era, e compreendi quem eu era, me aceitei e parei de lutar contra me senti melhor comigo. Mas ainda não sentia forças suficientes pra que as pessoas se sentissem bem comigo. (Náty Neri, *“Autoestima, identidade e feminismo negro.”*<sup>35</sup>)

Eu sempre tive consciência de que eu era negra. Na verdade, consciência não. Consciência é uma palavra que não necessariamente eu goste pra isso. Eu sempre me vi como uma pessoa negra, isso é um fato! [...] isso não necessariamente tornou minha vida mais fácil, mais simples por eu ter consciência né? Eu acho que essa minha formação vem muito dos meus pais que não necessariamente são ativistas, militantes. São pessoas comuns. Uma coisa que eu lembro e que era maravilhosa, às vezes eu ia encontrar a minha mãe em algum espaço e aí eu falava assim: “ah, minha mãe (eu perguntava à informação) é uma mulher baixinha assim, morena.” Aí meu pai virava e falava assim: “Náty, a sua mãe não é morena. A sua mãe é negra, você também é negra. Você não é morena.” E aí eu ficava, ah tá bom. Negra né pai? Tá. Sentindo aquele incômodo de tipo com seis, sete anos de falar negra, eu preferia falar morena porque já naquela época eu sentia, sem saber o porquê, que falar negra era errado. [...]

<sup>35</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BoXsNfC1WMw> Acesso em: 05/05/2021

Eu sei que muitas pessoas na minha idade, ou até mais velhas, não necessariamente tem a mesma visão que eu tenho a respeito da minha negritude etc. Eu sei que muitas pessoas na verdade ficam naquele limbo do pardo, branco ou bronzeado por muitos anos. Então acabam tendo essa construção sobre ser negro, sobre se identificar como pessoas negras tardiamente. Aí você me fala “pra você foi mais fácil ter tido consciência da sua negritude”. Não necessariamente né, porque como eu sabia que eu era uma pessoa negra e eu já entendia desde muito cedo, a sociedade me fez entender desde muito cedo que ser negra era uma coisa ruim, eu tentei de todas as formas me embranquecer. (Nátnaly Neri, “*Empoderamento estético e consciência racial.*”<sup>36</sup>)

Nestas duas passagens, a influenciadora Nátnaly Neri discorre sobre a construção de sua identificação enquanto uma mulher negra antes e depois de passar pela transição capilar. No primeiro trecho, a influenciadora relata sobre os sentimentos um pouco contrastantes sobre lidar com esse reconhecimento interiormente, de forma mais positiva, em detrimento da convivência social ainda marcada pela presença de um discurso racista, de rejeição dos traços negros. Na segunda passagem, faz uma retomada sobre desde a infância ter alguma consciência de sua negritude, porém justamente o âmbito social na qual vivia também reforçava a negação de seus traços.

Podemos identificar uma aproximação desses relatos de Nátnaly com as formulações de Fanon (2008) sobre a experiência do reconhecimento. De acordo com o autor, para que um indivíduo possa obter a certeza sobre si mesmo e a expansão da consciência sobre si, necessita de uma integração com a ideia de reconhecimento. Como mencionado no capítulo 2, Fanon (2008) comprehende que o reconhecimento ocorre a partir da relação mútua que um indivíduo possui com o outro. Os relatos de Nátnaly Neri sobre as dificuldades que vivenciou para se reconhecer como uma pessoa negra são nítidos exemplos de como a constante relação com o outro interfere nesse processo, seja de forma positiva ou negativa.

A influenciadora Amanda Mendes aponta que o reconhecimento de si mesma como mulher negra ocorreu de fato após a transição capilar, já que no período em que alisava os cabelos sentia que as pessoas ao redor a “enxergava” como uma pessoa branca. Essa percepção ia além da manipulação dos cabelos.

Acho que quem me olhava me via realmente como branca porque meu cabelo era liso, quimicamente tratado e eu colocava filtros extremamente claros nas minhas fotos e aí eu me questionei por que eu fazia isso, por que clarear as fotos? E eu consigo perceber que isso tem tudo a ver com a mídia, com o que a mídia colocava, com o racismo, com o preconceito. Porque eu sempre tive, eu sempre vivi em meios de amigos brancos, todo mundo naquele padrão. Minhas amigas com o cabelo liso, com o cabelo comprido, sabe? Era isso e eu queria me enquadrar naquilo só que eu não sou branca. E aí o que eu fazia? Eu clareava minhas fotos. [...] Eu me descobri negra depois que eu assumi minha transição. Foi uma transição interna mesmo. Na real, eu nunca achei que eu fosse branca, mas eu também achava que não era negra. Até mesmo porque

---

<sup>36</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iy1niabC1eQ> Acesso em: 02/08/2021

todo mundo falava: “você é mulata, você é parda, você não é negra.” As pessoas sempre falavam isso pra mim. (Amanda Mendes, *“Quando me vi negra”*<sup>37</sup>)

Já a influenciadora Rayza Nicácio relata que seu reconhecimento como negra sempre esteve vinculado mais ao seu cabelo do que à sua cor de pele, embora ressalte que refletiu muito pouco sobre essa temática antes de passar a produzir conteúdo na internet.

Eu lembro que na maior parte do tempo na minha vida tentei ser uma pessoa totalmente diferente de mim e me inspirava em pessoas totalmente opostas de mim. Tive muitos conflitos em relação ao meu cabelo, ao meu tipo de corpo mas não à cor da minha pele. Pra investigar os conflitos sobre a cor da minha pele demorou um pouquinho porque ninguém nunca falava sobre isso comigo, sabe? A cor da minha pele era “aceita” e não era questionada. Mas, mesmo assim, eu lembro de quando eu era pequena (meu irmão é mais claro que eu um pouquinho) e eu falava pra minha mãe: “Mãe por que o Jonatas é mais “branquinho” e eu tenho a pele mais escura que a dele?” Ninguém nunca tinha conversado comigo sobre eu ser ou não negra. Eu só sabia que eu não era branca e que o meu cabelo era crespo. Demorou muito pra eu poder refletir sobre isso e muito mais ainda pra eu ter convicção sobre o que falar e me assumir sim como uma mulher negra de pele mais clara. (Rayza Nicácio, *“Quando me reconheci como negra.”*<sup>38</sup>)

É relevante perceber nestas falas de Amanda e Rayza a centralidade do cabelo enquanto principal elemento de identificação e reconhecimento racial, mais do que a cor da pele. Esse aspecto é mencionado por Gomes (2006) quando afirma que o cabelo, muitas vezes, se sobrepõe à cor da pele como elemento de denominação racial, na qual quanto mais crespo o cabelo for o cabelo, maior é a possibilidade de desvalorização que o racismo e a branquitude operam sobre a construção da identidade negra. Isso faz com que os indivíduos enxerguem ou percebam o que o racismo põe a sua frente, como fica evidente no relato de Amanda.

No caso das influenciadoras Ana Lídia e Steffany Borges, não foram identificados explicitamente em seus vídeos relatos sobre se reconhecerem como mulheres negras, seja antes, durante ou depois da transição capilar.

Ainda na perspectiva do reconhecimento, algumas das influenciadoras expressam como a partir das mudanças interiores que transição capilar gerou em suas vidas, passaram a entender este processo como mecanismo de afirmação contra padrões impostos, o que as levou a se posicionarem enfaticamente em defesa da valorização de seus traços mesmo diante de comentários negativos. Esta defesa muito se aproxima da concepção de Honneth (2015) de lutas por reconhecimento, principalmente no que se refere às demandas por acesso de forma igual à estima social e direitos (Neves, 2005). Nesse sentido, é possível identificar a transição capilar como mecanismo de luta por reconhecimento em um ambiente social que ainda rejeita os traços negros, fazendo com que esse processo ganhe ares de engajamento político e de resistência, mesmo que este engajamento nem sempre esteja explícito.

<sup>37</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wNgz5HzCoNI> Acesso em 11/08/2021

<sup>38</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY> Acesso em 15/10/2021

No nosso mundo, não tem como impor padrões de beleza porque cada ser humano é diferente, cada um, na sua singularidade, possui, sim, uma beleza especial. Só depende da gente pra que isso tudo se resolva, pra que isso um dia acabe ou pelo menos diminua. Tenha respeito pelo teu próximo, respeite a si mesmo e acredite em você. [...] Quando você olha pra alguém que tem um Black, ela tem um Black por diversos motivos. Por estilo, por autoaceitação, autoestima, ela se sente bem. Ela se sente feliz e é isso que importa. A gente tem que querer a felicidade de todo mundo e não ficar querendo que todo mundo se enquadre em um único padrão. (Amanda Mendes, “**PRENDA ESSE CABELO.**”<sup>39</sup>)

Muitas vezes as pessoas não acreditam que você esteja fazendo algo certo ou não acham legal esse rolê de transição capilar porque vai contra um padrão que é estético, que elas idealizam como correto. Tem gente que não gosta de cabelo crespo, fala que cabelo crespo não tem beleza nenhuma. Aí eu pego e falo, pera aí! Você pode não gostar, mas eu tenho certeza de que essa ideia surgiu pra você depois de vários padrões, depois de várias intervenções sociais. Eu tenho total certeza disso porque é muito estranho você simplesmente olhar e falar “ah, não gosto”. Tem um porquê de você não gostar. [...] Eu vejo a transição como algo realmente interno. O meu cabelo ele cresceu, ele encrespou porque eu quis mudar por dentro. Se eu não tivesse essa vontade, essa sede, essa coisa de querer me conhecer e querer me libertar, um cabelo é só um cabelo. Se a mudança não está em mim seria só mais um crespo no mundo. Mas se eu, Amanda, me sinto empoderada a passar pela transição capilar, então o meu cabelo é resistência, ele é manifestação. Ele é um ato político nas ruas e é isso que a gente tem que entender que a transição é muito, muito íntima. Muito nossa. (Amanda Mendes, “**Falta de apoio na transição capilar.**”<sup>40</sup>)

Se aceitar é amar cada detalhe de você, é amar cada característica que você possui e entender que ela é única e que não tem problema nenhum em ser diferente do outro. E que você não precisa se enquadrar em um padrão e que você não precisa querer mudar porque outras pessoas estão dizendo que você tem que mudar. Faça aquilo que te faz bem e tenha por perto pessoas que também te façam bem. (Amanda Mendes, “**Seu cabelo é ruim sim.**”<sup>41</sup>)

Quando eu concluí a minha transição capilar eu dei um basta nessas pessoas, nessas vozes. Chega! Eu não quero me montar por ninguém. Eu não quero fazer nada que eu não queira fazer. (Amanda Mendes, “**Eu não tinha autoestima.**”<sup>42</sup>)

A gente cria um carinho, uma relação de empoderamento com o nosso cabelo obviamente. A gente pensa: a gente é resistência. Até mesmo por conta do que a gente passa hoje, das críticas que a gente enfrenta, dos olhares tortos que a gente enfrenta. Quanto maior e mais volumoso for o seu cabelo e principalmente sem definição, mais as pessoas vão olhar pra você com uma cara de “nossa menina, vai pentear esse seu cabelo”. Então a gente, todo dia, sair com o cabelo assim nas ruas é resistência. (Amanda Mendes, “**Depois da transição capilar.**”<sup>43</sup>)

Porque quando a gente fala sobre cabelo, quando a gente fala sobre tranças, o que significa eu falar sobre essas tranças? Significa eu dizer que isso faz parte da minha identidade enquanto mulher negra. Que isso faz parte de uma construção histórica e social da cultura negra e que a partir do momento em que a gente consegue compreender o que isso significa e utilizar em prol da nossa autoestima, você está militando, você está fazendo alguma coisa. [...] Você tá construindo a sua identidade e de outras mulheres porque você tá sendo referência. Porque você tá mostrando pra outras mulheres que é muito legal ser quem você é. Eu amo ser negra, as mulheres negras amam ser negras e a gente tem que amar muito ser negra porque a gente odiou a vida inteira. E eu demorei quase vinte anos pra poder amar quem eu sou. Vinte anos

<sup>39</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4qtUER5YPko> Acesso em: 21/08/2021

<sup>40</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=R6uTcFGzGK8> Acesso em: 29/08/2021

<sup>41</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jqDPWiy6tsM> Acesso em: 29/08/2021

<sup>42</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=w2C9hk06YeY> Acesso em: 29/08/2021

<sup>43</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kQ2Fsrv-0hs&t=6s> Acesso em: 02/09/2021

de uma vida me odiando. Da mesma forma que essas questões me construíram como mulher, elas também possam ser armas para construir a identidade de outras mulheres. (Nátyaly Neri, “*Autoestima, identidade e feminismo negro.*”<sup>44</sup>)

Eu adquiri conhecimento e automaticamente abri meus olhos para o mundo porque eu me conectei a outras mulheres muito parecidas comigo. Eu estudei mulheres que falavam sobre mim, sobre a minha mãe, sobre a minha tia, sobre a minha avó, sobre as minhas primas. Eu abri meus olhos. Eu não abri meus olhos só para os problemas. Eu não vi só como a sociedade era ruim comigo, me fazia sentir mal e dizia que eu era incapaz. Eu abri os olhos e vi que eu tinha companheiras, que tinha pessoas que viviam exatamente a mesma coisa que eu. Quando eu abri meus olhos eu vi cores, eu libertei minhas cores. (Nátyaly Neri, “*Como aprendi a me amar.*”<sup>45</sup>)

A existência do meu corpo e o fato de eu permanecer com ele em determinados espaços ou fazendo determinadas coisas é resistência. É um corpo que grita, é um corpo que afronta. É um corpo de existência engajada. [...] Mas é sempre importante a gente dâ um passo atrás e começar a pensar os nossos corpos como eles deveriam ser pensados desde o primeiro momento. Como nossos! [...] então eu defini que meu corpo é negro, que meu corpo é político, que o meu corpo é laico, que meu corpo é história que está contido na cor da minha pele, na mistura dos meus traços, a história de miscigenação e construção do Brasil. (Nátyaly Neri, “*Sobre corpo.*”<sup>46</sup>)

[...] falar sobre estética, sobre autoestima negra é interferir justamente nessa imagem que nós temos de nós muito, obviamente, influenciada pela construção racista do que é ser negro que interfere diretamente no imaginário coletivo sobre o que é ser negro. E automaticamente interferem na construção dessas identidades coletivas que novamente vão interferir na construção das suas identidades individuais. (Nátyaly Neri, “*A importância da estética e autoestima negra: Geração tombamento é política?*”<sup>47</sup>)

[...] Eu senti que pela primeira vez na vida eu não tava tentando ser alguém, eu tava sendo eu mesma. E as pessoas estavam me valorizando, me reconhecendo. (Nátyaly Neri, “*Empoderamento estético e consciência racial.*”<sup>48</sup>)

Quem disse pra você que cabelo cacheado estava fadado ao alisamento e era um cabelo ruim e que te deixava desarrumada mentiu pra você. Então, esse mesmo cabelo cacheado, essa mesma boca grande, essa mesma orelha estranha são todos motivos de orgulho pra mim hoje. Eu espero de todo o meu coração que se você tiver algo “estranho” em você como eu tenho a minha orelha, você também tenha orgulho disso. (Rayza Nicácio, “*Cabelo ruim, boca grande e orelha estranha.*”<sup>49</sup>)

Depois que eu assumi o meu cabelo eu passei a ter uma nova forma de olhar a vida e as outras pessoas. Passei a ter ainda mais coragem de questionar aquelas “verdades absolutas” vendidas pra mim durante toda a minha vida de que eu precisava me enquadrar e ter o cabelo liso pra poder ser aceita. . (Rayza Nicácio, “*Quando me reconheci como negra.*”<sup>50</sup>)

A gente tem que celebrar os nossos cachos, a gente tem que libertar nossos cachos, ver o nosso cabelo cacheado e crespo como forma de expressão. Meu cabelo faz parte de mim, nasceu assim na minha cabeça, mas ele também é uma forma de eu me impor e dizer que eu acredito em mim independente do que me foi vendido e imposto. (Rayza Nicácio, “*Chega de padrões! Faça diferença na vida de alguém.*”<sup>51</sup>)

<sup>44</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BoXsNfC1WMw> Acesso em: 05/05/2021

<sup>45</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XYDAMHHWwEU> Acesso em: 01/07/2021

<sup>46</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c8qbJZlspPs> Acesso em: 12/07/2021

<sup>47</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg> Acesso em: 29/07/2021

<sup>48</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iy1niabC1eQ> Acesso em: 02/08/2021

<sup>49</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OZTIRVKlhvE> Acesso em: 14/10/2021

<sup>50</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=zZGxGWUz0vY> Acesso em: 15/10/2021

<sup>51</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3uKRItCq52A> Acesso em: 15/10/2021

Ou seja, fica nítida a percepção dessas influenciadoras de que retornar a usar o cabelo crespo e cacheado se caracterizou como um ato de contestação e resistência aos padrões embranquecedores estabelecidos. Como mencionado, essa percepção nem sempre tem o objetivo de ser politizada, porém a politização no discurso acaba sendo uma consequência dentro do processo de afirmação dos traços negros. Isso é reforçado por Gomes (2006) quando afirma que o racismo faz com que pessoas negras politizem a beleza negra e a valorização do cabelo crespo e cacheado.

Ainda assim, a luta por reconhecimento demandada por crespas e cacheadas ainda enfrenta barreiras em âmbitos como o mercado de trabalho por exemplo. Nem sempre a aparência dos cabelos ainda é bem recebida em ambientes de trabalho ou entrevistas de emprego, persistindo ainda a noção de que “boa aparência” citada por Gonzalez (2020) ainda que de forma seja feita de forma mais velada. As youtubers Nátnaly Neri e Amanda Mendes fazem menções a esse respeito.

As pessoas às vezes justificam o posicionamento delas como “ah, mas ela precisa se adequar as normas da empresa” ou “mas ela não me passa higiene” “ah, mas esse cabelo é grande demais”. A pessoa se sente no direito de dizer o quanto o seu cabelo está grande demais ou não, a pessoa se sente no direito de dizer se você tem higiene ou não, e tudo isso por conta do seu cabelo, da textura que ele tem, do volume que ele tem. Do formato que ele tem. Não interessa se meu cabelo é diferente, se meu cabelo é crespo, se meu cabelo tá longe de ser o cabelo do padrão. O que conta é o que sei fazer como profissional. É a minha capacidade de fazer o que a empresa precisa. (Amanda Mendes, “*Cabelo crespo no mercado de trabalho.*”<sup>52</sup>)

Eu recebo muita gente dizendo que tá com tranças ou com Black e precisa trabalhar, precisa estar num serviço. E de repente, não sabe o que fazer. De repente se sente mal ou se sente triste por perceber que o cabelo se tornou um empecilho e gente, é muito simples a resposta pra todas essas questões. Se a forma como você se enxerga, se o orgulho que você tem do cabelo, seus processos de deixar o cabelo natural e continuar seguindo a vida se colocarem na frente da sua necessidade de comer, você come, você continua no seu emprego. Porque é muito mais frutífera ou importante pra qualquer movimento mulheres que estejam comendo, que estejam tendo condições de estudar, de viver, de se locomover pela cidade, pela vida. [...] Às vezes a gente leva esse discurso do amor próprio e da auto-aceitação pra níveis muito intensos e imediatistas. A gente tem que entender que cada uma tem o seu processo. Então, a gente tem que se atentar muito a como a gente vive os nossos processos e entender que os nossos tempos são diferentes de todos os outros tempos. (Nátnaly Neri, “*Transições mentais e capilares.*”<sup>53</sup>)

A fala de Amanda reflete sua indignação sobre a existência ainda de padrões estéticos no mercado de trabalho aos quais mulheres negras estão sujeitas no que se refere à aparência, demonstra que crespas e cacheadas ainda são julgadas por este viés em detrimento as suas qualidades profissionais. Por sua vez, a fala de Nátnaly manifesta nitidamente sobre as limitações que crespas e cacheadas podem enfrentar mesmo após assumirem seus cabelos naturais. Nesta passagem, Nátnaly evidencia que para muitas pessoas, a afirmação da identidade

<sup>52</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=C-gi\\_H3PpPQ](https://www.youtube.com/watch?v=C-gi_H3PpPQ) Acesso em: 29/08/2021

<sup>53</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oE8ZKwMoDUY> Acesso em: 05/05/2021

negra ainda é restringida e, por conta disso, muitas vezes necessitam se “adaptar” ao padrão estético imposto no ambiente de trabalho. A influenciadora expõe, a partir desse trecho, que por mais ampla que seja a visibilidade que crespas e cacheadas passaram a ter atualmente, a persistente estrutura racista vigente no país faz com que o ato de assumir o cabelo crespo e cacheado não seja igual para todos.

#### 4.3 Compreensão do Racismo

Como pode ser percebido no resgate da relação que as influenciadoras possuíram com seus cabelos e a transição capilar, os relatos dispõem de vários conteúdos em comum principalmente no que se refere à rejeição que possuíram dos cabelos. Esta rejeição relacionava-se, principalmente, a percepções negativas do aspecto crespo e cacheado do seu cabelo propagada por pessoas próximas, e por outros âmbitos mais amplos como os meios de comunicação, por exemplo. Como buscamos demonstrar no capítulo 1, as origens da vinculação negativa aos traços negros têm raízes profundas e é uma das faces da reprodução do racismo estrutural.

Situações discriminatórias e de desvalorização que as influenciadoras vivenciaram perpassam suas falas, que apontam como práticas preconceituosas são recorrentes na persistência de um discurso racista no contexto brasileiro e, portanto, fruto do racismo estrutural, assim como do entendimento de que o preconceito é algo exercido individualmente. Ainda se faz presente, em alguns relatos, a compreensão de algumas influenciadoras de situações nas quais claramente passaram por constrangimentos por conta de suas aparências, mas que não denominaram como uma circunstância discriminatória por entenderem que isso é uma atribuição mais séria do que a situação que vivenciada. Ou seja, as atribuições dadas ao racismo nos vídeos analisados possuem diferentes entendimentos.

Então vamos tomar cuidado com o que a gente fala, vamos tomar cuidado com a forma como a gente olha para os outros. Afinal de contas, todos nós somos seres humanos, todos merecemos respeito. Se cada um começar a respeitar o próximo, mas assim na sua plena sinceridade, o preconceito vai diminuir e as coisas com certeza vão melhorar. [...] No nosso mundo, não tem como impor padrões de beleza porque cada ser humano é diferente, cada um na sua singularidade possui sim uma beleza especial. Só depende da gente pra que isso tudo se resolva, pra que isso um dia acabe ou pelo menos diminua. Tenha respeito pelo teu próximo, respeite a si mesmo e acredite em você. (Amanda Mendes, “**PRENDA ESSE CABELO.**”<sup>54</sup>)

Algumas pessoas propagam constantemente o preconceito com o cabelo crespo. Você não fez nada pra ela, mas ela insiste em chegar dizendo que o seu cabelo é ruim. Que ele não é bonito. E aí a gente tenta entender o porquê e aí ela fala: “ele é crespo demais, ele não faz cacheo. Ele tem volume demais. Faz alguma coisa pra abaixar esse volume.” Eu recebo muitos comentários negativos aqui na internet e eu analiso esses comentários e eu percebo o quão vazio é aquilo. Por que a pessoa perde o tempo dela

---

<sup>54</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=4qtUER5YPko> Acesso em: 21/08/2021

pra trazer algo que não vai agregar nada nem pra mim nem pra ela? (Amanda Mendes, “*Seu cabelo é ruim sim.*”<sup>55</sup>)

Às vezes é muito difícil prosseguir na transição porque vem à tona lembranças, sentimentos e situações que a gente viveu no passado. E eu comprehendo muito quem passa por isso. Tem muita menina que sofreu muito preconceito por causa do cabelo, às vezes até dentro de casa. Que ouviu muito que seu cabelo era ruim, que o cabelo não era bonito, que o único jeito era alisar mesmo. Enfim, muitas coisas fortes mesmo que acabam destruindo a autoestima das meninas e das mulheres. E se você que está assistindo esse vídeo já passou por isso, eu te convido a recomeçar agora uma nova história. Rasga e joga fora da sua história tudo isso que ainda te magoa, que te impede de seguir em frente e ser feliz. (Ana Lídia Lopes, “*10 coisas que te impedem de terminar sua transição capilar.*”<sup>56</sup>)

Eu cresci na sombra do estereótipo da mulata. [...] A existência do meu corpo e o fato de eu permanecer com ele em determinados espaços ou fazendo determinadas coisas é resistência. É um corpo que grita, é um corpo que afronta. É um corpo de existência engajada. [...] Mas é sempre importante a gente dizer um passo atrás e começar a pensar os nossos corpos como eles deveriam ser pensados desde o primeiro momento. Como nossos! (Náty Neri, “*Sobre corpo.*”<sup>57</sup>)

Tem gente ruim que é racista e tem gente que parece legal e que também é racista. Porque a gente sempre fala, racismo é estrutural, racismo está na base da nossa sociedade. Ele se forma e se desenvolve sem que a gente necessariamente perceba que ele está se formando, se desenvolvendo. E essa confusão toda acontece porque a gente tem o costume de achar que racismo é só você chamar um preto de macaco ou você jogar uma banana, ou você retirar uma pessoa negra e algum estabelecimento porque você não gosta de pessoas negras. Obviamente racismo é isso, inquestionavelmente é isso. Mas racismo também é muito menos do que isso. É qualquer ação que demonstre ódio, desprezo, inferiorização de minorias racializadas no Brasil. (Náty Neri, “*Racismo Velado e outros crimes.*”<sup>58</sup>)

Porque o racismo é isso. É a hierarquização e a inferiorização de traços, de fenótipos. “Quando você nasce assim, você é inferior. Quando você nasce assado, você é superior.” Racismo é sobre isso. Não necessariamente é sobre dividir, é sobre dizer quem é negro quem é branco. Isso é racialização. Racismo é uma violência que perpassa os corpos. (Náty Neri, “*A importância da estética e autoestima negra: Geração tombamento é política?*”<sup>59</sup>)

Claro que me incomoda o preconceito, me incomoda muito. Comigo, eu já falei pra vocês, é pouco isso acontecer hoje em dia, mas o preconceito me incomoda muito e eu acho que isso só vai mudar quando o público mudar. A gente fala muito da mídia. Da mídia, da mídia, mas acho que a partir do momento que eu me aceitei e vocês estão se aceitando, eles vão ter que olhar pra gente de uma forma diferente. (Rayza Nicácio, “*RayResponde: Cabelo, relaxamento, preconceito e mais...*”<sup>60</sup>)

Não existe cabelo ruim! Você que tem o cabelo afro, cacheado, ondulado, que faz um cachinho não aceite esse estereótipo. Não aceite, não existe cabelo ruim. Mas também não saia por aí achando que todo mundo que fala cabelo ruim é preconceituoso. “Não Ray, que absurdo! “Se falarem que o meu cabelo é ruim, essa pessoa é preconceituosa” não, não é sabia? Sabia que você aprendeu a falar assim? [...] Tem gente que é preconceituosa que está falando num sentido pejorativo e tem gente que fala porque acha que é uma variação de nome, mas não é. Não aceite ser chamada de cabelo ruim, não chame ninguém de cabelo ruim, por favor, pro seu bem. Não chame,

<sup>55</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jqDPWiy6tsM> Acesso em: 29/08/2021

<sup>56</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ekIT7uFFZ1A> Acesso em: 30/09/2021

<sup>57</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=c8qbJZlspPs> Acesso em: 12/07/2021

<sup>58</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ty9Y44GVJvs> Acesso em: 01/07/2021

<sup>59</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg> Acesso em: 29/07/2021

<sup>60</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=cKDBxuD761I> Acesso em: 03/03/2021

nem se você for preconceituoso nem se você não for. Não chame, não existe cabelo ruim. Todos os cabelos são bons. O meu cabelo é bom, ruim é ser preconceituoso. (Rayza Nicácio, “*Não existe cabelo ruim por Rayza Nicácio.*”<sup>61</sup>)

Quando eu era criança, apesar de não ter sofrido diretamente preconceito, brincadeirinhas que não são brincadeiras principalmente quando você fala de uma criança, em relação ao meu cabelo aconteceram. Pessoas a minha volta que eu amo e amava aqui falavam que se me jogasse da varanda não teria problema porque o meu cabelo ele seguraria. Gente, isso não é pra ter graça. (Rayza Nicácio, “*Infância cacheada por Rayza Nicácio.*”<sup>62</sup>)

Nada que eu posso chamar de discriminação gente. Assim, não teve um episódio que eu possa falar assim: “nossa, tal dia voltei pra casa chorando porque fulano falou do meu cabelo”. Não que eu lembre, eu perguntei pra minha mãe também e não. Discriminação não. Sempre tive, sempre teve apelidinhos pejorativos dentro de casa mesmo, não vou mentir pra vocês. Apesar de todo mundo, a maioria ter cabelo crespo, cacheado, afro, até hoje eu brigo com o pessoal em casa. (Rayza Nicácio, “*TAG: Assumindo o cabelo crespo por Rayza Nicácio.*”<sup>63</sup>)

Por toda a minha história, por tudo o que eu enfrentei, pelo meu tipo de cabelo, pelos meus pais também, por ter sim sofrido racismo às vezes dentro da minha própria casa, eu sou uma pessoa negra. (Rayza Nicácio, “*Sobre ser negra.*”<sup>64</sup>)

Eu odiei o meu cabelo porque a minha mãe odiou o dela primeiro. Só que a minha mãe só odiou o cabelo dela porque a minha avó já não tinha gostado do próprio cabelo antes. O que eu tô querendo dizer é que não foi culpa da minha mãe, não foi culpa da minha avó, mas foi culpa de uma consciência construída até aquela época que vem até hoje. Mas, consciência na qual eu e vocês que estão aqui no canal desde 2012 já estamos lutando há algum tempo. [...] E transcendendo a parte estética e física da coisa, o cabelo, o corpo, a pele, todos nós desde o mendigo que você encontra na rua até o presidente, temos a capacidade e eu diria a responsabilidade sobre a nossa própria vida de atingir o nosso pleno potencial como ser humano. E isso, essa capacidade que está intrínseca, que é sobre dentro de você nos torna pessoas iguais umas as outras. (Rayza Nicácio, “*A menina do cabelo cacheado.*”<sup>65</sup>)

Discriminação... acho que é uma palavra meio forte. Acredito que discriminação não. Mas sempre têm aqueles apelidinhos, aqueles comentários desnecessários, na escola e dos familiares mesmo. Mas nada demais. (Steffany Borges, “*Transição capilar, discriminação, críticas...*”<sup>66</sup>)

A verdade é que as pessoas já nascem com essa falta de amor. Falta de amor pelas pessoas e das pessoas por ela. Então, é uma pessoa que não recebe amor e que não saber dar amor. E aí tá o ponto porque pra você se amar, pra você se aceitar, você precisa primeiramente se amar. Você precisa aprender a olhar pras pessoas e saber que infelizmente existe essa ausência, essa dificuldade em amar e que consequentemente levam elas a te apontarem, a te criticarem, a falarem coisas porque elas não têm uma base ali. [...] Infelizmente, o fato das pessoas te criticarem nas ruas é nítido que elas não sabem amar. Porque quando você ama as pessoas, quando você tem amor no seu coração, você não critica, você não aponta. Você tem a sua opinião e você não expressa dessa forma. Você não expõe de forma a atacar, a maltratar as pessoas. No meu caso, quando eu vivi esse desamor lá fora e que via as pessoas me criticarem e isso me doía e isso me machucava ao ponto de eu querer seguir o padrão que aquelas pessoas seguiam. Seguir um padrão de desamor na verdade. De ser uma pessoa que julga que critica e se torna igual a aquelas. Quando eu estava nessa fase confusa de

<sup>61</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ooPASteDsXo&t=608s> Acesso em: 11/10/2021

<sup>62</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ba77DbrA7Ew> Acesso em: 12/10/2021

<sup>63</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=FG5WS09zNAY> Acesso em: 12/10/2021

<sup>64</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=EFrwQ5exHvc> Acesso em: 15/10/2021

<sup>65</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=CQOvR1nKqGg> Acesso em: 19/10/2021

<sup>66</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Oy3bali1i2Q> Acesso em: 14/09/2021

entender quem eu era e o que eu tava me tornando porque as pessoas queriam me moldar, foi que eu dei de cara com a aceitação. Eu falei: pera aí! Primeiro eu tenho que ver quem eu realmente sou, preciso me conhecer. Passei a perceber que a liberdade está entrelaçada com a aceitação, que a aceitação é um abraço na liberdade. Porque quando você se aceita você se torna livre. Você entende que você não depende da opinião das pessoas pra ser quem realmente é. [...] Na minha época (*de escola*) as pessoas criticavam muito os meus lábios por serem muito grandes. E aí eu me doía por aquilo, eu revidava a crítica. Então eles sabiam esse era um ponto fraco meu e eles sempre usavam aquilo contra mim. Então, quando você enxerga um defeito em você, quando você coloca isso realmente como algo absurdo, como se isso de fato te entrustecesse, as pessoas sempre vão querer te cutucar naquilo, sabe? Vão sempre te ferir naquilo. Então, você precisa de fato ser restaurado e transformado nesse ponto, nessa questão pra que isso não te magoe. Pra que quando a pessoa vier te criticar, você não vai se sentir ofendido. Então, ela não vai ter o porquê continuar te criticando, ela não vai ter o porquê de te encurralar, de te magoar sabendo que isso não vai te ferir. (Steffany Borges, “*Autoaceitação! Não se sinta menos que os outros.*”<sup>67</sup>)

É notória nestas passagens a multiplicidade de sentidos que as influenciadoras atribuem a respeito de práticas discriminatórias. A youtuber Amanda Mendes ressalta junto a seus interlocutores a importância do respeito ao próximo, destacando que não se deve falar do cabelo de outra pessoa de forma pejorativa. Já na passagem seguinte, reflete sua indignação ao relatar comentários discriminatórios que recebeu em suas redes sociais, lamentando o fato e se perguntando o que leva uma pessoa a destilar ódio gratuitamente sobre sua aparência. Dessa forma, vincula o preconceito à falta de respeito.

Já a influenciadora Ana Lídia expressa junto ao seu público que uma forma de lidar com o preconceito é tentar superar situações discriminatórias. Propaga um discurso mais apegado a um estilo motivacional, voltado para a autoajuda, de elevação da autoestima. De superação de momentos na qual se foi alvo de preconceito por conta do cabelo para assim passar a se sentir bem consigo própria.

Por outro lado, a youtuber Náty Neri reforça sua percepção sobre o quanto o preconceito vivido é resultado de uma estrutura social racista. Isso se destaca quando a influenciadora reflete sobre os estereótipos vinculados à imagem da mulher negra, assim como quando ressalta que o racismo não se resume a xingamentos explícitos, mas sim é baseado em práticas que historicamente desvalorizam e inferiorizam pessoas negras.

No caso de Rayza Nicácio, pode-se verificar algumas nuances em seu discurso. Primeiramente, atribui a autoaceitação como mecanismo de transformação voltada para a diminuição do preconceito. Ou seja, na sua visão, quanto mais às pessoas externarem o orgulho de seus traços, menor será o preconceito vindo de outras pessoas. Além disso, comprehende que o preconceito é fruto da ignorância, da falta de informação resultado da reprodução de discursos que as pessoas aprenderam como “certos”, destacando que essa reprodução atravessa

<sup>67</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=f5tJXs-niQQ> Acesso em: 17/09/2021

gerações. Inicialmente, não identifica certas situações de constrangimento que passou como práticas discriminatórias, percepção que em outro vídeo fica notório que se modificou, expressando que passou se enxergar como vítima de preconceito nestas situações. Compreendendo que as práticas de rejeição aos traços negros são resultado de uma estrutura que propaga um discurso discriminatório, assume uma postura de defesa a ideia de que todos são iguais.

Por fim, Steffany Borges também expressa a percepção de que as situações de constrangimento e bullying que passou não chegaram a se configurar como discriminação, em sua visão. Atribui as práticas preconceituosas à falta de amor entre as pessoas e reforça a ideia de que não se deve internalizar críticas negativas sobre aparência.

Essas diferentes percepções sobre o racismo se aproximam do entendimento de Gomes (2006) quando denomina o racismo no Brasil como ambíguo, pautado no conflito sobre aceitação e rejeição dos traços negros. A não identificação de situações discriminatórias vivenciadas por algumas influenciadoras é um dos pontos que se destaca nesse contexto de ambiguidade já que expõe as diferentes formas como o racismo se apresenta para cada uma delas. Gomes (2002) reforça essa percepção ao afirmar que a atitude de cada pessoa negra diante de práticas discriminatórias é bastante particular e está fortemente ligada à como os indivíduos constroem sua identidade, assim como por meio das possibilidades de socialização e informação.

Influenciadoras como Amanda e Nátaly fazem menções um pouco mais incisivas na identificação de situações discriminatórias em detrimento as outras três influenciadoras. Não por acaso são as influenciadoras que possuem os cabelos mais crespos, o que nos faz retomar a menção de Gomes (2006) sobre o quanto mais crespo o cabelo for, maiores são as chances de esse cabelo sofrer alguma vinculação negativa. Algo que demonstra a presença de uma espécie de hierarquização dos tipos de cabelos crespos e cacheados, mesmo num contexto de valorização do cabelo natural. A forma como as influenciadoras lidam com essa questão é um aspecto relevante no discurso que promovem junto ao seu público.

#### **4.4 Transição Capilar e a feminilidade**

Sendo uma das principais fases a transição capilar, o momento do *big chop* (grande corte) é elemento de constantes menções nos vídeos das influenciadoras analisadas sobre o tema. Além dos relatos sobre suas respectivas experiências, sentimentos vividos nesse momento crucial do processo de transição, as influenciadoras também discorrem junto a suas interlocutoras como estas podem lidar com possíveis dificuldades que esse momento pode apresentar. Dificuldades estas que estão ligadas ao fato de lidarem com sua aparência de

cabelos mais curtos, resultantes de padrões estéticos que historicamente têm vinculado a identificação de gênero e o ideal de feminilidade com o tamanho dos cabelos (Butler, 2017).

Isso se reflete nas relações sociais com pessoas próximas, incluso as relações afetivas como aponta Gomes (2006) e hooks (2005) fazendo com que o tema da transição capilar não se restrinja apenas à questão racial, sendo intersetccionado com o gênero. Assim, é possível identificar mais um elemento que põe a figura da mulher negra vulnerável às opressões de raça e gênero, como aponta Gonzalez (2020). Dessa forma, as influenciadoras explanam as dimensões de impacto que essa fase da transição capilar ocorreu em suas vivências.

Entrar na transição capilar não é uma decisão fácil porque ela envolve, engloba várias questões da sua vida pessoal e da sua vida social, o seu relacionamento com as pessoas. A primeira insegurança que veio na minha mente quando eu decidi entrar em transição capilar foi: eu não vou estar bonita nesse tempo, nesse processo. Eu ficava muito preocupada com a minha aparência porque a gente tá ali, com as duas texturas, raiz crespa, restante do cabelo liso e aí fica um negócio esquisito. A gente não sabe o que fazer. [...] Tomar a decisão de entrar na transição, independente dessas questões, é uma decisão difícil. Você precisa trabalhar o seu psicológico pra você entender que está tudo bem, que você não está “perfeita e bonita” o tempo todo. Porque gente, beleza é algo muito relativo. A gente tá acostumado com aquela beleza padronizada, até então você estava acostumada com o cabelo liso, com o cabelo sem volume. Logo, o teu cabelo natural, seja ele crespo, cacheado ou ondulado ele tem mais volume que o anterior, ele tem uma textura diferente do anterior. Então, são coisas, são características que batem totalmente contra ao que você achava legal, ao que você usava. (Amanda Mendes, “*O que é transição capilar???*”<sup>68</sup>)

Uma coisa que me frustrava bastante, que me deixava muito preocupada na época que eu tava passando pela transição capilar, era a preocupação do tamanho do meu cabelo. Quanto tempo vai levar pro meu cabelo crescer até determinado tamanho pra então eu cortar ele, porque quando chegar em determinado tamanho aí eu tenho coragem de cortar. Na época, eu era muito apegada mesmo a essa questão de “ah, tem que ter o cabelo maiorzinho, não quero um cabelo muito curto” e hoje eu já penso diferente. Eu acredito que você deva decidir o tempo que vai ficar em transição de acordo com o seu coração mesmo, sabe? [...] Nós mulheres que crescemos com o padrão aí né, implantando na sociedade que sempre dizia que a feminilidade da mulher estava no tamanho do cabelo. Meu deus, como eu me frustrei com essa coisa, com essa questão. Porque logo eu, Amanda que sempre fez química durante a minha adolescência achava que a minha feminilidade, que a minha “sedução” estava no tamanho do meu cabelo. Então eu ficava frustrada querendo um cabelo longo. [...] A gente que cresceu nessa sociedade que insistiu, e ainda insiste né? A gente tá quebrando os padrões aos poucos, mas ainda assim é muito forte essa questão de que o cabelo longo é um cabelo mais bonito, é um cabelo que te deixa mais “mulher”. Gente, não caiam nessa. Não [é] o seu cabelo que te torna mais mulher, que te deixa mais feminina. Você pode ser o que você quiser e hoje a gente tá aqui também pra levantar essas questões né? O que é ser feminina? Eu posso fugir totalmente dos padrões e ser feminina sim, com certeza. (Amanda Mendes, “*Quanto tempo ficar em transição capilar?*”<sup>69</sup>)

No dia que eu cortei, na hora que eu terminei, vi que ainda tinha ficado algumas pontas lisas daí no outro dia de manhã eu tirei o restinho ainda que ficou. E como o meu cabelo tava molhado, na hora que eu olhei no espelho me assustei um pouco porque eu pensei: “caraca, tá muito curto”. Porque eu não tava acostumada, ele ficava grandinho. Ele ficou curtinho e olhando no espelho falei “gente, tá muito curto”. Eu nunca tinha tido um cabelo tão curto e eu apanhei um pouco na hora de arrumar. Aí

<sup>68</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=npPVvbSlep0> Acesso em: 02/09/2021

<sup>69</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=CgesRK2L1\\_E](https://www.youtube.com/watch?v=CgesRK2L1_E) Acesso em: 04/09/2021

fiquei um pouco preocupada, sabe? Eu fui conversar com a minha mãe e aí ela me falou um monte de coisa, falou: “não, fica tranquila”. Aí ela me tranquilizou muito, sabe? E falou que agora que eu tinha tirado toda a parte alisada do meu cabelo tava livre. Agora é só deixar crescer. [...] É normal rolar um pouco de insegurança só que você tem que se manter firme gente. [...] Aprendi a desapegar de coisas que se renovam tipo cabelo, unha, coisas materiais e fui tentando me apegar mais as pessoas, tentando abrir mais o meu coração, não me privar de sentir as coisas. Eu amadureci muito e passei a ser mais independente. A gente passa a se sentir mais poderosa como se a gente tivesse realmente poderes. (Ana Lídia Lopes, **“I ano de Big chop: o que mudou na minha vida!”<sup>70</sup>**)

Muita menina desiste da transição porque tem em mente aquele padrão de que mulher só é bonita se tiver o cabelo comprido. Muitas vezes eu já ouvi a frase: “ah, mas nenhum homem vai me querer se eu tiver o cabelo curto” e não tem nada lindo, mais charmoso do que uma mulher segura de si, que sabe o valor que tem. Independentemente se o cabelo tá curto, comprido, se tá médio, enfim. (Ana Lídia Lopes, **“10 coisas que te impedem de terminar sua transição capilar.”<sup>71</sup>**)

Uma coisa que eu aprendi, desde que eu comecei a minha transição, é que o importante é a gente estar se sentindo bem, é a gente estar se sentindo feliz. O tamanho do seu cabelo não vai denominar o tamanho da sua beleza, entendeu? Porque é algo que vai de dentro pra fora. [...] Eu nunca imaginei que um dia eu teria o cabelo curto. Eu sempre me via com o cabelo grande, eu tinha medo de cortar e isso é normal. Não é uma questão de estilo, sabe? Eu acho que o seu estilo ele vem muito mais das coisas que você gosta, muito mais das coisas que você faz, muito mais uma coisa que tá aqui dentro do que do tamanho do seu cabelo. O seu estilo não é só o tamanho do seu cabelo, é um conjunto de tudo isso. (Ana Lídia Lopes, **“Um papo sobre cabelo curto crespo/cacheado.”<sup>72</sup>**)

Passei a minha transição inteira com dreads. Eu passei a minha transição de dreads porque eu não queria cortar o meu cabelo porque pra mim era inadmissível, ligado ao ideal de feminilidade, de eu cortar o cabelo e parecer um “moleque”. (Nátyaly Neri, **“Autoestima, identidade e feminismo negro.”<sup>73</sup>**)

Então, o que tava na raiz do meu desejo por dreads longos desde o primeiro momento em que eu decidir dendar meu cabelo? Eu pensava: a oportunidade de fazer penteados. Eu quero fazer penteados no meu cabelo, eu quero coques, eu quero prender rabo de cavalo. E no fim passou nove meses e eu não fiz penteado nenhum, vale dizer isso. Mas entrando um pouco mais, o que havia ali? Havia também um desejo por esse cabelo batendo nas costas, por um cabelo longo. Símbolo de feminilidade, conforto, enfim. [...] Desde o começo, desde quando eu comecei a ter esses desejos por dendar o cabelo e aí eu escolhi por que de um jeito e não de outro? O que significa um e não o outro? E aí eu entendi que tudo isso na verdade era um grande receio, um grande afastamento, um grande não desejo de não me ver com o cabelo curto e sem volume. Qual é o problema tão grande que eu tenho com o meu cabelo curto? Qual o problema tão grande de um cabelo batendo na altura do pescoço? [...] Eu tava desacostumada com meu cabelo daquela forma porque me trazia um sentimento de fragilidade e vulnerabilidade. E aí novamente, quando eu pensei nos meus dreads curtos, eu refleti e eu pensei, eu vou me sentir frágil e vou me sentir vulnerável. E por quê? Eu já tive cabelo curto. Quando meu cabelo estava com nuvem<sup>74</sup> ele estava, teoricamente, bastante curto. Não tinha um cabelo batendo na nuca. Mas ele era construído de outra forma. [...] Aí eu comecei a perceber cada vez mais que eu tinha um problema muito grande com essa minha imagem “natural”. Então, apesar de eu ter parado de alisar meu cabelo lá em 2009, apesar de eu ter conseguido ter um Black longo, crespo, maravilhoso, que eu amava muito, de alguma forma eu ainda não tinha transcionado,

<sup>70</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OlgJNK4xIj4&t=3s> Acesso em: 23/09/2021

<sup>71</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ekIT7uFFZ1A> Acesso em: 30/09/2021

<sup>72</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=2p91HJJGzfM> Acesso em: 30/09/2021

<sup>73</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BoXsNfC1WMw> Acesso em: 05/05/2021

<sup>74</sup> Expressão utilizada pela influenciadora para indicar um cabelo crespo, sem cachos definidos e volumosos.

ainda precisava fazer outras transições. A minha transição capilar, ela não acabou quando eu parei de alisar o meu cabelo e aceitei o meu cabelo natural. Mas aí fui percebendo que ela ainda continuava em uma série de relações que eu tinha com a minha imagem quando eu relacionava ao meu cabelo. O cabelo curto pra mim nesse formato ele me remete aos meus momentos de maior fragilidade na vida. Porque era exatamente este mesmo tamanho de cabelo e este mesmo tipo de corte bem desfiado porque meu cabelo quebrava muito, que eu usava na adolescência antes de alisar o cabelo. Eu tinha na minha memória que essa era a fase mais frágil e mais intensa em relação a dores e baixa autoestima da minha vida. E eu tinha um grande medo talvez, até inconsciente, de encarar essa pessoa de novo, de me deparar com essa garota. [...] Então, ter um cabelo que não passa do ombro nessa altura pra mim é torturante. [...] E eu tinha consciência disso desde o primeiro momento. Eu tive consciência não só disso, mas de como a feminilidade ainda é uma questão muito grande na minha vida. Uma questão que realmente me aprisiona. O não ter o cabelo longo diz muito sobre a forma como eu me vejo, como eu me sinto. Justamente porque eu cresci numa sociedade que me disse a vida inteira que cabelo longo é o que era bonito. [...] E por que eu tô falando disso principalmente? Porque a gente fala muito sobre o cabelo natural, sobre aceitação né. Sobre esse movimento de empoderamento de mulheres compreendendo o que significa ser mulher, o que significa ser mulher negra, o que significa curto, crespo, ter seu Black. (Nátyaly Neri, ***“Transições mentais e capilares.”***<sup>75</sup>)

Eu entendo que os dois dedos (*de comprimento após big chop*) é difícil. Porque não dá pra fazer nada, é um cabelo que tá super curto, meio masculino. Tem meninas que tem um pouco de receio de sair na rua ou usar turbante, de ter criatividade sabe? Trazer a feminilidade pra aquele corte. Precisa cortar o seu cabelo e curtir essas etapas e aceitar o seu cabelo em cada uma delas. Desde os dois dedinhos até o final desse processo. (Steffany Borges, ***“Tipos de cachos, aceitação, Transição capilar...+”***<sup>76</sup>)

Você não deve se pressionar a fazer o BC. É isso mesmo! Realmente é uma decisão superdelicada, mas você não precisa fazer se você não quiser fazer. Ao contrário disso gente, vocês podem ir tirando aos pouquinhos se você não quiser chocar as pessoas e se essa for a sua preocupação. Aí você vai tirando as pontinhas a cada dois, três meses e só cortando mesmo é que você vai conseguir tirar a parte lisa do seu cabelo. (Steffany Borges, ***“Transição Capilar / 10 dicas p/ não surtar de vez!”***<sup>77</sup>)

É perceptível nas falas das influenciadoras a presença do sentimento de insegurança quando se referem ao uso do cabelo curto. A influenciadora Ana Lídia expressa que, no seu caso, aprendeu a se desapegar do comprimento do cabelo e sugere que uma boa forma de lidar com comentários negativos é assumir uma postura de afirmação, de ser uma pessoa com “atitude”, “firme”. Coloca a personalidade como mais importante do que a aparência, destacando que o tamanho do cabelo não resume o estilo de uma pessoa,

Já a influenciadora Amanda Mendes expõe em seu discurso que comprehende a sensação de insegurança gerada pela aparência de um cabelo mais curto como fruto da pressão estética sobre a aparência dita como feminina e que modificou sua percepção sobre ostentar um cabelo mais curto. A partir dessa mudança, projeta em seu discurso que o tamanho do cabelo não se caracteriza como indicativo de algum grau de feminilidade, questionando os padrões estéticos

<sup>75</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oE8ZKwMoDUY> Acesso em: 05/05/2021

<sup>76</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZM9gy4bDaHU&t=74s> Acesso em: 14/09/2021

<sup>77</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=QDHgXdG-AKo> Acesso em: 17/09/2021

socialmente estabelecidos que ainda alçam o cabelo longo ao símbolo maior da identidade feminina.

Podemos verificar certas equivalências no discurso apresentado por Amanda com a percepção manifestada por Nátnaly Neri no sentido de identificarem na hesitação em manter o cabelo curto uma questão mais estrutural do que meramente pessoal. O caso de Nátnaly vai mais além. Seu discurso expressa sua consciência de que ainda possui apego ao tamanho do seu cabelo em associação a sua feminilidade mesmo que seja ciente de que esse apego é resultado da absorção a padrões de gênero impostos. Além disso, expõe que mesmo depois da transição capilar compreendeu que necessitava passar por outras transições, como esta de libertação quanto à extensão dos fios. Este ponto abordado por Nátnaly é relevante e chama atenção por externar um sentimento de limitação mesmo após a transição capilar, demonstrando que este processo não necessariamente é um fim em si mesmo. De que às vezes é necessário se passar por outras transformações internas.

Por fim, a youtuber Steffany Borges demonstra em seu discurso a compreensão, junto a suas interlocutoras, das dificuldades que esta fase da transição capilar apresenta e procura manifestar a importância de que cada pessoa vivencia esse processo de forma diferente. Todavia, é perceptível em seu discurso a reprodução de expressões que vinculam o cabelo curto a uma ideia masculinizada, principalmente quando sugere formas de deixar a aparência “mais feminina” durante essa fase.

De fato, a ideia de identificação de gênero vinculado ao comprimento dos cabelos tem forte presença no universo da transição capilar expressado pelas influenciadoras, marcado tanto por perspectivas transformadoras como limitantes.

#### **4.5 Dimensões sobre Empoderamento**

Uma das expressões mais recorrentes nos vídeos sobre transição capilar de algumas influenciadoras aqui analisadas se refere à palavra empoderamento. As menções ao termo empoderamento feita pelas youtubers em grande parte estão relacionadas a como adjetivam os sentimentos gerados após passarem pela transição, uma espécie de autonomia e sensação de bem-estar com si própria, algo que não possuíam devido à baixa autoestima que vivenciaram anteriormente. Contudo, como já mencionado por Horochovski e Meirelles (2007) no capítulo 2, o conceito de empoderamento detém variados sentidos. Dessa forma, veremos então como é expresso o entendimento das influenciadoras sobre o conceito.

Todo mundo que entra em transição capilar, de certa forma, está sim se empoderando. Porque você deixa todos os padrões estabelecidos pela mídia pra trás. É quando você pensa assim, “eu não tenho aquele cabelo que o comercial mostra, eu não me enquadro”. Tipo assim, “eu não tenho o corpo que a mídia diz ser o ideal”, “eu não me visto da maneira que eles desejam que eu me vista”. Então quando você decide deixar

todos esses padrões pra trás e assumir quem você é e fazer realmente aquilo que você quer fazer, você se empodera.[...] Vamo[s] ter a consciência assim, de que você se empodera ao você colocar uma trança. De que você se empodera ao assumir o seu Black. De que você mostra pra sociedade que você não tá dando a mínima pros padrões que ela estabeleceu porque nós somos o que somos. [...] Pra vocês terem a noção do quanto as tranças são importantes, de que elas não são só aparência, foi através delas que eu tive a curiosidade de ir atrás da minha ancestralidade, de eu entender um pouco mais sobre os meus antepassados, de eu entender o que eles sofreram e o que eles sofreram por usar as tranças também. Então, é importante se empoderar, ao se empoderar você não busca só mudar e aceitar o que você é no seu exterior. Você vai atrás das suas histórias, de tudo o que seus antepassados passaram e de como isso tem um grande impacto na sua vida hoje. (Amanda Mendes, **“Empoderamento / Por Amanda Mendes e Carolina Mendes.”**<sup>78</sup>)

Pra eu passar pela minha fase de transição capilar não foi só o apoio da minha família que me ajudou. Foi muito do canal também porque eu já tava dividindo tudo com vocês, já falava como que era. As críticas que eu recebia e essa troca de eu falar com você e você falar comigo é incrível. Eu consigo te empoderar e você também consegue me empoderar com uma simples frase de ajuda, com uma simples frase de apoio. (Amanda Mendes, **“Falta de apoio na transição capilar.”**<sup>79</sup>)

Se aceitar é amar cada detalhe de você, é amar cada característica que você possui e entender que ela é única e que não tem problema nenhum em ser diferente do outro. E que você não precisa se enquadrar em um padrão e que você não precisa querer mudar porque outras pessoas estão dizendo que você tem que mudar. Faça aquilo que te faz bem e tenha por perto pessoas que também te façam bem. [...] Aqui o empoderamento é coletivo. Se alguém mexer comigo, eu sei que eu não to sozinha nessa. E se alguém mexer com você pode ter certeza de que você também não ta sozinho nessa. (Amanda Mendes, **“Seu cabelo é ruim sim.”**<sup>80</sup>)

Todo tipo de liberdade é um tipo de empoderamento. [...] Quando uma mulher negra conta sua história parece que a gente se enxerga nela. Você sabe exatamente o que aquela pessoa passou. Falar com uma mulher negra sobre a vida dela, sobre sua trajetória é se olhar no espelho. As dores se repetem, as superações se repetem, as conquistas se repetem e isso acontece porque a gente é um grupo. [...] Porque a gente compartilha uma realidade muito parecida. Porque é uma realidade dada socialmente. O que é dado socialmente se reproduz para todas nós, interfere em nossas vidas. [...] Apesar desse empoderamento fazer uma diferença enorme quanto a você indivíduo, ele acontece de forma coletiva. [...] Empoderamento é não se tratar só de você. [...] veja bem: empoderamento não é só sinônimo de autoestima e de amor-próprio. Empoderamento não é só você se amar, mas é você saber se posicionar é você ter consciência política do porque você se ama. Por que você se ama com o seu cabelo crespo? Você se ama com seu cabelo crespo porque você sabe que é um ato político se amar com seu cabelo crespo. Porque você tem consciência que há uma sociedade que age contra você e que faz com que você se odeie. [...] isso não é só autoestima. Isso é influenciar socialmente, isso é ser referência pra outras mulheres [...] mas não pode só se resumir ao seu cabelo. (Nátily Neri, **“Empoderamento, Negras que alisam o cabelo e feministas maquiadas.”**<sup>81</sup>)

Eu ouço muito por aí a gente ironizando empoderamento estético, falando sobre empoderamento estético como se fosse uma coisa ruim, falando dessa “geração tombamento” como se fosse uma coisa ruim. Eu entendo. Eu entendo que se a discussão ficar só na estética a gente não avança. Eu entendo que é preciso muito mais do que pessoas se amando e se sentindo maravilhosas pra a gente mudar a realidade do Brasil, pra gente mudar a realidade das pessoas negras. Mas eu levanto a bandeira de que a estética é muito importante quando a gente fala da população negra no Brasil.

<sup>78</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=YuhHMnCOAZY> Acesso em: 25/08/2021

<sup>79</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=R6uTcFGzGK8> Acesso em: 29/08/2021

<sup>80</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jqDPWiy6tsM> Acesso em: 29/08/2021

<sup>81</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eGKhmkoX3LQ> Acesso em: 19/05/2021

Que foi por meio dela que eu me iniciei nessas discussões. [...] Essa é uma discussão que é muito ampla, é uma discussão que tem prós e contras, mas eu sou uma pessoa que definitivamente eu nunca vou ironizar o que é empoderamento estético porque só eu sei o quanto isso foi importante na minha vida. Só eu sei como isso foi uma porta de entrada para “empoderamentos mais pesados.” (Nátnaly Neri, **“Empoderamento estético e consciência racial.”**<sup>82</sup>)

Quem me acompanha bem de pertinho sabe que eu amo compartilhar frases de empoderamento nas minhas fotos porque eu acredito que a gente deve sempre mentalizar essas ideias, não só por nós que já passamos por esse processo de aceitação e baixa autoestima, mas para que possamos ajudar a quem precisa de apoio. Incentivo e tudo mais. Todos os dias eu recebo comentários nas minhas fotos de meninas que estão passando por esse tipo de dificuldade. (Steffany Borges, **“Frases que toda cacheada/crespa precisa ouvir.”**<sup>83</sup>)

Um fato é que esse processo de autoconhecimento é um processo muito bom assim, é muito incrível. Você passa a naturalmente ter domínio sobre as suas ações, sobre os seus gostos. Você passa a valorizar mais os seus pontos positivos, você tem a resposta na ponta da língua sobre a sua comida favorita, a sua cor favorita, o lugar que você mais gosta de ir ou o lugar que você quer conhecer. Você tem domínio sobre tudo! Sobre os seus sonhos, metas de vida e você passa até a sonhar mais. (Steffany Borges, **“Crises de identidade e falta de amor próprio.”**<sup>84</sup>)

As noções de empoderamento nestas três passagens possuem em comum a ligação do termo com a ideia de autoestima. O empoderamento na transição capilar é percebido, por estas influenciadoras, como algo libertador e voltado ao incentivo da construção de uma boa autoestima. De certa forma, inicialmente essa percepção se aproxima da ideia de empoderamento individual (Horochovski; Meirelles, 2007) e, no caso da transição capilar, vincula o termo ao ato de passar a se sentir bem com o cabelo crespo e cacheado. Neste sentido, a ideia de empoderamento pouco se assemelha à concepção de empoderamento enquanto a capacidade de indivíduos alterarem radicalmente as estruturas que os oprimem (Costa, 2012).

Ao mesmo tempo, há também a presença da noção de empoderamento coletivo nas falas citadas, já que o discurso empregado pelas influenciadoras busca compartilhar com suas interlocutoras os aspectos positivos que a aceitação dos cabelos naturais enseja, assim como as limitações que podem acontecer durante esse processo. As influenciadoras sempre deixam claro que o diálogo ali estabelecido é voltado para o apoio mútuo. Nesse sentido, a fala de Nátnaly Neri se destaca por ressaltar que não se pode resumir o empoderamento as questões estéticas, de autoaceitação já que comprehende que o processo de empoderamento não se restringe a ideia de individualidade, se aproximando do entendimento freireano<sup>85</sup> do termo, no qual o empoderamento é compreendido como a capacidade de se realizar transformações sociais e não limitado apenas a um sentimento individual.

<sup>82</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=iy1niabC1eQ> Acesso em: 02/08/2021

<sup>83</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=nL8JTFsp\\_Vc&t=200s](https://www.youtube.com/watch?v=nL8JTFsp_Vc&t=200s) Acesso em: 16/09/2021

<sup>84</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OWuIjVTdN8c> Acesso em: 17/09/2021

<sup>85</sup> Freire e Shor, 1986

Dessa forma, a estética converte-se em um primeiro passo para uma vivência mais aprofundada sobre o que de fato é se empoderar, de se estar engajado em outras demandas coletivas. Algo que aparece de forma um pouco superficial na fala de Amanda, quando enfatiza o caráter coletivo de seus propósitos, ressaltando-se também o fato desta influenciadora vincular à experiência da transição capilar ao despertar de seu interesse às questões relacionadas à sua ancestralidade, sobre a compreensão dos sofrimentos vividos por seus antepassados por conta de seus traços naturais.

Já na fala de Steffany, embora a ideia de apoio mútuo esteja presente, verifica-se a presença de um discurso mais voltado a uma noção de autoajuda, ligada a uma ideia de autoafirmação, do sentimento de estar segura de si própria. Ou seja, pautado pelo crescimento pessoal. Dessa forma, o entendimento sobre empoderamento mencionado pela influenciadora aproxima-se da ideia de empoderamento “liberal” apontado por Romano (2002, apud Sardenberg, 2008), pois converge com alguns ideais liberais na qual o foco no crescimento pessoal e dos interesses individuais são aspectos mais centrais do que um engajamento coletivo visando mudanças estruturais.

Dessa forma, a partir das falas das influenciadoras, fica nítida que a concepção de empoderamento que apresentam perpassa por diferentes sentidos. E a transição capilar se configura, neste cenário, como importante instrumento para o despertar da percepção de empoderamento, seja de forma coletiva ou individual.

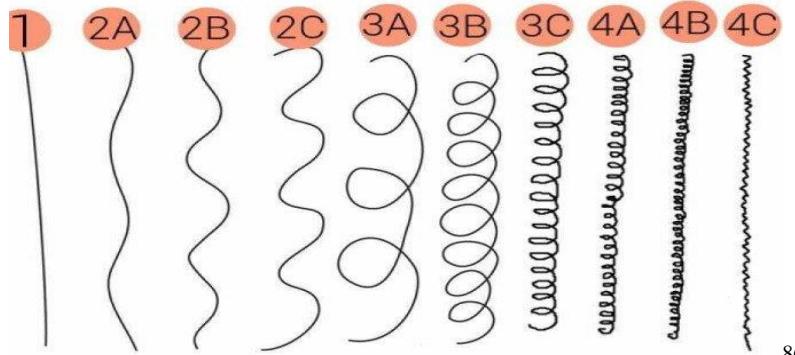
## **6 CAPÍTULO 5- AS RELAÇÕES TRANSVERSAIS À TRANSIÇÃO CAPILAR**

Neste capítulo centraremos a análise nos elementos transversais à transição capilar, encontradas nas falas das influenciadoras analisadas, a respeito da possibilidade do estabelecimento de novos padrões estéticos dentro do cenário de valorização e enaltecimento do cabelo natural (da promoção de um cabelo crespo/cacheado padrão), de como compreendem o interesse maior das empresas de cosméticos e a este público, assim como suas respectivas aproximações com essas empresas. Além disso, também é descrito a associação entre a transição capilar e a fé cristã professada por parte das influenciadoras. Cabe ressaltar que este ponto se caracterizou como um aspecto não planejado inicialmente como um dos alvos desta investigação, sendo aqui contemplado como aspecto de relevante análise pela razão da frequência de menções nos vídeos analisados a respeito desta temática.

### **5.1 Hierarquização de cachos e “transição capilar obrigatória”.**

Para que se possa analisar o discurso empregado pelas influenciadoras sobre os formatos existentes de cabelos crespos e cacheado, é necessário primeiramente explicar o que se entende por tipos de cachos. Segundo Pequeno Soares (2018) a tabela que identifica os tipos de cabelo foi desenvolvida pelo conceituado cabeleireiro estadunidense Andre Walker que buscou elaborar um sistema de classificação que divide os tipos de cabelo em categorias: liso, ondulado, cacheado e crespo, que são identificados por números de 1 a 4 como pode ser visto na figura abaixo.

**Figura 6 – Tipos de Cachos**



86

A tabela de Walker é amplamente utilizada por diversas marcas de cosméticos em linhas voltadas para cuidados com os cabelos crespos e cacheados, assim como possui grande circulação em sites, rede sociais, entre outros que abordam a temática da transição capilar. Dessa forma, menções sobre o tipo de cacho que possuem são recorrentes nos vídeos das influenciadoras aqui analisadas. Frequentemente as influenciadoras, ao abordarem sobre esse assunto, procuram destacar que a identificação do tipo de cacho, por mais que possa ser considerada como uma informação relevante durante a transição capilar, não deve resultar numa busca por um tipo ideal de cacho assim como buscar uma padronização baseada num anseio de um “cabelo perfeito”. Uma vez que o propósito da transição é a aceitação do cabelo natural e por mais que possam servir de referência para quem está nesse processo, procuram não reproduzir uma lógica na qual suas interlocutoras busquem um estilo de cabelos exatamente iguais aos delas. Também reforçam a ideia de que o uso do cabelo natural não deve ser impositivo, mas sim resultado de uma vontade própria e não por uma “moda”.

A gente não tem que ficar triste por não ter algo que o outro não tem, sabe? Pelo fato do nosso cabelo não ser igual ao de outra pessoa. A outra pessoa é bonita? É bonita, mas eu também sou bonita. Então é legal quando a gente começa a valorizar a nossa beleza porque a nossa beleza é única. E vê que o nosso cabelo com as características únicas que ele possui também é incrível, também pode ser maravilhoso. Outras pessoas também olham pro seu cabelo e acham ele maravilhoso, entendeu? Então eu acho que não tem por que a gente ficar se comparando com outra pessoa ou desejando ter o que a outra pessoa tem. [...] Vamos aproveitar essa diversidade de texturas que existem. Vamos curtir tudo isso juntos sabe? [...] O que eu quero dizer é aproveita o teu cabelo, aproveita o jeito que ele é, o jeito que ele se desenvolve. Se ele quer “armar” deixa ele armar, se ele é crespo aproveita esse cabelo crespo, entendeu? Vamos amar o nosso cabelo e não vamos nos preocupar em ficar comparando e querendo ter o que o outro tem não porque o bom da vida é ser singular. (Amanda Mendes, “*Seu cabelo é único.*”<sup>87</sup>)

Nós saímos da ditadura do cabelo liso né, (ah, você tem que ter cabelo liso pra ser bonita) e voltamos ao nosso natural só que muita gente entra na ditadura do cabelo crespo natural, cacheado perfeito. A pessoa idealiza ali que se a pessoa não tiver um

<sup>86</sup> Disponível em: O Boticário (divulgação) - Correio Braziliense (31/10/2021)

<sup>87</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=gOjQbxEPGsI> Acesso em: 23/08/2021

desenho, se ele não formar um cacho, ele não é bonito. E galera, isso não é legal. A gente tem que desconstruir essas ideias, entende? Muita gente ainda pensa isso, muita gente ainda acha que cabelo crespo, que cabelo natural só vale a pena assumir se ele fizer cacho. Se ele não fizer cacho, “querida”, não faça, não assuma. E não é bem assim. [...] Então, eu estou aqui pra dizer pra você pessoa que acredita que cabelo bonito só é cabelo definido, pra dizer pra você que já tá na hora de desconstruir esse pensamento, esse conceito de beleza porque cabelo bonito é cabelo saudável, é cabelo bem cuidado, é cabelo hidratado, entendeu? E não tem nada a ver com textura, não tem nada a ver com desenho. (Amanda Mendes, **“Respeita o nosso crespo.”**<sup>88</sup>)

Não é porque você tem o cabelo crespo, cacheado, ou seja, ele qual textura for, que você tem a obrigação de passar pela transição e assumir na curvatura natural. O processo de transição capilar ele é gostoso e ensina muita coisa pra gente a partir do momento que você decide passar por ele por livre e espontânea vontade. Você tem o livre arbítrio de escolher o que você vai usar e o que você vai fazer com o seu cabelo, com a sua vida, com o seu corpo, com a sua pessoa. Você escolhe tudo. Então, você que decide se quer entrar em transição, parar de alisar o cabelo e ver o seu cabelo natural ou se você gosta de alisar o seu cabelo e se sente muito linda, maravilhosa, rainha de Wakanda<sup>89</sup> com cabelo liso e ta tudo bem. (Amanda Mendes, **“Transição capilar não é obrigação.”**<sup>90</sup>)

Eu acho que a gente tem que valorizar todas as texturas, concordo super com isso com a representatividade das texturas, com a valorização das texturas. Eu sempre defendo todas as texturas, falo que todas as texturas são lindas e realmente é isso. [...] O nosso cabelo é lindo! Não importa o tipo, a textura. O que importa é a gente valorizar todas as texturas. (Ana Lídia Lopes, **“Qual é o tipo do meu cabelo?”**<sup>91</sup>)

Às vezes a gente ainda tá tão presa no cabelo alisado, no cabelo liso que a gente não entende as características do cabelo crespo e cacheado. O nosso cabelo tem frizz sim, tem volume sim e isso não é um problema. [...] Ok, você decidiu que quer passar pela transição capilar, mas entenda que realmente é um processo de aceitação do seu cabelo natural, do seu tipo de cacho, crespo, enfim. O seu cabelo é único. Ame-o e entenda que ele é lindo do jeito que é. (Ana Lídia Lopes, **“10 coisas que te impedem de terminar sua transição capilar.”**<sup>92</sup>)

Não tem problema se o seu cabelo tiver indefinido ou volumoso demais, ou muito definido, muito encolhido, isso não é um problema. Não tem problema se você não quiser usar ele solto ou então sair de casa com um coque. Não tem problema. (Ana Lídia Lopes, **“Você não é um problema!”**<sup>93</sup>)

Muita gente começa a transição só pensando: “ah, eu queria que meu cabelo ficasse igual ao de fulana”. E a ideia da transição não é essa. A ideia é você dar uma chance pro seu cabelo natural e ver como é o seu cabelo natural porque por mais que, vamos supor, “ah, eu lembro do meu cabelo natural quando era criança” a realidade é que o nosso cabelo muda muito. Então, talvez o cabelo que você tinha na sua infância não é o mesmo cabelo que você vai ter hoje depois de passar pela transição. Então, você tem que entender que é o seu cabelo, você precisa enxergar beleza nele independentemente do tipo que ele for. [...] Por mais que você ache que o seu cabelo é igual ao de fulana, não olha só pro cabelo dela. Busca outras inspirações e referencias pra você se inspirar e ver que cada tipo de cacho, cada tipo de cabelo tem a sua beleza. (Ana Lídia Lopes,

<sup>88</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=wiCasBd07nc> Acesso em: 25/08/2021

<sup>89</sup> País fictício localizado na África subsariana, presente nas histórias em quadrinhos do personagem Pantera Negra da Marvel Comics.

<sup>90</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=jeZ9xI3R6aw> Acesso em: 04/09/2021

<sup>91</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=DYsSCa\\_pKPA](https://www.youtube.com/watch?v=DYsSCa_pKPA) Acesso em: 28/09/2021

<sup>92</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ekIT7uFFZ1A> Acesso em: 30/09/2021

<sup>93</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XnhZS4Dmic8> Acesso em: 01/09/2021

***“Arrependi do BC, parte da frente não cacheia... Ana responde só sobre transição capilar.”***<sup>94)</sup>

Porque a gente sabe que a sociedade impõe o que é beleza, o ideal de beleza da sociedade pros cabelos crespos agora e pros cabelos cacheados é o cacheo formado, é o cacheo bonito e é o cacheo que não tenha a aparência de ressecado. Tanto é que uma das críticas que eu mais recebo ao meu cabelo é que ele parece muito ressecado e que ele está muito ressecado. Não querida, meu cabelo não está ressecado, eu gosto do meu cabelo assim, com a aparência bem “descuidada” mesmo como eu gosto. Ele não está descuidado. [...] Eu aprendi a ver a individualidade do meu cabelo, então nunca achei ninguém e disse “essa pessoa é o jeito que eu quero deixar meu cabelo”. Não! Eu fui deixando o meu cabelo acontecer da forma como ele queria e eu continuava vendo outras mulheres negras com os mais variados tipos de cacheos e me inspirando em relação a elas e vendo como é lindo você se aceitar, você abraçar o seu cabelo natural, mas assim acho que todas as mulheres negras que tem o cabelo natural me inspiram. (Náty Neri, “**TAG: Meu Cabelo| Por Náty Neri.**”<sup>95)</sup>

Eu acho que às vezes a gente faz as coisas muito motivadas por essas novas narrativas que a gente ta construindo e que são fundamentais. Passar pela transição, deixar de alisar o cabelo, escolher não alisar é importante pra muitas mulheres. É importante pro mundo que a gente quer construir. Mas cada mulher é um corpo, cada mulher é um ser. E cada coisa de constrói no tempo necessário pra que você aguente sobreviver. Pra que você consiga continuar caminhando. Pra que não seja tão doloroso e tão violento pra você a ponto de você não conseguir se olhar no espelho. (Náty Neri, “**Transições mentais e capilares.**”<sup>96)</sup>

Mas eu posso gostar de um cabelo mais “definidinho”? Claro que você pode. Mas eu quero que você pense e reveja os seus conceitos não no sentido de ser preconceituoso ou não, se você gosta do seu cabelo você tem que gostar das fases dele. [...] Em mim, algumas pessoas nem observam e falam: “Ray, como faço pra deixar o meu cabelo como o seu sem frizz e super definido?” Quem disse que o meu cabelo é assim, sem frizz? Não, claro que tem frizz e sempre. [...] Eu quero te convidar a perceber que o seu cabelo pode ter frizz, é uma característica do seu cabelo. Ele não é rebelde por isso, ele é “rebelde” se ele se “rebelar” contra você. Então, o meu cabelo foi rebelde enquanto eu acreditei que deveria ter o cabelo liso. [...] Eu demorei um tempo e passei a entender que o meu cabelo pode ter frizz. E passei a entender que o meu cabelo pode estar mais curto hoje e mais longo amanhã. Então, não existe cabelo rebelde desde que você aceite o jeito que ele está. Uma pessoa pode olhar pra mim e dizer que meu cabelo é ou está rebelde e você olhar pra mim e dizer não. [...] O seu cabelo não é rebelde. Ele só não está “adequado” a padrões que você traz pra você ou não. Eu prefiro não trazer. (Rayza Nicácio, “**Cabelo Rebelde? Por Rayza Nicácio.**”<sup>97)</sup>

O que eu defendo aqui no canal, eu quero que isso fique muito claro mesmo às vezes parecendo que eu tenha uma visão radical em relação ao cabelo, eu preciso reforçar que eu não sou contra alisamentos, chapinha. Eu sei que estraga, eu sei que quebra, já passei por tudo o que tive de passar pra poder ter esse tipo de consciência hoje. Eu sou a favor de mostrar que você pode ter o cabelo cacheado se você quiser. (Rayza Nicácio, “**Ter cacheos é outro nível por Rayza Nicácio.**”<sup>98)</sup>

A gente tem que celebrar os nossos cacheos, a gente tem que libertar nossos cacheos, ver o nosso cabelo cacheado e crespo como forma de expressão. Meu cabelo faz parte de mim, nasceu assim na minha cabeça, mas ele também é uma forma de eu me impor e

<sup>94</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=uESbN9XIaMc> Acesso: 01/10/2021

<sup>95</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=0sldvohLD8s> Acesso: 20/06/2021

<sup>96</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oE8ZKwMoDUY> Acesso em: 05/05/2021

<sup>97</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=vhcm\\_FlFBw](https://www.youtube.com/watch?v=vhcm_FlFBw) Acesso em: 03/03/2021

<sup>98</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oTFj5mD4qck> Acesso em: 03/03/2021

dizer que eu acredito em mim independente do que me foi vendido e imposto. (Rayza Nicácio, “*Chega de padrões! Faça diferença na vida de alguém.*”<sup>99</sup>)

Algumas meninas se apegam a esse tipo de cabelo (*o dela no caso*) e se prendem nisso. Elas querem ter o mesmo cabelo que o meu por exemplo. Não é só a questão do comprimento, é a questão de ter o mesmo cache, de ter o mesmo volume, de ter a mesma quantidade de cabelo. É uma junção, elas querem ter o mesmo cabelo. Prestem atenção no que eu quero dizer pra vocês: cada cabelo tem o seu valor. Cada cabelo tem o seu brilho. Tem a sua definição, tem a sua forma. Tem mesmo a sua beleza. Cada um tem a sua personalidade, vai se adequar a você vai ser uma junção perfeita. É uma questão de aceitar sabe o seu cabelo. De você entender que aquilo é pra você. [...] Sempre dei muito apoio para as meninas que passam por isso e eu sei o quanto é complicado porque muitas meninas que vem me perguntar, que vem elogiar o meu cabelo, que vem falar sobre o meu cabelo e me tem como uma inspiração e são meninas que estão passando pela transição e visam o meu cabelo querendo que seja o delas, que o delas sejam dessa forma. São meninas que usam o cabelo liso a tanto tempo que elas nem se lembram como era a textura do cache delas. E isso é o que prejudica, é o que atrapalha porque desenvolve nas elas o desejo de ter o cabelo das meninas da internet, das meninas das redes sociais que elas pesquisam. E querendo ou não, elas ficam meio que filtrando aquilo, pesquisam muito sobre aquilo, sobre textura de cachos. Elas viram experts no assunto e muitas vezes quando o cabelo dela começa a crescer, começa a desenvolver, ele começa a pegar um formato que não é igual ao formato que ela mentalizou e aquilo causa uma frustração. (Steffany Borges, “*Tipos de cachos, aceitação, Transição capilar...+*”<sup>100</sup>)

Fica nítido que as influenciadoras possuem um discurso que converge com a ideia de que é infrutífera a busca por cachos perfeitos, de um cabelo crespo/cacheado padronizado. A influenciadora Amanda enfatiza a importância da valorização de todo tipo de textura e que não é propósito da transição capilar sair de um padrão de beleza (o liso) para se inserir em outro (do cache perfeito). Defende que cabelos de aparência mais volumosa, que eram vistos de forma negativa, possuem sim beleza e destaca que a transição não é uma regra para crespas e cacheadas que alisam o cabelo. Mas sim fruto de uma escolha pessoal e que não anula a identidade de alguém.

Ana Lídia reforça a defesa da representatividade de todo tipo de textura crespa e cacheada, além de ressaltar que as características do cabelo liso não se aplicam ao cabelo crespo e cacheado, como a presença de frizz por exemplo. Ainda relata que não é necessário que alguém em transição almeje ter o cabelo de outra pessoa, defendendo que cada cabelo tem sua beleza e é único.

O mesmo ocorre no discurso de Nátaly Neri, quando ela expressa que nunca sentiu necessidade de espelhar a aparência de seus cabelos a de outras pessoas após a transição. Destaca que o padrão socialmente imposto de cabelo crespo é aquele de aspecto pouco armado e de cache perfeitamente formado. Também destaca a importância da subjetividade na decisão de se passar ou não pela transição.

<sup>99</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3uKRItCq52A> Acesso em: 15/10/2021

<sup>100</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=ZM9gy4bDaHU&t=74s> Acesso em: 14/09/2021

Já Rayza Nicácio defende a ideia de que cabelos crespos/cacheados perfeitos não existem e que não se aplicam a ela, apesar de algumas de suas interlocutoras assim entenderem. Destaca que não é contra alisamentos, apenas procura mostrar ao seu público a possibilidade de aceitação do cabelo natural, se assim a pessoa desejar.

Por fim, Steffany Borges também defende a não padronização dos cabelos, destacando o valor estético que cada tipo de cacho possui. Ressalta também que por mais que esteja satisfeita em servir de inspiração para outras mulheres durante a transição capilar, rejeita ser modelo de um padrão de cabelo a ser alcançado.

Nesse sentido, autores como Gomes (2002), Braga (2015) e Santos (1999) mencionam o quanto historicamente o cabelo foi alvo de classificação racial no Brasil e objeto de hierarquizações. No entanto, no discurso expresso pelas influenciadoras analisadas não se verifica a presença de algum grau de hierarquização em suas falas. Não se identificou, nas falas das influenciadoras, uma possível reprodução da lógica do colorismo que, como menciona Devulsky (2021), se caracteriza pela marginalização ainda maior das pessoas negras de tom de pele mais escuro e de cabelos crespos.

Pelo contrário, todas ressaltam o quanto cada tipo de crespo e cacheado é único e detentor de beleza, reforçando o quanto a estética vai além da aparência (Mizrahi, 2015). Esse cenário reforça a percepção de Braga (2015) quando afirma que na atualidade não é possível indicar ou assimilar um único padrão estético para o cabelo crespo, já que as youtubers não utilizam sua influência para propagar um ideal padrão de cabelo crespo/cacheado.

As influenciadoras ressaltam a importância da subjetividade na escolha de aderir à transição capilar, algo que é apontado por Gomes (2006) como de grande importância, já que a ideia de imposição do uso do cabelo natural é entendida pela autora como algo inflexível e de negação ao direito de escolha. Já que, segundo Gomes, vivemos numa sociedade complexa e marcada por uma grande heterogeneidade estética.

## 5.2 Vinculação com empresas de cosméticos e compreensão sobre consumo

Como mencionado dos capítulos 1 e 2, ao longo de muitas décadas o mercado de cosméticos para cabelos no Brasil privilegiou um padrão estético branco, voltado para o aspecto liso dos fios. Crespos e Cacheadas estiveram à margem na produção e promoção de produtos específicos para seus tipos de cabelos, assim como estiveram expostas a vinculações negativas sobre a aparência cacheada como relação ao volume do cabelo, por exemplo.

Esse cenário passou a se modificar em meados dos anos 1980 e 1990 como aponta Santos (1999) e se intensifica com o crescimento do interesse sobre a transição capilar, no ambiente virtual. O resultado disso foi a ampliação de linhas focadas para os cuidados com o

crespo e cacheado. Por conta da expressiva visibilidade alcançada nas redes sociais, as influenciadoras que abordam sobre a transição capilar passaram a terem suas imagens vinculadas a empresas de cosméticos na promoção de produtos. As influenciadoras são denominadas como embaixadoras das marcas na divulgação dos produtos, assim como possuem linhas atreladas aos seus nomes, como é o caso das youtubers aqui analisadas.

Nesse sentido, buscou-se identificar como as youtubers enxergam a visibilidade maior que o mercado de cosméticos passou a ter com crespos e cacheadas, a partir da emergência da transição capilar. Mesmo possuindo ligações com marcas desse segmento, é perceptível tanto a presença de um discurso crítico a respeito dessa maior visibilidade por parte das influenciadoras, como também menções positivas sobre isso:

Foram três anos sendo embaixadora desde 2017 que eu tô nesse corre e a Salon foi a primeira marca, a primeira empresa que olhou pra mim e enxergou o meu potencial e investiu em mim e me permitiu falar e mostrar o que eu tinha pra compartilhar com vocês. Então, o meu carinho vai ser eterno. Eu quero agradecer muito, muito mesmo por tudo. Por todas as vivências, por todas as histórias, por todas as oportunidades, por ter realizado grandes sonhos, sabe? Trabalhar com a Salon me proporcionou, me possibilitou alcançar outros lugares e me desenvolver como criadora de conteúdo. (Amanda Mendes, “*Não sou mais embaixadora Salon Line.*”<sup>101</sup>)

Uma coisa assim, sobre os produtos, muita gente fala: “ai, mas antigamente não tinha tantos produtos pra cabelo crespo, não tinha produto pra cabelo cacheado”. Realmente, não tinha, mas eu acho que é muito também uma questão de aceitação. As empresas vão fazer o que o público quer e quase ninguém queria assumir o cabelo crespo, o cabelo cacheado então acabavam que não tinham produtos sabe? (Ana Lídia Lopes, “*Assumir o cabelo crespo/cacheado em 2000 x 2018.*”<sup>102</sup>)

É legal que essas marcas estejam pensando na mulher e nas minorias? Sim, é legal, mas que mulher sendo empoderada é essa? É a branca? É a loira? Pelo que eu vejo ainda é. É a magra? Sim, ainda é a magra. É legal quando uma marca coloca pessoas negras, pessoas lésbicas, gays, gordos em um comercial incrível, é muito legal. Mas não é tão legal quando esse comercial só é vinculado na internet e não passa na TV quando na TV ainda é aquele comercial que serve a família tradicional brasileira como muitas pessoas criticaram na internet sabiamente. [...] Gente, o que tô dizendo aqui é que não podemos ser ingênuas. A gente não pode acreditar que isso é algo que tá vindo de cima pra baixo. Que essas empresas do nada receberam um sopro de consciência e decidiram que era interessante falar sobre a mulher, sobre o negro, sobre o gay, e ainda muito mal falado porque só falam de empoderamento feminino branco. A gente tá falando de um movimento de baixo pra cima, a gente ta falando de ideias que foram marginalizadas e que estão sendo incorporadas porque não tem mais como sufocar. [...] O racismo não vai parar de existir enquanto negros estiverem na novela ou quando negros estiverem nas capas das revistas. Essas opressões não vão ser superadas na sociedade capitalista porque essa sociedade capitalista só se mantém porque a premissa principal é existir desigualdade. É existir pessoas que possam servir e pessoas que possam dominar. [...] Se esse sistema ainda se perdurar, a gente merece ao menos que as futuras gerações possam crescer sem o ideal de Barbie loira e branca como o único existente. [...] A gente não quer representatividade, a gente quer proporcionalidade. Nós somos 50 milhões, mais de 50% da população. Então esses 50% da população tem que tá na TV, tem que tá nas revistas. Não é favor, a gente tem que comemorar essas vitórias? Sim, a gente tem, mas com um olhar muito crítico, muito crítico mesmo. [...] A gente tem que continuar fazendo essas empresas terem

<sup>101</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=NDkY\\_K43yh4](https://www.youtube.com/watch?v=NDkY_K43yh4) Acesso em: 25/08/2021

<sup>102</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=L8eJXa3wdhw> Acesso em: 01/10/2021

medo toda vez que forem lançar uma campanha. [...] As empresas estão olhando pra mim e pra você como consumidoras? Legal! Só que se vocês querem falar sobre a gente, vai ter que falar de verdade. Eu canto vitória quando vejo uma marca se interessando por questões sociais. Eu adoro, me dá mais prazer de comprar já que eu tenho que comprar de qualquer jeito pra me colocar dentro desse sistema. Só que não sou burra! Não sou burra e sei por que estão fazendo isso. Não é pra me empoderar de fato, é pra vender, é pra comprar, é pra me conquistar. E se querem conquistar vai ter que rebolar muito do que isso. [...] Quem fez essa mudança acontecer até aqui fomos nós, nós estamos causando isso. A nossa mobilização e a mobilização de gerações anteriores. (Nátily Neri, “**Empoderamento vende!**”<sup>103</sup>)

Tudo é cooptado pelo capitalismo e as pessoas começaram a achar que pra você afirmar sua estética negra, você precisaria começar a comprar vários tênis, roupas caras, que as pessoas nas periferias não necessariamente tem dinheiro ou que você precisaria ter que ficar pagando pra colocar extensões de cabelo colorido super caras no seu cabelo, que você também não tem grana e que pessoas alisam o cabelo, que porventura não querem fazer parte ou não se identificam com essa estética, fossem inferiorizados ou colocados como menos negras e etc. As coisas acontecem às vezes de formas complexas nas melhores famílias, em todos os movimentos. Não existe um movimento 100% puro que vai ser completamente 100% ligado aos ideais. [...] A crítica que também se faz a essa galera é que esse empoderamento estético não está necessariamente alinhada a uma consciência política e social além de ter sido cooptado pelo capitalismo. Então, o argumento da galera que geralmente inferioriza a “geração tombamento” é só dizendo “ai, é só capitalismo e eles não têm consciência política nenhuma” e no caso brasileiro isso é até bastante compreensível porque geralmente os jovens que fazem parte da “geração tombamento” eles não necessariamente estão em contextos de ativismo, de projetos político-sociais ou então dentro da universidade que essas coisas são discutidas dentro toda uma linguagem específica com uma agenda política muito clara (ou não né, muito escura no caso). (Nátily Neri, “**A importância da estética e autoestima negra: Geração tombamento é política?**”<sup>104</sup>)

É um grande passo pra gente uma marca como a Seda estar trabalhando, basicamente, na colaboração feminina umas com as outras. Então, imagina pra quantas pessoas essa comunicação vai chegar e essa mensagem vai chegar. Então, eu sou muito feliz de fazer parte do time de embaixadoras Seda esse ano. [...] A gente dominou o mercado, entendeu? A gente falou: “a gente precisa de produto assim, produto assado” e aí todo mundo teve que ouvir. Foi um movimento contrário: a mídia falava o que a gente tinha que fazer e a gente fazia, graças à internet nós falamos o que eles precisavam fazer e agora tem uma amplitude enorme de possibilidades pra a gente se inspirar. (Rayza Nicácio, “**Ninguém se mete com o meu cabelo.**”<sup>105</sup>)

Os relatos citados demonstram variadas percepções sobre a visibilidade de crespos e cacheadas dentro do mercado de cosméticos. Amanda Mendes, por exemplo, ressalta o aprendizado que obteve durante o período em que foi embaixadora da marca Salon Line, reforçando a visibilidade proporcionada pela empresa a auxiliou na ampliação de alcance de público e no seu desenvolvimento enquanto criadora de conteúdo. Este panorama se aproxima da concepção de Gomes (2006) quando afirma que mesmo que numa possível tentativa de cooptação por parte do mercado de cosméticos de elementos identitários (como o cabelo crespo e cacheado) possa ser vista com preocupação, existem aspectos positivos já que indica uma

<sup>103</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=eqHFi8CHjH8> Acesso em: 01/07/2021

<sup>104</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=srKdoOEbjeg> Acesso em: 29/07/2021

<sup>105</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=1gRjX\\_ilS6E](https://www.youtube.com/watch?v=1gRjX_ilS6E) Acesso em: 15/10/2021

mudança relevante se compararmos com o fato de num passado bastante recente este público era invisibilizado.

Ana Lídia e Rayza também destacam de forma positiva a ampliação da visibilidade que crespas e cacheadas obtiveram perante as empresas de cosméticos. Enquanto Ana Lídia vincula a escassa variedade de linhas para crespos e cacheados no passado como resultado da rejeição que as próprias pessoas tinham de seus cabelos, Rayza estabelece a ideia de que foi a partir da mobilização de cacheadas e crespas que as empresas passaram a atender de forma mais ampla esse público.

Essa percepção também é compartilhada por Nátnaly Neri, embora enxergue com um tom bem mais crítico esse cenário. Apesar de ver um maior interesse do mercado em relação a crespas e cacheadas e outras minorias sociais de forma auspíciosa, a influenciadora ressalta que esse cenário é limitado, já que comprehende que as empresas veem esse público como meramente consumidor e não necessariamente objetivam criar consciência social. Esse aspecto levantado pela influenciadora se aproxima da visão de Fraser sobre a instrumentalização por parte do mercado de pautas sociais e culturais que melhor lhe beneficie (Mattos, 2004). Todavia, a influenciadora destaca que a frequente mobilização e pressão sob o mercado pode ajudar a mitigar possíveis aspectos negativos dessa tentativa de apropriação.

### **5.3 “Você tá assumindo o cabelo que Deus te deu!”: Transição Capilar na perspectiva da fé.**

Um aspecto que frequentemente apareceu nos vídeos analisados se refere ao significado religioso que algumas das influenciadoras atribuem à experiência da transição capilar. Isso é observado nas falas das que mencionam o Deus cristão como mecanismo de força e motivação durante o processo de transição capilar. Nesse sentido, o retorno ao cabelo natural possui sentidos atribuídos ao apelo da fé, da aceitação dos traços naturais “da forma que Deus assim o fez”.

A relação do cabelo com práticas religiosas é mencionada por Gomes (2006) e Braga (2015) que relatam como em diferentes sociedades e culturas a manipulação dos cabelos e a utilização de adornos possuem diferentes significados, muitos deles voltados para a ideia de pertencimento étnico. Algo que não é o caso das falas vinculadas à religião aqui percebidas. O discurso empregado se volta para o apelo emocional, como mencionado, assim como há a compreensão de que seus papéis enquanto influenciadoras possuem um caráter de chamamento divino por servirem de inspiração a outras pessoas.

Você tá assumindo o cabelo que Deus te deu! Tem coisa mais linda? Não tem e isso é lindo![...] Muito bom saber que tô conseguindo cumprir a minha missão porque eu

acho que Deus não faz nada por acaso. Eu não alisei o meu cabelo por acaso, eu não passei pela transição por acaso, eu não tô aqui falando disso pra vocês por acaso. Então, quando eu recebo as mensagens de vocês, os depoimentos, os testemunhos, eu vejo que tudo ta dando certo. Que tô conseguindo passar pra vocês a mensagem que eu quero. [...] A transição capilar foi um divisor de águas na minha vida. Até dentro da minha fé, eu passei a crer tanto que Deus me ama, que ele me fez perfeita, que não tem nada de errado comigo e isso me ajudou muito. Deixem que isso refletia em vocês, tá bom? Acreditem e vivam mais o amor de Jesus e Maria porque é através desse amor que a gente consegue se amar também. (Ana Lídia Lopes, ***“1 ano de Big chop: o que mudou na minha vida!”***<sup>106</sup>)

Como manter a autoestima na transição? Você tem que focar no que você quer. Você tem que ficar ligada que vai ter gente pra te deixar pra baixo, mas você tem que saber que você vai ficar muito linda de cabelo cacheado, que Deus te fez assim sabe? O meu cabelo não é errado, o meu cabelo é lindo. Aí você já começa a se achar mais bonita, você começa a se sentir melhor. Já não liga tanto pra o que as pessoas estão falando. [...] A gente tem que aproveitar a transição porque é um momento de mudanças na nossa vida. A gente passa a largar tantas coisas, além de largar chapinha, secador e alisantes e a gente vai deixando tanta coisa que não vale a pena também. Tenta não sofrer na transição, muito pelo contrário. Aproveita mais cada detalhe, cada coisinha assim, tenta tirar um proveito de tudo. (Ana Lídia Lopes, ***“Ana responde: Tudo sobre meu cabelo, transição capilar, cachos.”***<sup>107</sup>)

Às vezes a gente cria tantos problemas na nossa cabeça que a gente começa a pensar: o problema sou eu. Sendo que o problema na verdade é simplesmente pensar desse jeito. O problema é quando você acha que todo mundo é perfeito e só você que não é. Quando você não enxerga o valor que você tem. Quando você não se permite recomeçar, quando você não vê mais esperança, Deus te criou com tanto amor que Ele tem sonhos incríveis pra você. Não desista, você não é um problema. (Ana Lídia Lopes, ***“Você não é um problema!”***<sup>108</sup>)

Eu acho que nada aconteceu por acaso. Tudo o que eu passei com o meu cabelo de querer alisar ou toda a insegurança que eu tive durante a minha vida inteira de me achar feia por causa do meu cabelo e me achar feia fisicamente também quando era adolescente e criança, todas essas coisas eu dou glórias a Deus por elas porque me acrescentaram pra que eu pudesse falar com propriedade de um assunto que é autoestima, autoaceitação, autoconfiança. [...] Eu tô aqui pra glória de Deus e pra ajudar vocês no que eu puder, num pouquinho que eu puder fazer parte da sua vida. Eu me sinto muito lisonjeada, muito honrada, muito feliz. (Rayza Nicácio, ***“Como tudo começou por Rayza Nicácio.”***<sup>109</sup>)

Eu não devolvi só a possibilidade do cabelo cacheado, eu devolvi a confiança a partir das minhas palavras, a partir do que eu acredito e é nisso que eu tenho que trabalhar, saca? Esse que é o ponto. Se tem gente que precisa de mim com o cabelo cacheado pra continuar usando o cabelo cacheado ta errado, porque o que eu quero, a minha influencia na sua vida é mais do que você aceitar o seu cabelo. E claro que isso é honroso e glorioso e eu amo, mas é você de frente com o seu espelho. [...] Eu quero dizer que eu amo vocês de todo o meu coração, amo vocês de verdade. Eu oro por vocês, vocês estão nas minhas orações e eu falo assim: “Senhor, eu tenho um papel nessa geração”. Não é a toa que eu to aqui, não é a toa a minha indignação, não é a toa a minha inquietação. Eu sou uma pessoa inquieta de modo geral em relação as coisas que estão acontecendo no mundo, mas eu falo do que eu quiser também ta? (Rayza Nicácio, ***“Abrindo o meu coração sobre as últimas polêmicas.”***<sup>110</sup>)

<sup>106</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OlgJNK4xIj4&t=3s> Acesso em: 23/09/2021

<sup>107</sup> Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=XWbD6RO\\_8OA](https://www.youtube.com/watch?v=XWbD6RO_8OA) Acesso em: 28/06/2021

<sup>108</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=XnhZS4Dmic8> Acesso em: 01/10/2021

<sup>109</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=V15pJmZDIms> Acesso em: 03/03/2021

<sup>110</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=BVQvH0XCV1Q> Acesso em: 05/10/2021

É uma questão de aceitar sabe? O seu cabelo. De você entender que aquilo é pra você. Porque eu acredito que tudo que Deus faz é assim, tem um propósito. Se o meu cabelo é dessa forma foi porque ele criou desse jeito. Se meu cabelo é assim, foi porque Deus fez em mim, é pra ser em mim. Da mesma forma com você. Ele te criou! Ele já sabia como que seria desde antes de você nascer. Então, é um presente dele pra você, sabe? Tudo em você é feito por Deus. [...] É engraçado como isso é forte, como isso é perceptível, né? As coisas que Deus faz. Porque o meu cabelo ele é assim, ele desenha bem o meu rosto, ele fica bem em mim. Não porque eu não goste de outros tipos de cachos, é porque esse foi feito em mim. Esse é pra mim. Eu não consigo me imaginar com outro tipo de cabelo. Então, assim deve ser com você. O seu cabelo foi feito pra você, ele combina com você, ele é a sua cara. Então, você tem que se adaptar a ele, você tem que aceitar ele da forma que ele é. [...] O que eu percebo que tem muito na internet aquelas meninas que querem saber (*o tipo de cacho*) pra trabalhar o cabelo delas e chegarem naquele tipo que elas acreditam que é o melhor pra elas. Não é, porque voltando tudo o que eu disse, foi Deus que te criou, foi Deus que fez você dessa forma, foi Deus que fez o seu cabelo, foi Deus que moldou tudo em você. Então, não há por que ser diferente, não há por que você querer ter um cabelo igual de outra, sendo que Deus fez o seu da forma que ele é. (Steffany Borges, *“Crises de identidade e falta de amor-próprio.”*<sup>111</sup>)

É perceptível nestas passagens a atribuição feita sobre passar pela transição capilar e da aceitação do cabelo natural com propósitos religiosos. Com destaque nas falas de Ana Lídia e Rayza que imputam o período na qual alisavam os cabelos e rejeitavam os cachos como desígnio divino para que pudessem passar pela transição e aceitar o cabelo natural. Steffany também se propõe a expor em seu discurso que o tipo de cabelo que uma pessoa possui é um propósito de Deus, já que, em seu entendimento, este fez cada pessoa de forma única e perfeita. Portanto, a aceitação do próprio cabelo perpassa pela noção divina de que cada indivíduo é singular.

Dentro dessa perspectiva, Ana Lídia expressa que um caminho para driblar as dificuldades do período de transição é estabelecer a confiança no amor divino para superar os entraves que podem ocorrer durante o processo. Além disso, tanto Ana Lídia como Rayza atribuem a influência exercida por elas na internet a um propósito divino, denominando esse fato como uma missão de Deus no auxílio a pessoas que buscam sua autoaceitação e, por essa razão, comprehende isso como uma responsabilidade perante seus milhares de inscritos no Youtube.

Esse tipo de atribuição religiosa não aparece nos vídeos analisados de Nátaly Neri e Amanda Mendes, já que muito da atribuição dada ao processo de transição por estas influenciadoras se vincula mais a uma tentativa de resgate das raízes afro-brasileiras, como se pode verificar em menções anteriores aqui expostas.

---

<sup>111</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=OWuIjVTdN8c> Acesso em: 17/09/2021

## 7 CONCLUSÃO

O decorrer desta pesquisa buscou analisar os sentidos atribuídos à transição capilar por parte de cinco influenciadoras digitais negras brasileiras. Nesse sentido, procurou-se, a partir de uma retomada histórica e sociológica, compreender as origens da rejeição aos traços negros, assim como seu atrelamento a adjetivos negativos. Foram verificados, a partir das falas das influenciadoras digitais, os impactos que esse discurso originou em suas vidas.

Dessa forma, a partir das falas das influenciadoras, foi possível identificar as dificuldades que encararam com relação aos seus cabelos naturais, a falta de autoestima vinculada à construção social na qual cabelos crespos e cacheados não são aceitos. Outros aspectos citados referem-se à ausência de representatividade em meios midiáticos, assim como a reprodução de um discurso racista dentro do âmbito familiar. Tais razões levaram-nas a optar pelo alisamento dos fios em um determinado período de suas vidas.

É perceptível no discurso das influenciadoras a busca por um diálogo propositivo junto ao seu público com o intuito de conscientizar pessoas a não reproduzir termos e expressões de cunho preconceituoso relacionado aos cabelos, principalmente perto de crianças crespas e cacheadas para que estas não desenvolvam, assim como ocorreu em suas respectivas infâncias, uma relação de rejeição aos cabelos e, a absorção de padrões de beleza ou estereótipos negativos sobre seus cabelos.

A transição capilar aparece, então, como um instrumento de inspiração no resgate de uma boa relação com os cabelos, chegando a alcançar mudanças comportamentais que vão além da aparência exterior. Ou seja, as influenciadoras analisadas relataram sobre como a transição capilar possui um sentido de mudança mais interior, a forma como passam a enxergar seus cabelos naturais outrora prejudicada pela prevalência de um “consenso” de que o crespo e o cacheado não eram dignos de beleza. Um sentido relacionado para além da aparência, de uma libertação de padrões estéticos previamente estabelecidos.

Como menciona Braga (2015) sobre a negação da beleza dos traços negros frutos do racismo estrutural no contexto brasileiro, as influenciadoras acabam por descrever como essa negação interferiu em suas autoestimas ao ponto de a transição capilar se tornar um primeiro passo para a quebra de pensamentos negativos sobre seus cabelos, tratando-se de uma retomada de descoberta da própria identidade, caracterizando o processo como libertador também no campo do reconhecimento. Além disso, o compartilhamento de experiências e relatos sobre a transição capilar torna as influenciadoras fontes de inspiração para outras mulheres que buscam passar pelo mesmo processo. Algo que pode ser encontrado, por exemplo, na menção feita por Amanda Mendes, ao citar Rayza Nicácio, como uma referência durante o seu processo de transição capilar.

As descrições feitas pelas influenciadoras analisadas sobre o reconhecimento enquanto pessoas negras trouxeram aspectos que se assimilam a ideia proposta por Fanon (2008) sobre o tema, onde a consciência da própria negritude perpassa pela relação com o outro. Nisso, a transição capilar viabilizou esse processo por ter sido um elemento fundamental na reflexão sobre suas respectivas identidades. A partir dos relatos das influenciadoras sobre as dificuldades encontradas durante esse percurso, o cabelo torna-se elemento identitário de maior destaque, em detrimento a cor da pele, na elaboração do próprio reconhecimento.

Chama a atenção que na afirmação da própria e identidade e seu reconhecimento, as influenciadoras reforçam ainda mais a defesa de uma quebra com padrões estéticos impostos, além de expressarem o entendimento de que a manutenção do cabelo crespo e cacheado possui conotações políticas e de resistência. Destacam-se as falas de Amanda Mendes ao defender que a imposição de padrões de beleza não se sustenta pelo fato da singularidade que cada ser humano possui.

Destaca-se também o entendimento desta influenciadora de que independente das razões que levam uma pessoa a assumir o cabelo natural, ela merece respeito e não deve estar sujeita a comentários negativos, nem viver vulnerável a um enquadramento de beleza. Dessa forma, Amanda também reforça a compreensão de que a transição capilar é uma mudança

ocorrida em sua maior parte no interior, principalmente quando afirma que seu cabelo só “encrespou” pelo fato de querer mudar por dentro. E essa mudança possibilitou atribuir ao seu cabelo um sentido político, voltado para a resistência de atribuições racistas.

O mesmo pode ser encontrado nas colocações de Nátnaly Neri, quando afirma que a sua existência e permanência em determinados lugares se caracteriza como um ato de resistência. Também reforça que o reconhecimento através da estética pode impactar um determinado imaginário coletivo ao ponto de promover mudanças, de quebra de preconceitos assim auxiliando na construção de identidade individuais de forma mais positiva e com menos interferências advindas do racismo estrutural.

Muito embora, Nátnaly e Amanda reconheçam as dificuldades que ainda permanecem após a transição capilar como, por exemplo, no mercado de trabalho onde há espaços que rejeitam a manutenção de tranças ou do cabelo Black, ainda dentro de uma lógica de “adequação” da aparência (Gonzalez, 2020). Deixando claro, dessa forma, que o processo de resistência não se caracteriza como imediato, mas sim parte de uma lógica gradativa.

Já Rayza Nicácio expressa o orgulho de seus cabelos naturais também como ato de resistência no enfrentamento ao que chama de “verdades absolutas” que lhe eram impostas, também reforçando a compreensão do cabelo enquanto expressão da identidade e do próprio reconhecimento. Ou seja, pode-se perceber que há uma associação política entre transição capilar e manutenção do crespo e cacheado sem necessariamente haver um intuito de politizar explicitamente o tema, convergindo com a ideia de Gomes (2006) ao entender o cabelo crespo e cacheado como manifestação política.

Com relação a como as influenciadoras compreendem o racismo, pode-se perceber a presença de ambiguidades nas atribuições relatadas pelas analisadas. Essas ambiguidades perpassam tanto o racismo enquanto prática assim como sua reprodução, como também o entendimento de que este é resultado dos processos sociais que o reforçam. A identificação de práticas racistas relatadas pelas influenciadoras apresentou-se como flutuantes entre essas duas dimensões.

A influenciadora Amanda Mendes, embora inicialmente expresse uma percepção de que o fim ou, ao menos, a diminuição do racismo dependa de uma mudança de atitude pessoal baseada no respeito, relata sobre a quantidade de críticas negativas que recebeu em seu canal pelo simples fato de não aceitarem seu cabelo, algo que é alvo de justa indignação por parte da influenciadora. Compreendendo o racismo como fruto da propagação de adjetivos pejorativos, ou seja, uma reprodução estrutural.

Náty Neri expressa consciência da existência de um racismo estrutural, algo que, em suas palavras, está na base da sociedade. Deixa nítida que a prática racista não se resume a xingamentos ou violências físicas, mas se expande e se reflete em outros tipos de violência, como a negação dos traços negros pautada na hierarquização e inferiorização destes.

No caso de Ana Lídia Lopes e Steffany Borges, existe uma vinculação do racismo a práticas discriminatórias individuais, algo que pode ser modificado a partir do momento em que o indivíduo que sofre preconceito passa a se “aceitar” e se “amar”. Ana Lídia associa o racismo como fator de destruição da autoestima e convida suas interlocutoras a “jogar fora” da história delas o preconceito vivido, para que possam se libertar daquilo que as impede de serem felizes. Já Steffany atribui um sentido ao termo discriminação como “muito forte” e, portanto, não denomina os “apelidinhos” que sofreu por conta da aparência como prática discriminatória, embora nitidamente assim sejam. Ainda comprehende o preconceito como algo que decorre da “falta de amor” ao próximo, ou seja, também vinculando o racismo a uma prática resumida em atitudes meramente individuais.

Já Rayza Nicácio, em passagens mais antigas também concorda com as formulações de Ana Lídia e Steffany ao defender que a mudança de práticas discriminatórias começa a partir do momento em que o indivíduo passa a se aceitar e, assim, passar a demandar por mudanças em estruturas poderosas, como a mídia por exemplo. Ou seja, a mudança parte de um ponto individual para que ocorram transformações estruturais. Ao mesmo tempo, demonstra em seus relatos o caráter estrutural do racismo quando menciona que pessoas reproduzem discursos racistas por aprenderem isso como “correto” socialmente, algo que de certa maneira contradiz sua percepção anterior. Outro aspecto em seu discurso se refere a identificação de práticas preconceituosas que sofreu, embora inicialmente não nomeie como discriminação determinadas situações de constrangimento que passou por causa de adjetivações negativas ao seu cabelo, posteriormente acaba reconhecendo que essas situações foram práticas racistas de fato.

Apresentaram-se, dessa forma, as ambivalências no discurso das influenciadoras sobre como comprehendem o racismo tanto de maneira impessoal, como também através de experiências próprias, algo que como afirma Gomes (2006) demonstra o caráter marcado por contradições que envolvem as relações raciais no Brasil.

A compreensão sobre a relação entre a transição capilar e feminilidade, assim como as dimensões sobre empoderamento apresentados pelas influenciadoras são aspectos que apresentam tanto relações voltadas para a quebra de valores opressores, como também na reprodução de expressões que ainda remetem a uma padronização de um ideal de feminilidade.

A influenciadora Amanda Mendes expressa junto às suas interlocutoras a necessidade de se preparar o psicológico quando se passa pelo *big chop*, reforçando que a ideia de beleza é algo bastante relativo e que, portanto, se faz necessário uma mobilização de mudança de pensamento ao associar a feminilidade com o tamanho do cabelo, compreendido por ela como fruto de uma construção social.

Isso é percebido por Ana Lídia Lopes, quando discorre sobre as inseguranças que passou a partir do momento em que fez o *big chop*. Nesse sentido, a influenciadora propaga para seu público que, depois desta experiência, passou a “se desapegar” de elementos que se renovam como os cabelos. Procurando incentivar seus espectadores a não se sujeitarem aos padrões de feminilidade impostos socialmente, já que comprehende este momento da transição capilar como um fator que pode levar ao desestímulo do processo. Reforça ainda a defesa de que a personalidade é algo mais relevante sobre “ser feminina” do que algo associado ao comprimento dos fios.

No caso de Steffany, como visto, pode-se perceber a reprodução de expressões que reforçam a associação entre tamanho do cabelo e feminilidade, principalmente quando associa um cabelo mais curto a algo “masculino” ou sugerindo formas de se trazer uma maior “feminilidade” ao corte, embora discorra sobre as dificuldades que mulheres em transição capilar passam nesta etapa, algo que fica nítido quando faz sugestões às interlocutoras de se fazer o corte das partes alisadas aos poucos. Isso, de certa forma, demonstra a persistência de discursos que reverberam padrões de gênero em um ambiente onde a ideia de autoaceitação e libertação de padrões de beleza são tão estimulados.

Já Nátaly Neri, como pode ser percebido, assume o quanto o ideal de feminilidade e a não aceitação de se ver com os cabelos curtos a influenciou durante a transição capilar, resultado do seu sentimento de insegurança. Algo que, em suas palavras, ainda não estava “transicionado” já que estava sob a influência estrutural do ideal de feminilidade. E, nesse sentido, comprehende a ideia de empoderamento como algo associado à libertação de amarras como esta.

Há nestes relatos de Nátaly uma associação entre a necessidade de “transicionar” as ideias socialmente construídas que absorveu sobre feminilidade com a percepção de empoderamento vinculado ao despertar de uma consciência política, onde o ato de “se amar” numa sociedade que historicamente ensinou a mulher negra a se odiar se torna um ato político. O sentido atribuído à ideia de empoderamento feita pela influenciadora não se resume a questões estéticas, onde mesmo assim comprehende estas questões como catalisadoras para outros tipos de empoderamento.

Neste caso, temáticas como a ligação entre feminilidade e tamanho dos cabelos levou-a a reflexões mais aprofundadas sobre padrões sociais de raça e gênero que acabam por destruir a autoestima de mulheres negras, dentro de lógicas de reprodução do preconceito e da exclusão. Algo que se vincula não apenas a uma ideia de empoderamento individual, mas pautado no questionamento do racismo estrutural, defendido pela influenciadora como parte de um processo coletivo.

Já influenciadoras como Amanda e Steffany deram mais ênfase no entendimento que o empoderamento é um mecanismo de quebra de enquadramentos estéticos, ainda que reforcem um caráter coletivo deste empoderamento. Enquanto Amanda denomina o ato de empoderar-se como resultado da troca de experiências junto com as suas interlocutoras, próximo de um discurso voltado para uma prática de “autoajuda” efetuada de maneira coletiva. O mesmo é encontrado no discurso de Steffany que ainda associa o empoderamento a um processo de autoconhecimento, que torna uma pessoa mais segura e autêntica. Ou seja, mais próximo do conceito de empoderamento “liberal”, como assim foi exposto.

Já com relação à possibilidade do estabelecimento de novos padrões de beleza dentro da visibilidade alcançada pelas influenciadoras por conta da transição capilar, no sentido de se criar um ambiente onde haja um padrão de beleza de cabelos crespos e cacheados, ressalta-se a homogeneidade nos relatos obtidos, uma vez que todas as cinco influenciadoras rechaçam a reprodução de um discurso que vise a hierarquização dos tipos de cachos ou a promoção de um tipo de “cacho perfeito”. A defesa da transição capilar enquanto uma escolha e não algo impositivo a toda crespa e cacheada que eventualmente alisa seus cabelos é parte de seus argumentos

Essa convergência entre as influenciadoras pode reforçar-se também na perspectiva da singularidade de cada indivíduo, e, dessa forma, todo tipo de cacho deve ser valorizado. É relevante também mencionar a rejeição que as cinco influenciadoras expressam sobre comparações estéticas, onde recusam-se a propagar um discurso pautado na competição entre mulheres sobre quem tem o crespo/cacheado considerado “ideal”.

Com relação à vinculação com empresas de cosméticos e o consumo, como foi percebido, as influenciadoras trazem alguns apontamentos diferentes. Ana Lídia e Razya Nicácio convergem ao relatarem que entendem que a visibilidade dada pelo mercado de cosméticos para crespos e cacheadas é resultado da demanda das consumidoras. Destaca-se a fala de Ana Lídia quando afirma as empresas não produziam linhas de produtos voltados ao público crespo e cacheado pelo fato de esse público não aceitar, anteriormente, o formato

natural do cabelo. E que, a partir do momento em que houve a popularização dessa aceitação, as empresas passaram a notar mais esse público consumidor.

Rayza Nicácio também traz formulações próximas dessa ideia de Ana Lídia quando afirma que houve uma inversão da lógica de influência. Se antes o mercado de cosméticos ditava os padrões de beleza, agora são os consumidores que pautam suas demandas junto ao mercado. Ou seja, compreendem que há uma responsabilidade maior do público consumidor do que do mercado de cosméticos na ampliação da visibilidade de crespas e cacheadas.

Já Nátnaly Neri, enxerga esse panorama de forma mais crítica, embora celebre a visibilidade maior da população negra junto a esse mercado. A influenciadora também defende que essa maior visibilidade deve vir acompanhada de uma maior proporcionalidade, haja vista que compreende o sistema capitalista como reproduutor de desigualdades e, portanto, como fruto da capacidade de mobilização a demanda por maior proporcionalidade da representação da população negra na promoção de produtos voltados para o cabelo crespo e cacheado.

Por fim, a relação entre transição capilar e a fé, aspecto que como mencionado anteriormente, inicialmente não estava planejado como ponto a ser abordado sobre os sentidos atribuídos à transição capilar. Foi percebido nas falas de influenciadoras como Ana Lídia, Rayza Nicácio e Steffany Borges a associação religiosa, voltada para a fé cristã, com a transição capilar tanto no que se refere à crença em Deus para se motivar durante o processo de transição. Também é notória a utilização de um apelo religioso ao associar a aceitação do cabelo natural com a aceitação da forma como Deus “te criou”.

A vinculação religiosa ocorre também com a propagação de um discurso voltado para a compreensão de que há um propósito divino na influência que exercem na internet, como é assim atribuído por Rayza Nicácio, assim como o entendimento de que os sofrimentos passados antes e durante o processo de transição capilar foram “benéficos” para que se tornassem pessoas melhores, algo como uma espécie de penitência ou provação.

Dessa forma, a ligação feita por Ana Lídia, Steffany e Rayza da transição capilar como parte de um processo conscientização religiosa numa perspectiva cristã, está presente o reforço de propósitos religiosos voltados para uma ideia de ascendência pessoal ditada pela fé. A menção religiosa é feita de forma diferente por influenciadoras como Nátnaly Neri e Amanda Mendes, que possuem discursos mais voltados para a associação entre transição capilar e resgate de raízes, de conhecimentos dos antepassados que tinham os cabelos como forma de expressão de seus ritos religiosos, próximos das religiões de matriz africana. Diferentemente do sentido atribuído pelas influenciadoras que professam com frequência suas concepções cristãs.

Ou seja, como pode ser visto no decorrer desta investigação, há a nítida presença de uma politização nos sentidos atribuídos à transição capilar por parte das influenciadoras aqui analisadas, convergente com as formulações de Fairclough (2012) sobre as dimensões políticas do discurso. Nesse sentido, ficou claro que as dimensões políticas apresentadas nos relatos das influenciadoras perpassam tanto pela via da elevação de estima pessoal, onde o empoderamento é atribuído a uma perspectiva individual e que pode ser alcançada pela via da fé. Assim como há a presença de sentidos voltados para o engajamento coletivo e não apenas resumido a questões pessoais, como foi percebido através dos discursos de Nátaly Neri e, em certa medida, no de Amanda Mendes.

Fato é que se demonstra nesta investigação a multiplicidade de sentidos que são atribuídos sobre a transição capilar por parte das influenciadoras selecionadas, uma amostra das contradições, convergências e aspectos discrepantes que estão intimamente relacionadas com a realidade das relações raciais no contexto brasileiro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, J. Z. “Estratégias e políticas de combate à discriminação racial na mídia”. In: MUNANGA, K (org.). *Estratégias e políticas de combate à discriminação racial*. São Paulo: EdUSP, 1996.
- BAIRROS, Luiza (1995). **NOSSOS FEMINISMOS REVISITADOS. Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2. p. 458-463
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução: Luís Augusto Pinheiro. São Paulo: Edições 70, 2016
- BARQUEIRO, Rute Vivian Angelo. **EMPODERAMENTO: INSTRUMENTO DE EMANCIPAÇÃO SOCIAL? – UMA DISCUSSÃO CONCEITUAL.** *REVISTA DEBATES*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012.
- BENTO, Maria Aparecida Silva (1995). **A MULHER NEGRA NO MERCADO DE TRABALHO. Estudos Feministas**, Florianópolis, n. 2. p.479-488
- BENTO, Maria Aparecida Silva. **Branqueamento e branquitude no Brasil**. In: CARONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva; PIZA, Edith. *Psicologia social do racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 01- 30
- BRAGA, Amanda. **História da beleza negra no Brasil**: discursos, corpos e práticas. São Carlos: Edufscar, 2015.
- BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- CALDWELL, KIA LILLY (2000). **Fronteiras da diferença: raça e mulher no Brasil.** *Revista De Estudos Feministas*, v.8. n.2, Florianópolis

CAMARGO, Karina de; MEDEIROS, Priscila Martins. **A transição capilar nas mídias digitais: identificações em processo e representações em disputa.** *Áskesis*|v.8|n.1|Janeiro/Junho-2019|117-130

CANCLINI, Nestor García. **Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização.** Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2001.

CARNEIRO, Sueli. (1995) **GÊNERO, RACIA E ASCENSÃO SOCIAL.** Estudos Feministas, Florianópolis, n. 2. p. 544-552

\_\_\_\_\_ **Mulheres em Movimento. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 49, n. 17, p.117-132, fev. 2003.

CARNEIRO. Sueli e SANTOS, Tereza. **Mulher negra.** São Paulo, Conselho Estadual da Condição Feminina/Nobel, 1985.

COLLINS, Patricia Hill. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment.** New York: Routledge, 1991.

COSTA, Ana Alice. “**Gênero, Poder e Empoderamento de Mulheres**”. Disponível em: <[http://www.agende.org.br/docs/File/dados\\_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf](http://www.agende.org.br/docs/File/dados_pesquisas/feminismo/Empoderamento%20-%20Ana%20Alice.pdf)> Acesso: 16 nov. 2021

COSTA, Jurandir Freire. Prefácio in: SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascenção Social.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

CRENSHAW, Kimberlé W. A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero. In: Formação em Direitos Humanos [Internet]. **São Paulo: Ação Educativa; set. 2012.** Disponível em <<https://bit.ly/2MUhZHP>> Acesso em: 29 nov. 2021

\_\_\_\_\_, “Mapping the margins: intersectionality, identity politics and violence against women of color”. In: Fineman, Martha Albertson & Mykitiuk, Roxanne (orgs.). **The public nature of private violence.** Nova York, Routledge, 1994, pp. 93-118

DAVIS, Angela. 1994. “**Afro Images: Politics, Fashion, and Nostalgia.**” *Critical Inquiry* 21 (1) (Autumn): 37-45.

\_\_\_\_\_ **MULHERES, RACIA E CLASSE.** São Paulo: Boitempo, 2016.

DEVULSKY, Alessandra. **Colorismo.** São Paulo: Jandaíra, 2021.

DIAS FILHO, A. J. **As mulatas que não estão no mapa.** *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 6/7, p. 51-66, 2010. Disponível em <<https://shre.ink/HV7>> Acesso em 25 abr. 2021

FAIRCLOUGH, Norman. **ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO COMO MÉTODO EM PESQUISA SOCIAL CIENTÍFICA**. Tradução de: Iran Ferreira de Melo. **Linha D'água**, São Paulo, p.307-329, out. 2012.

\_\_\_\_\_ **Language and power**. Londres: Longman, 1989.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: Edufba, 2008.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. 5<sup>a</sup> edição Editora Globo, 2008.

FIGUEIREDO, Ângela. “**Cabelo, cabeleira, cabeluda e descabelada**”: Identidade, Consumo e manipulação da aparência entre os negros brasileiros. XXVI Reunião Anual da Associação Nacional de Pós- Graduação e pesquisa em Ciências Sociais, Caxambu, Outubro de 2002.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 3.ed. Porto Alegre: Bookman, 3<sup>a</sup> ed., 2009.

FRASER, Nancy. **Da redistribuição ao reconhecimento? Dilemas da justiça numa era “pós-socialista”**. **Cadernos de campo**, São Paulo, nº 14/15, p.231-239, 2006

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande e Senzala**. 48<sup>a</sup> Edição São Paulo: Global Editora, 2003.

GIACOMINI, Sonia Maria. **Beleza Mulata e Beleza Negra. Estudos Feministas**, v. 1, p.2.17-227, 1994.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo, Atlas, 1987.

GILL, ROSALIND. (2002) Análise do discurso. In Bauer, M., & Gaskell, G. (Orgs.) **Pesquisa Qualitativa com texto, Imagem e Som. Um manual prático**. Petrópolis, RJ: Vozes. p.244-270

GILLIAM, ANGELA; GILLIAM ONIK'A (1995) **NEGOCIANDO A SUBJETIVIDADE DE MULATA NO BRASIL**. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 2. p. 525-543

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raíz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra**. Belo Horizonte: Auntêntica, 2006.

\_\_\_\_\_ **Trajetórias escolares, corpo negro e cabelo crespo: reprodução de estereótipos ou ressignificação cultural?** *Revista Brasileira de Educação* [online]. 2002, n.21, pp. 40-51.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano : ensaios, intervenções e diálogos** / organização Flavia Rios , Márcia Lima.. — 1a ed. — Rio de Janeiro : Zahar, 2020.

- GUIMARÃES, S. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: FUSP; Editora 34, 2002.
- HAMLIN, C.; L.; PETERS, G. **Consumindo Como Uma Garota: Subjetivação E Empoderamento Na Publicidade Voltada Para Mulheres**. Em: **Revista Lua Nova, nº 103, jan/abr, 2018**.
- HIRATA, Helena (2014). "Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais". **Tempo social**, vol. 26, n. 1, pp. 61-73.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2015.
- HOOKS, bell. **Alisando o nosso cabelo**. Revista Gazeta de Cuba – Union de escritores y artista de Cuba, Tradução Lia Maria dos Santos, p. 1-8, Jan-Fev. 2005. Disponível em: <http://coletivomarias.blogspot.com/.../alisando-o-nossocabelo.html> Acesso em: 20 ago. 2019
- \_\_\_\_\_ **E eu não sou uma mulher?** Editora Rosa dos Tempos, 2019
- \_\_\_\_\_ **Olhares negros**. Editora: Elefante, 2019
- HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; MEIRELLES, Giselle. **Problematizando o conceito de empoderamento**. In: Seminário Nacional Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis, 2., 2007
- IÑIGUEZ, L. Prática da Análise de Discurso. IN: **Manual de Análise de Discurso em Ciências Sociais**. Petrópolis, Vozes, 2004.
- KABEER, Naila. (1999), "Resources, Agency, Achievements: reflections on the measurement of women empowerment." In: **Development and Change**. Vol. 30, p. 435-464. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/1467-7660.00125> Acesso em 23 de novembro de 2021.
- LIMA, Solange Martins Couceiro de. **Reflexos do racismo à brasileira na mídia**. *Revista USP*, São Paulo, n. 32, p. 56-65, 1996.
- LOPES, M.A.O. **Imagens da beleza negra**. Projeto História: corpo e cultura, São Paulo, v.25, p.413-421, jul./dez. 2002
- MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais**: linguagens, ambientes e redes. Editora Vozes Limitada, 2014.
- MATTOS, Patrícia. **O Reconhecimento, entre a Justiça e a Identidade**. In: **Revista Lua Nova, nº63**, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MISKOLSI, Richard. **Sociologia digital: notas sobre a pesquisa na era da conectividade.** In: **Contemporânea** (Revista Semestral do Departamento e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar), v.6, n.2, p.275-292, jul. 2016

MIZRAHI, Mylene. **Cabelos Ambiguos: beleza, poder de compra e “raça” no Brasil urbano.** **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 30, n. 89, p. 31-47, out. 2015.

MUNANGA, Kabenguele. Prefácio in: GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos da identidade negra.** Belo Horizonte: Auntêntica, 2006.

NEVES, Paulo Sérgio da C.. **LUTA ANTI-RACISTA: entre reconhecimento e redistribuição.** **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 20, n. 59, p.81-96, 2005.

PEQUENO SOARES, Anita Maria. **CABELO IMPORTA: os significados do cabelo crespo/cacheado para mulheres negras que passaram pela transição capilar.** [Dissertação de mestrado]. Recife: Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPE, 2018.

ROCHA, Maria Eduarda. 2009. **A nova retórica do capital: a publicidade brasileira em tempos neoliberais.** São Paulo: Edusp.

SAMPAIO, Rodrigo P.A; FERREIRA, Ricardo Franklin. **Beleza, identidade e mercado. Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 1, p. 120-140, abr. 2009

SANTOS, Jocélio Teles dos. **O negro no espelho: imagens e discursos nos salões de beleza étnicos.** *Estud. afro-asiát.* [online]. 2000, n.38, pp.49-65. ISSN 0101-546X. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-546X2000000200003>.

SANTOS, Neuza Souza. **Tornar-se Negro ou as Vicissitudes da Identidade do Negro em Ascenção Social.** Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1983.

SARDENBERG, Cecília. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista** (transcrição revisada da comunicação oral apresentada ao I Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO, NEIM/UFBA, Salvador, 2006, ampliado na versão 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/6848>>. Acesso em: 23 de novembro de 2021.

SCHWARCZ, Lilia Mortiz, **O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930.** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SOBOTTKA, E. A. (2016). Desrespeito e luta por reconhecimento. **Civitas - Revista De Ciências Sociais**, 15(4), 686-702.

SOUZA, Jessé. **Uma teoria crítica do reconhecimento**. **Lua Nova**, São Paulo, n. 50, p.133-158, 2000.

STROZENBERG, Ilana. **O apelo da cor: percepções dos consumidores sobre as imagens da diferença racial na propaganda brasileira**. **Comunicação, Mídia e Consumo**, v.2, n.4, p.199- 220, jul. 2005.

VIANA, Géssica de Castro Silva; CARRERA, Fernanda Ariane Silva. **“A (in)visibilidade da mulher negra youtuber”**. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**. 2019 out.-dez.;13(4):707-24